
NÓS PREGAMOS

A Prioridade e a Prática da Pregação Apostólica

JERRY JONES



WORD AFLAME PRESS
HAZELWOOD, MO



WORD AFLAME PRESS
8855 Dunn Road, Hazelwood, MO 63042
www.pentecostalpublishing.com

© 2016 por Jerry Jones

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema eletrônico ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outra forma, sem a permissão prévia da Word Aflame Press. Breves citações podem ser usadas em revisões literárias.

Todas as citações das Escrituras são da Versão Revista e Atualizada (RA), traduzida por João Ferreira de Almeida, a menos que indicado de outra forma. Direitos reservados pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), e está no domínio público.

Impresso nos Estados Unidos da América Design da capa por Timothy Burk.

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso

Nomes: Jones, Jerry, 1952 - autor.

Título: Nós Pregamos: A Prioridade E A Prática Da Pregação Apostólica / Jerry Jones. Descrição: Hazelwood: Word Aflame Press, 2016. | Inclui referências bibliográficas.

Identificadores: LCCN 2016033490 (impressão) | LCCN 2016033959 (ebook) | ISBN 9780757750441 (artigo papel) | ISBN 9780757750458 (espanhol: artigo alcalino) | ISBN 9780757751974 () | ISBN 9780757751981 (Espanhol)

Assuntos: LCSH: Pregação.

Classificação: LCC BV4211.3 .J656 2016 (impressão) | LCC BV4211.3 (ebook) | DDC 251 - dc23

Registro LC disponível em <https://lcn.loc.gov/2016033490>

Em memória de meu pastor,
A. E. Carney, e com agradecimento a todos aqueles que me deram a chance de pregar.

Conteúdo

	Prefácio	4
	Prólogo	5
	Parte Um - Nós Pregamos	7
1.	O Que É Pregar?	8
2.	A Teologia De Pregar	13
3.	Salvo Pela Pregação	22
	Parte Dois - O Pregador	29
4.	O Chamado Para Pregar	31
5.	As Qualificações Do Pregador	36
6.	Pregue A Palavra	42
	Parte Três - O Sermão: Preparação	49
7.	Os Primeiros Passos Para Preparar Um Sermão	50
8.	Que Tipo De Sermão É Esse?	60
9.	Juntando Tudo	69
	Parte Quatro - No Púlpito: Apresentação	93
10.	Obtendo E Mantendo Atenção	94
11.	A Unção	103
	Epílogo	110
	Agradecimentos	112
	Bibliografia	113

Prefácio

Uma vez, quando perguntado acerca de escrever, Saul Bellow disse: "Bem, eu não sei exatamente como isso é feito. Eu não me meto muito nisso." É assim que me sinto acerca de pregar. Eu aprendi a pregar pregando. Eu deixei a teoria por trás de tudo. Eu aprendi o que funcionou e o que não funcionou por dar chamadas ao altar que levaram ninguém ao altar, e mais vezes do que quero me lembrar de ver os olhos do povo vidrados enquanto eu pregava. A habilidade de falar em público que aprendi pregando avivamentos para multidões de trinta pessoas (ou menos), avivamentos que começaram no domingo à noite e ficaram sem interrupção até o próximo domingo à noite (com o domingo pela manhã adicionado), e começaram novamente na segunda-feira seguinte ou terça-feira e foi novamente até domingo. Foram longas semanas se eu "não conectei". Aprendi a pregar pastoralmente quando me tornei pastor e como pregar conferências e acampamentos quando comecei a ser convidado a pregar nesses tipos de reuniões.

Eu nem sempre entendi os porquês das coisas que eu sabia de ser assim. Ritmo, cadência e calculando o impacto emocional dos pontos do sermão, a fim de encontrar a maneira mais eficaz de apresentá-los, além de centenas de outras coisas importantes, eram todos mais intuição do que treinamento. Era a teoria que me faltava.

Então comecei a ser convidado para ensinar sessões acerca de pregação para pregadores aspirantes. Durante cinco anos, eu lecionei aulas de um semestre de duração acerca de pregação no Gateway College of Evangelism. Eu descobri que as pessoas não estavam realmente contentes em saber que algo é verdade só porque eu disse que era. Enquanto eles respeitavam minha experiência, eles queriam saber por que era assim. Comecei a pensar acerca da mecânica da pregação. Eu queria descobrir por que algumas coisas funcionam e outras não. Também comecei a pesquisar o que outros pregadores tinham a dizer acerca desse chamado e ofício.

Agora, eu tenho escrito este livro. Em alguns aspectos, foi uma alegria; em outros, foi um desafio real, que demorou muito para ser concluído (basta perguntar ao editor). Uma parte da luta é que ainda sou apenas um estudante dessa fascinante colaboração entre Deus e os seres humanos, e suspeito que sempre serei. Mas, principalmente, é que a tarefa de colocar algo que você aprendeu fazendo não apenas em palavras, mas em palavras compreensíveis e, portanto, ensináveis, tem sido um compromisso de anos.

Agora está pronto e certamente espero que ajude alguém.

Prólogo

Não podemos ter certeza aonde estava localizado o vale dos ossos secos, ou que calamidade o encheu de pilhas de restos mortais. Era este o local de alguma batalha, e os ossos que restavam de homens que antes lutaram aqui? Ou foi o lugar onde uma migração desventurada de uma tribo inteira chegou ao fim? Não nos é dado nenhum detalhe de como os ossos chegaram a este lugar. Talvez a mensagem seja que isso não importa: homens e mulheres chegam aos cemitérios de suas esperanças por qualquer número de caminhos.

Nessa cena de ruína e desespero, Deus chamou um homem, um ser humano, que por sua própria confissão não tinha a resposta para esse dilema de morte. “Esses ossos podem viver?” Foi a pergunta que Deus fez a esse pregador. “Tu sabes”, foi a resposta honesta. Todo pregador esteve onde ele estava, chamado para um lugar em que ele ou ela simplesmente não tinha certeza se algo poderia viver.

“Eles podem viver?” Ele olhou para o vale cheio de ossos espalhados, nada se movendo, o gemido do vento através das caixas torácicas era o único som. “Tu sabes”, era a única resposta possível.

Então veio a diretiva, “Pregue a eles”. Era uma ordem e uma promessa de uma só vez.

O comando não deveria ter sido inesperado. Afinal, ele foi chamado para pregar; era a missão de sua vida. Pregar é o que os pregadores fazem. Então ele pregou. “Oh, ossos secos, ouça a palavra do Senhor!” Suas palavras ecoaram pelo vale silencioso enquanto ele pregava aos mortos. Provavelmente a princípio não houve resposta; se um viajante passasse por ele, certamente pensaria que o pregador era louco. *Ninguém está ouvindo, ninguém está respondendo.*

Então o impossível acontece: há movimento no vale. Por vontade própria, os ossos começam a se mover quase como se por uma mão invisível. Não aleatoriamente, mas propositalmente, os ossos deslizam pelo chão do deserto, sua missão a princípio é um mistério, mas logo é clara: eles estão buscando seu lugar, juntando-se aos ossos de suas vidas anteriores. Esqueletos começam a tomar forma. A ordem está emergindo do caos: dedos nas mãos, mãos nos pulsos, caveiras nas espinhas, até que - sob o poder da pregação - caído no deserto, estão os contornos dos seres humanos. Agora, tendões e carne começam a aparecer, músculos e pele se formam sobre os ossos até que homens sejam reconhecidos, até que pareçam quase vivos.

Agora o pregador cai em silêncio. Ocorreu um milagre, a evidência a seus pés, enchendo o chão do vale. Mas e agora? Sua pregação tem efetuado uma transformação além da imaginação; que poder agora pode trazê-las para o próximo nível? O que pode colocar respiração nesses pulmões, vida nesses corpos?

“Pregue ao vento!” vem o comando.

Com menos hesitação e mais antecipação, a pregação começa novamente: “Vem dos quatro ventos, o fôlego, e entra neles!” E o fôlego vem, e os que estavam mortos são revividos e se levantam. E onde antes havia apenas a quietude da morte, agora existe um exército poderoso, vivo, forte e pronto para marchar.

A pregação ainda realiza milagres. Somente a pregação capacita um ser humano com uma mão a alcançar o mundo da necessidade humana e com a outra alcançar o mundo do poder divino, e unir esses dois mundos.

Este livro é acerca dessa parceria única entre o humano e o divino. Não é apenas um livro de instruções, embora eu espero que você encontre instruções e alguma ajuda prática para melhorar sua pregação, mas é mais do que isso. Ele explorará os aspectos mais profundos e amplos desse chamado incrível. Não vamos gastar muito tempo explorando os vários tipos de pregação, evangelísticos, homiléticos, expositivos, etc., mas focaremos em técnicas e princípios que melhorarão seu domínio sobre qualquer tipo de pregação. Vamos nos concentrar nos três ingredientes do oratório público persuasivo, que são absolutamente vitais para entender o lado humano da pregação. Ao fazer isso, discutiremos esses princípios atemporais em uma época que se orgulha de abandonar tais princípios, mas é pobre em oferecer algo para substituí-lo.

Parte Um

Nós Pregamos

“Porque tanto os Judeus pedem sinais, como os Gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos...”
Paulo

Não importa qual seja a nossa posição, a vida cotidiana em um mundo caído é uma caminhada através de um desafio da depreciação. Aqueles que frequentam nossas igrejas são diariamente bombardeados por falsos valores e crenças que depreciam a criação de Deus, por insultos pessoais e insultos gerais e pelas acusações de Satanás. Suas mentes são assaltadas por imagens escandalosas na mídia e por profanidades que são censuráveis a Deus precisamente porque degradam a criação. Eles estão sujeitos a pecados que desfiguram a imagem de Deus dentro deles. Eles sofrem imagens distorcidas de si mesmos que distorcem a verdade de Deus.

Após tal semana, não é de admirar-se que uma pessoa possa entrar na igreja com algum senso de valor...

Mas então, eles ouvem a pregação ungida, e a gravidade reverte à medida que as pessoas sentem um puxar para o céu. O sermão revela o caráter de Deus, que infunde toda a vida com significado e majestade. O sermão conta quem somos à vista de Deus: criado à imagem divina, amado além da descrição, destinado à glória. O sermão descobre pecados - depois anuncia como ser redimido. O sermão honra a moralidade que exalta a humanidade. O sermão pressupõe que as pessoas possam pensar e discernir acerca da vida e o Livro da Vida. O sermão apela à vontade, tratando as pessoas como agentes responsáveis cujas escolhas são importantes para sempre. O sermão prega Cristo Emanuel, santificando para sempre a carne humana, segundo Adão que um dia ressuscitará os crentes à sua semelhança. Um sermão é a dose mais intensa de dignidade que qualquer pessoa pode receber.

Craig Byan Larson

Antes de começarmos tratar como pregar melhor, vamos falar acerca de alguns dos fundamentos: o que exatamente é a pregação? Por que pregamos da maneira que fazemos? A pregação como fazemos é bíblica ou é apenas tradição? A pregação tem algo a ver com a salvação, ou é apenas uma daquelas coisas que fazemos para completar um culto na igreja, não diferente do canto congregacional, receber uma oferta ou fazer um coral? É importante responder a essas perguntas para conhecer o valor desse evento marcante.

1

O Que é Pregar?

Pregar é a comunicação da verdade divina através da personalidade humana.
Phillips Brooks

Uma manifestação da Palavra Encarnada, da Palavra escrita, pela palavra falada.
Bernard Manning

O que é pregar? Boa pergunta. Muitos de nós temos testemunhado pregação quase todas as semanas durante a maior parte de nossas vidas sem pensar muito no que realmente é. Quando tentamos definir a pregação, é surpreendente o quão difícil é descrever algo tão familiar. As definições são muitas e variadas. John Stott escreve: “Expor as Escrituras é abrir o texto inspirado com tanta fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus é ouvida e seu povo a obedece.” Jay Kesler define: “A pregação se distingue de ensinamento no que pede um comprometimento e tenta levar as pessoas a um ponto de ação.” Andrew Blackwood definiu a pregação como “a verdade de Deus expressa por uma personalidade escolhida para atender às necessidades humanas.”

Em uma série de palestras acerca de pregação proferidas na Universidade de Yale, em 1877, Phillips Brooks deu o que muitos consideram a definição clássica: “Pregar”, ele disse com efeito, “é a comunicação da verdade divina através da personalidade humana”. Essa talvez seja a melhor definição de pregação já escrita porque, em poucas palavras, captura os ingredientes fundamentais que tornam a pregação mais do que simplesmente falar em público. Aqui está o que isso nos diz: *A pregação deve conter a verdade divina*. Não as opiniões do pregador, os mais recentes slogans da cultura pop, as manchetes do jornal desta manhã; deve comunicar a verdade atemporal da Palavra de Deus. O pregador não é simplesmente outra voz competindo com dez mil outras vozes por nossa atenção. Não é o valor do entretenimento, a exibição da capacidade de persuasão ou o virtuosismo multimídia que torna um sermão mais do que um discurso. É o conteúdo. Pregação lida com a verdade eterna.

A pregação deve comunicar a verdade. Ela deve ser apresentada para que pessoas de todas as esferas da vida, todos os níveis educacionais e todas as etapas do desenvolvimento espiritual a compreendam, creiam e ajam sobre sua promessa. A verdade em si mesmo tem poder. Nada precisa ser acrescentado à verdade para libertar homens e mulheres, mudar a vida das pessoas ou trazer esperança a

qualquer situação. Só precisa ser claramente comunicada para que esse poder seja liberado na vida humana.

E a pregação deve vir através dos seres humanos. Nem por anjos, nem por robôs, nem pelas altas montanhas ou pelas tardes calmas da natureza; deve vir por meio dos seres humanos. A personalidade do pregador deverá brilhar, e essa personalidade é um componente vital da coisa incrível chamada pregação. Portanto, a pregação é verdade comunicada por um ser humano.

Quando você pára para pensar nisso, é uma ocorrência estranha. Uma pessoa em pé sozinha diante de uma multidão e proclamando uma mensagem de Deus: parece estranha.

Pregar não é a escolha da humanidade; é a escolha de Deus. O povo pode analisar sua eficácia, rir dela ou declará-la antiquada demais para funcionar nos tempos modernos, mas a pregação continua sendo a escolha de Deus. Ela nunca perderá seu poder nem deixará de cumprir seu propósito. A pregação é a voz audível de Deus. Para a grande maioria de nós, a pregação é a única voz divina que jamais ouviremos. Enquanto o Senhor frequentemente impressiona as pessoas famintas com Suas palavras, ou seja, fala com elas em seus espíritos com uma voz que somente eles podem ouvir, Deus proclama a toda a humanidade Sua verdade, Seu propósito e Seu plano através da voz do pregador.

Não deveria nos surpreender que a pregação seja a comunicação da verdade divina através da personalidade humana. Afinal, a verdade não é uma coleção de fatos secos e incompreensíveis. A verdade é uma pessoa que proclamou claramente: "Eu sou a Verdade". Para conhecer essa pessoa, precisamos conhecer a pessoa e a verdade. Talvez seja porque Ele era e é uma pessoa, Ele escolheu através do filtro da personalidade humana proclamar Si mesmo ao mundo.

Manias e Modas vêm e vão, opiniões e ideias mudam como as areias do Saara, mas a pregação da verdade permanece constante, inalterada. Cada geração sente a necessidade de algo novo, para encontrar e proclamar um novo caminho. Os velhos caminhos desbotam e novos caminhos tomam seu lugar; isso é assim em quase todos os empreendimentos humanos. Mesmo na igreja, métodos, ideias, modo de vestir, música, adoração, apresentação visual, arquitetura e muitas outras coisas mudam. Mas há algumas coisas que nunca mudam; existe um constante que conecta cada geração ao longo dos tempos, e esse constante é a pregação da Palavra de Deus. Desde os profetas do Antigo Testamento, através de João Batista, até os apóstolos, encontramos esse fio comum. Estamos em terreno familiar quando lemos seus sermões, porque eles nos lembram das experiências que temos todos os domingos, quando nos reunimos com nossos irmãos e irmãs e ouvimos um pregador pregar o evangelho.

A pregação ainda apela para o coração humano. Isso é notável, não apenas porque o ato de pregar tem milhares de anos, mas também porque ela, como a maioria das coisas religiosas, tem sido alvo de ataques cada vez maiores por movimentos anticristãos, particularmente na mídia e política populares. No entanto, apesar desses esforços, estima-se que entre 130 e 150 milhões de Americanos vão à igreja toda semana. Este número significa:

- Mais Americanos se reúnem em igrejas em qualquer fim de semana do que em estádios e arenas esportivas para assistir aos jogos durante toda a temporada da NFL, NBA e NHL juntas.
- A temporada da liga principal de beisebol dura seis meses e inclui 2.420 jogos, mas neste domingo mais americanos estarão na igreja do que participarão de todos os jogos da MLB durante toda a temporada.

- Diz-se que a NASCAR é o evento esportivo mais frequentado dos Estados Unidos, com base na média de participação por evento. No entanto, haverá mais pessoas na igreja em um domingo do que participarão de todas as corridas da NASCAR pelos próximos quatro anos juntos.
- Pensa-se que o Super Bowl é o evento esportivo mais assistido nos Estados Unidos. No entanto, haverá mais Americanos na igreja neste domingo do que comparecerão ou assistirão ao Super Bowl em fevereiro próximo.
- Os filmes podem ser o passatempo mais assistido nos Estados Unidos, com 1,27 bilhão de ingressos vendidos a cada ano. No entanto, em apenas dez domingos, muitos de nós estarão na igreja do que no cinema o ano inteiro. Em outras palavras, muitos de nós estarão na igreja no próximo ano do que irão ao cinema pelos próximos cinco anos.

A maioria dos que vão à igreja ouvirá algum tipo de pregação. Visto sob essa luz, não podemos dizer que ouvir os pregadores pregarem é o passatempo favorito da América?

A pregação é central para o cristianismo, porque o cristianismo é uma religião baseada em um livro específico. A pregação ungida desse livro - a Bíblia - está no coração de tudo o que fazemos. Especialmente na Igreja Pentecostal Unida Internacional, a pregação é o principal aspecto de nossa adoração. Nossos cultos são formados em torno dela. Nossas reuniões mais populares continuam sendo as que são dedicadas quase exclusivamente à pregação. Nossas conferências, mesmo aquelas em que fazemos negócios, destacam a pregação. Isso ecoa nosso cometimento com a Palavra de Deus, um cometimento que se baseia no reconhecimento contínuo de que a pregação é um componente absolutamente vital na salvação final de uma alma.

“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.” (I Coríntios 1:21-24)

Na sociedade como um todo, a popularidade da pregação, assim como a dos pregadores, tem diminuído e aumentado. Na igreja primitiva, ser pregador era absolutamente perigoso. Estevão foi apedrejado, Tiago foi morto pela espada e, de acordo com a tradição, todos os apóstolos originais, exceto um, foram martirizados. Paulo foi decapitado. Claro, Constantino mudou tudo isso. Durante o colapso do Império Romano e da Idade das Trevas que se seguiu, a superstição encobriu os pregadores em mistério e os transformou em mais mitos do que homens. O papel da pregação diminuiu e aumentou durante os séculos passados e, enquanto acontecia, o estado da pregação era uma indicação do estado da igreja como um todo. Brown, Clinard e Northcutt em *Steps to the Sermon* discutem a ligação entre a pregação e a saúde da igreja através de dois mil anos de história da igreja:

“Sempre que o cristianismo tem feito um progresso substancial, grande e notável pregação liderou. Na história do cristianismo, houve cinco grandes séculos de crescimento e desenvolvimento. Esses mesmos cinco períodos são os cinco séculos de grande pregação: o primeiro com os apóstolos, o quarto com Crisóstomo e Agostinho, o décimo terceiro com Francisco de Assis e Domingos, o décimo sexto com Lutero e Calvino e o décimo nono com Spurgeon e Maclaren. Por outro lado, sempre que a pregação declinava, o cristianismo ficava estagnado. Na Idade das Trevas, nos séculos décimo quarto e décimo

quinto, e nos séculos décimo sétimo e décimo oitavo, na maioria dos países, a pregação era fraca e ineficaz.”

Pode-se argumentar que o rápido crescimento, o entusiasmo sustentado e o forte apelo do movimento Pentecostal - e especialmente da Igreja Pentecostal Unida Internacional - ao longo do século vigésimo são resultados diretos da ênfase contínua na pregação. Contudo, mesmo em nossas igrejas, quando outras coisas começam a ofuscar a pregação, a igreja fica fraca.

Isso é verdade simplesmente porque o poder de Deus é desencadeado pela pregação da Palavra de Deus: *“Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus.”* (I Coríntios 1:18) Minimizar a pregação é minimizar o poder de Deus. É por isso que as igrejas geralmente recorrem ao entretenimento, à teoria dos negócios, à psicologia e a milhares de outras artimanhas para colocar as pessoas no banco: não há poder onde não há pregação.

As pessoas ainda respondem quando a Palavra de Deus é pregada. Se você deseja afetar a vida das pessoas, pregue a Palavra. Se você deseja edificar uma grande igreja, formar um grande grupo de jovens ou ter um grande ministério, comprometa-se a pregar a Palavra. Encha seu púlpito não com opiniões, comentários sociais, piadas, ditados vazios, inteligência própria, exibições impressionantes de educação e especulações filosóficas eruditas; antes, preencha-o com a Palavra de Deus. Pregue a Bíblia e as pessoas virão, elas serão mudadas e seu ministério importará.

As pessoas têm fome da verdade, do que é real. Às vezes falhamos de distinguir a realidade da rotina cotidiana e das situações da vida em que todos vivemos. Isto é um erro. Esta vida é uma ilusão. Seus detalhes parecem ter importância, mas eles têm apenas um significado transitório. Abordamos a vida como se ela durasse para sempre; como se educação, sucesso ou aceitação perdurassem, mas não duram. O único mundo real é o mundo do eterno; é composto daquelas coisas que realmente perduram. Aceitar o temporário quando o eterno está ao alcance é a maior tragédia da experiência humana. Mesmo aqueles cujas vidas são pouco mais que uma dieta constante da cultura pop transmitida pela televisão, pelo cinema e pelos ciclos de notícias entendem em seus pensamentos mais profundos que certamente há mais na vida do que tem encontrado. Alcoolismo, abuso de drogas e a busca irracional de prazer sem fim são todos sintomas da busca por um objetivo e significado na vida. Até as buscas mais elevadas da vida: cultura, educação, aprimoramento pessoal, tudo soa vazio ao longo do tempo: *“Visto que... o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria.”* (I Coríntios 1:21, BKF Fiel)

Isso explica por que 130 milhões de Americanos vão à igreja neste domingo, e a maioria deles ouvirá algum tipo de pregação. No fundo, eles entendem que as respostas para suas questões estão na Palavra de Deus pregada. Nunca a pregação importava mais, e nunca a verdadeira pregação da Bíblia foi tão necessária.

Foi dito que pedir a um pregador para descrever os ingredientes de uma boa pregação é como pedir a uma vaca que analise o leite. A pregação geralmente é produzida sem uma análise cuidadosa do processo envolvido, e isso está certo. Mas quando paramos para analisar exatamente o que fazemos e como fazemos, descobrimos que, embora a pregação seja, é claro, um evento espiritual, também é uma habilidade profundamente enraizada em métodos de comunicação que podem ser aprendidos e melhorado.

É claro que como definimos a pregação, embora importante, não é tão importante quanto o que Deus nos diz que é a pregação. Para descobrir isso, agora nós voltamos para a Bíblia.

Fontes Citadas no Capítulo 1

John Stott, “A Definition of Biblical Preaching” in Haddon Robinson and Craig Brian Larson, eds., *The Art and Craft of Biblical Preaching* (Grand Rapids: Zondervan, 2005).

Jay Kesler, “Overfed, Underchallenged” in Haddon Robinson and Craig Brian Larson, eds., *The Art and Craft of Biblical Preaching* (Grand Rapids: Zondervan, 2005).

Andrew Watterson Blackwood, *The Preparation of Sermons* (Nashville: Abingdon-Cokesbury, 1948).

Phillips Brooks, *Lectures On Preaching Delivered Before the Divinity School of Yale College in January and February, 1877* (New York: E. P. Dutton, 1878).

H. C. Brown, Jr., H. Gordon Clinard, Jesse J. Northcutt, *Steps to the Sermon* (Nashville: Broadman Press, 1963).

Estatísticas Capítulo 1

Frank Newport, “In U.S., Four in 10 Report Attending Church in Last Week,” last modified December 24, 2013, accessed July 18, 2016, <http://www.gallup.com>.

Estimated attendance figures for sporting events and movies in recent years:

NFL 2014	17.4 million
NBA 2014–15	21.9 million
NHL 2013–14	22.3 million
MLB 2014	73.7 million
NASCAR 2013	3.5 million
Superbowl 2015	114.4 million viewers
Movies 2014	1.3 billion tickets sold
Churches 2015	6.8 billion (with an average of 130 million attending each Sunday)

<http://www.statista.com/statistics/283897/national-football-league-teams-ranked-by-average-attendance-2013/>

<http://www.nba.com/2015/news/04/16/nba-sets-attendance-record-with-nearly-22-million-fans.ap/>

<http://www.hockeyattendance.com/league/nhl/>

<http://www.ballparksofbaseball.com/2010presentattendance.htm>

<https://www.quora.com/Why-is-NASCAR-attendance-down>

http://www.nytimes.com/2016/02/09/sports/football/viewership-of-super-bowl-falls-short-of-record.html?_r=0

<http://www.mpaa.org/wp-content/uploads/2015/03/MPAA-Theatrical-Market-Statistics-2014.pdf>

2

A Teologia De Pregar

Pregar não é entretenimento, nem é um exercício de ego para o pregador. Não é o resultado da tradição ou dos métodos de comunicação antiquados que devem ser suplantados por conceitos e técnicas mais modernas. Deus escolheu a pregação. Seu começo está enraizado na Bíblia. A palavra *pregar* de uma forma ou de outra ocorre 153 vezes nas Escrituras. Sete vezes é encontrado no livro de Eclesiastes, onde é mais um título do que uma ação. Isso deixa 146 vezes. Isso coloca a *pregação* a par com palavras como *esperança* (156), *crer* (146) e *oração* (144). Apenas quatro das 146 menções estão no Antigo Testamento, mas, como veremos, é rica em exemplos de pregação.

O Novo Testamento não tem uma definição formal de pregação. Em vez disso, apresenta pregação descrevendo os ministérios de pregação de João Batista, Jesus, Pedro, Paulo, Estevão e sugerindo a de outros. É como se os escritores tivessem como certo que seus leitores estavam familiarizados com o conceito e não precisavam de mais explicações dela. Por isso, é justo dizer que pregar era uma experiência comum.

Como arautos das notícias de Jesus Cristo e Sua ressurreição, os pregadores do primeiro século teriam seguido as técnicas há muito estabelecidas de oradores e professores, transmitindo sua mensagem com paixão e efeito. Seus modelos teriam sido pregadores e proclamadores no Antigo Testamento, bem como João Batista e o próprio Jesus. Parece razoável que os princípios da retórica persuasiva ensinados pelos Gregos teriam entrado em jogo. Portanto, podemos considerar três exemplos pelos quais os primeiros pregadores apostólicos teriam sido influenciados: profecia e pregação do Antigo Testamento, oratória Grega e pregação de Jesus e João. Antes de analisarmos cada um desses exemplos, consideraremos como as informações foram comunicadas no tempo da igreja primitiva.

O mundo antigo era amplamente analfabeto. Os estudiosos diferem nas estimativas, mas o consenso parece ser que não mais que 10% da população foi capaz de ler. Por analfabetos, é claro, queremos dizer que eles não sabiam ler, não que fossem ininteligentes ou desinformados. De fato, o mundo antigo transmitia informações de maneira muito eficaz de pessoa para pessoa, entre culturas e através de gerações.

É importante perceber que ler no mundo antigo era uma experiência auditiva; isto é, as pessoas leram em voz alta para os outros ouvirem. Ler como uma atividade privada e silenciosa era incomum. Alguns estudiosos insistem que Gregos e Romanos antigos não sabiam ler em silêncio porque a falta de

pontuação ou mesmo espaçamento entre palavras, frases e parágrafos tornava isso impossível. Lucretia Yaghjian nos encoraja a ver a leitura antiga de uma nova maneira:

Se quisermos entender a leitura no mundo cultural do Novo Testamento, precisamos primeiro tirar as lentes conceituais através das quais lemos habitualmente e começar a ler com nossos ouvidos e também com nossos olhos. Segundo, devemos mudar nossa imagem social da leitura de um encontro particular com a página impressa para uma transmissão pública de comunicação oral e/ou escrita. Finalmente, devemos revisar nossas definições culturalmente tendenciosas de alfabetização e analfabetismo e permitir que os documentos bíblicos definam suas próprias contextuais.

O leitor poderia estar lendo um texto, como Esdras fez no Portão da Água em Neemias 8, ou o leitor pode estar recitando de memória, mas o resultado para o ouvinte foi o mesmo. Foi assim que quase todo mundo aprendeu: por ouvir um leitor ler ou recitar histórias, proclamações, instruções ou a Palavra de Deus. Quando, em seu sermão registrado em Mateus 5, Jesus usou repetidamente a expressão: *“Ouvistes que foi dito em tempos antigos”*. Ele estava descrevendo literalmente como as pessoas aprendiam. Esse método oral de ensino e aprendizagem foi universal e durou milhares de anos. Certamente, como Joanna Dewey afirma, "o cristianismo primitivo era um fenômeno oral em uma cultura predominantemente oral".

Pregação do Antigo Testamento

A igreja do primeiro século estava familiarizada com a pregação através do exemplo Judaico das Escrituras e cultura. A leitura pública da Palavra de Deus era parte integral da vida Judaica, e a poderosa apresentação da Palavra era comum. Oratória fazia parte da tradição Judaica.

O Antigo Testamento é um rico registro de pregadores e pregações. Os pregadores da igreja primitiva estavam familiarizados com os pregadores e sermões do Antigo Testamento. Sabemos disso pelas muitas referências a eles no Novo Testamento. Judas citou Enoque, o primeiro pregador de quem temos registro: *“Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele.”* (Judas 1:14-15) Pedro chamou Noé *“pregador da justiça”* (II Pedro 2:5). Nos tempos das trevas nos quais Noé viveu, para pregar a justiça, não podia ter sido um trabalho de vida popular. O resultado aparentemente insignificante de sua pregação, a salvação de apenas outras sete pessoas, deve ter sido decepcionante, mas ele pregou e salvou a humanidade no processo.

Abraão foi a primeira pessoa nas Escrituras a ser chamada de *“profeta”* (Gênesis 20:7). A palavra Hebraica usada nesta passagem é *nabi* e significa *“quem fala, anuncia, proclama”*. Portanto, foi entendido desde o início que um verdadeiro profeta era um pregador, porta-voz de Deus, e falava as palavras que Deus lhe deu.

É irônico que Moisés sentiu que era incapaz de falar por Deus nas cortes de Faraó. Talvez ele estivesse inseguro e conscientemente desconsiderando suas habilidades, ou talvez ele crescesse em seu chamado com o tempo, mas de qualquer maneira, Moisés se tornou um dos grandes pregadores do Antigo Testamento. James F. Stitzinger descreve as palavras finais de Moisés para Israel em Deuteronômio 31-33 como *“um dos primeiros exemplos de pregação reveladora... Este discurso foi proferido com tremenda capacidade e clareza.”* David L. Larsen acredita que todo o livro de Deuteronômio é uma série de

sermões, culminando com a despedida de Moisés. O livro é tão poderoso que, quando foi redescoberto no tempo de Josias, lido por Safã, e interpretado e aplicado aos seus tempos por Hulda, a profetisa, um grande avivamento ocorreu em Judá. (Ver II Crônicas 34:14-33.) O fato de o ministério de pregação de Moisés ser bem conhecido nos tempos do Novo Testamento é confirmado pela descrição de Estêvão sobre ele em seu sermão diante do Sinédrio: *“E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras.”* (Atos 7:22)

Josué deixou dois sermões de despedida (Josué 23:2-16; 24:2-27) que John A. Broadus diz que “são realmente notáveis... em seu uso retórico de narrativa histórica, diálogo animado e apelo imaginativo e apaixonado.”

Os profetas eram pregadores com um impacto extraordinário em sua nação. Eles não eram apenas narradores de eventos futuros; eles frequentemente chamavam o povo a se arrepender e obedecer ao Senhor, e proclamavam poderosamente a Palavra de Deus. Eles pregaram com o propósito de obter uma resposta de seus ouvintes. Por meio de salmos, provérbios, relatos de visões e sonhos, ilustrações, metáforas, instruções, explicações e personificações, eles proclamavam a Palavra como inspirados pelo Espírito Santo.

Um exemplo bem conhecido e dramático da pregação de um profeta do Antigo Testamento foi o sermão que Natã pregou na corte de Davi. (Ver II Samuel 12.) Davi havia caído em adultério com Bate-Seba, esposa de Urias. Quando ela engravidou, ele tentou esconder seu adultério chamando Urias da batalha para casa, esperando que ele passasse a noite com sua esposa e assim escondesse o fato de que a criança foi concebida enquanto Urias estava fora. Quando Urias se recusou a fazê-lo, recusando tratamento especial indisponível para seus companheiros soldados, Davi o enviou de volta à batalha e enviou instruções a Joabe para colocar Urias no lugar mais perigoso do campo de batalha. Urias foi morto, e o plano para esconder o pecado de Davi parecia bem-sucedido.

Então o Senhor enviou Natã com um sermão para o rei. Natã pregou esse sermão usando uma parábola projetada especificamente para Davi. Era a história simples de um homem pobre e sua cordeirinha:

Havia dois homens em uma cidade; o rico e o outro pobre. O homem rico tinha muitos rebanhos e manadas; mas o pobre nada tinha, exceto uma cordeirinha que ele havia comprado e nutrido; e cresceu junto com ele e com seus filhos; comeu da sua própria carne e bebeu do seu próprio copo, e jazia no seu seio, e era para ele como uma filha.

E chegou um viajante ao rico, e ele recusou-se para tomar de seu próprio rebanho e de seu próprio gado, para dar de comer ao viajante que viera a ele; mas tomou a cordeirinha do homem pobre e a preparou para o homem que lhe havia chegado. (II Samuel 12:1b-4)

Davi, é claro, tinha sido um pastor e o menor entre seus irmãos, então a escolha dessa parábola por Natã foi astutamente projetada para se conectar com o rei em um nível emocional. Natã também obviamente sabia a empatia de Davi pelo oprimido, bem como seu senso de justiça e integridade. Tudo isso foi usado para colocar o rei frente a frente com seu pecado. A resposta corajosa de Natã quando Davi, indignado, pronunciou o julgamento sobre o homem rico da história: *“Tu és o homem!”* Destruíu a fachada de Davi e o levou ao arrependimento. *“Pequei contra o Senhor”*, exclamou o rei. Embora não tenha sido libertado das consequências de seu pecado, Davi se arrependeu e foi perdoado.

O rico legado da pregação eficaz e inspirada no Antigo Testamento foi o pano de fundo dos ministérios de João e Jesus e da igreja do primeiro século. Esse era o contexto deles para entender exatamente o que era a pregação.

Tradição da Oratória Grega

Os cristãos do primeiro século não apenas conheciam bem os exemplos de pregação do Antigo Testamento, mas também faziam parte de uma cultura rica em oratória. Quando Alexandre, o Grande, varreu o mundo conhecido no quarto século a. C., ele conquistou não apenas reis e reinos, mas também mentes e culturas. A língua, pensamento e cultura Gregos iniciaram um reinado que resistiu à conquista Romana e até à ascensão do Cristianismo. As regras Gregas da retórica, mais tarde acompanhadas pelo pensamento Romano acerca do assunto, tornaram-se o padrão para todo o discurso público.

Alguns estudiosos identificaram a primeira formulação das regras de retórica com Korax cerca de 466 a. C. Korax ensinou que eram necessárias cinco partes de um discurso para apresentar um argumento eficaz e persuasivo: introdução, apresentação de fatos, argumento, observações secundárias e encerramento. Mais tarde, os ensinamentos de Aristóteles acerca de retórica tornaram-se profundamente enraizados na cultura antiga. Suas descrições de retórica persuasiva permanecem clássicas. Ele ensinou que apenas três meios técnicos de persuasão são possíveis: o falante deve provar seu caso apelando para (a) o caráter do falante, (b) as emoções do ouvinte e/ou (c) provas tradicionais, como declarações de especialistas ou os méritos do próprio argumento. Seu uso sugerido do que ele chamou de *ethos* (caráter do interlocutor), *pathos* (emoções inspiradas nos ouvintes) e *logos* (persuasão do discurso julgado pelos ouvintes) formam o núcleo da retórica Greco-Romana. A influência de Aristóteles foi imensa. Ainda hoje vemos a influência de seus ensinamentos. Nos livros de pregação, lemos que todo sermão consiste em três partes: por exemplo, o pregador, a apresentação e a preparação; em outras palavras, *ethos*, *pathos* e *logos*.

Está além do escopo deste capítulo examinar em detalhes a retórica Greco-Romana, mas não podemos descartar sua influência acerca de como a igreja do primeiro século teria entendido o ato de pregar.

Pregação do Novo Testamento

A igreja do primeiro século não apenas tinha os exemplos da pregação do Antigo Testamento e da oratória Greco-Romana, mas os ministérios de João e Jesus estavam nítidos em suas mentes. O Messias e Seu precursor não eram homens comuns, nem eram pregadores comuns. Eles agitaram uma nação inteira, de fato mudaram o mundo e, enquanto a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus foram o coração dessa mudança, a pregação foi a peça central de seus ministérios.

João era um personagem notável e um pregador destemido. Seu estilo de confronto trouxe multidões para ouvi-lo pregar, incluindo os fariseus e saduceus, a quem João denunciou como uma "*Raça de víboras*". (Mateus 3:7) Ele era um verdadeiro precursor, abrindo caminho para Aquele que viria depois. Pregando ao ar livre para grandes multidões, ele era um homem áspero cujos sermões levaram seus ouvintes a agir. Eles se arrependeram, confessaram seus pecados e obedeceram ao chamado para o batismo. Ele também inspirou outros a segui-lo, preparando-os como indivíduos para encontros posteriores com Jesus, e até ministérios próprios. Sabemos que André e João, provavelmente junto com o irmão de André, Simão (mais tarde apelidado de Pedro por Jesus) e o irmão de João, Tiago, eram discípulos de João antes de responderem ao chamado de Jesus de "*Segue-me*".

Mateus preservou o suficiente da pregação de João para nos dar o sabor de sua entrega apaixonada e poderosa:

“Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível.” (Mateus 3:7b-12)

Não é de admirar que, quando ele voltou sua atenção e linguagem para o rei Herodes e a rainha Herodias, ele perdeu a cabeça. Jesus deu-lhe este tributo: *“E eu vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João...”* (Lucas 7:28)

O ministério de Jesus começou em uma sinagoga onde Ele seguiu o que havia se tornado o método usual de apresentar a Palavra de Deus. Em cada sinagoga havia uma tribuna, ou pódio, diante da congregação. Nesse lugar a leitura, o ensino e a pregação aconteceram. Em um culto na sinagoga em sua cidade natal, Nazaré, Jesus anunciou Seu ministério de maneira dramática:

“Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor. Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele.” (Lucas 4:16-20)

Jesus chamou a atenção de todos os que estavam lá com a leitura deste texto dramático, e depois começou o sermão de maneira simples, mas poderosa: *“Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.”* (Lucas 4:21) A reação do povo a princípio foi de espanto com as palavras de Jesus, e depois ficou furiosa quando o sermão os desafiou a vê-Lo como mais do que o filho do carpinteiro local. Essa reação ecoaria repetidamente no ministério de pregação de Jesus. Jesus era em todos os sentidos um pregador. Marcos O apresentou: *“Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.”* (Marcos 1:14-15) Ele pregou e ensinou a grandes multidões, entregando notáveis sermões que continuam a se conectar com quem os lê hoje. Ele pregou com paixão e convicção. Ele modelou a proclamação do evangelho para todos os tempos.

Pregação na Igreja Primitiva

Ao estudar esses três exemplos de pregação e reconhecer que eles formariam o entendimento de pregação da igreja primitiva, podemos começar a vislumbrar como seria a aparência da pregação do primeiro século. Os primeiros pregadores Pentecostais teriam modelado sua pregação após os pregadores do Antigo Testamento, acrescentado técnicas comprovadas de retórica que estavam em exibição em todos os lugares da cultura e seguido os exemplos de João e Jesus.

Também podemos aprender como era a pregação primitiva, examinando como os autores do Novo Testamento usaram várias palavras para discutir e descrever a pregação. Wolfgang Friedrich, no *Theological Dictionary of the New Testament*, identifica trinta e três verbos diferentes no Novo Testamento que descrevem o ato de pregar. Não discutiremos todos, já que não quero aborrecê-lo; além disso, a maioria deles desempenha um papel menor na descrição da pregação; portanto, veremos apenas três dos mais importantes.

κηρύσσω (kerysso)

Kerysso é o verbo mais comum usado para pregar no Novo Testamento, e significa “proclamar” ou “anunciar”. É usado para descrever os ministérios de pregação de João Batista em Marcos 1:4, de Jesus em Marcos 1:14, e dos apóstolos em Marcos 3:14. Representa um arauto enviado para proclamar a ocorrência ou explicação de um evento. Pensa-se que a palavra vem da palavra Persa antiga, *xrausa*, que, de acordo com Klaas Runia em uma palestra de 1977 intitulada “O que é Pregar de Acordo com o Novo Testamento?” Significa “gritar alto e claro”. No Novo Testamento, um exemplo interessante é o uso do verbo pelo grande historiador Romano Plutarco. Em 197 a. C, um arauto chamado Flaminius apareceu nos Jogos Ístmicos na Grécia para anunciar a vitória Romana sobre os Macedônios em uma batalha recente. Runia descreve a importância deste exemplo: “Ao mesmo tempo [ele anunciou a vitória Romana], Flaminius também anunciou a liberdade e autonomia da Grécia. Os dois fatos estavam conectados. No momento em que Flaminius anunciou a vitória, os Gregos praticamente se tornaram livres. Por sua “proclamação”, ele colocou um fato [já] existente em movimento”.

Então *κηρύσσω (kerysso)* tem um significado duplo. Isso não significa apenas a proclamação de um evento, mas também o efeito desse evento no ouvinte. Runia explica assim: “No ato do *κηρύσσειν* [proclamar] o evento se torna realidade para o ouvinte.”

Certamente, a mera proclamação em si não produz esse efeito no ouvinte. O conteúdo da mensagem é vital para o resultado. Friedrich diz: “O ponto essencial acerca do relatório que [os arautos] dão é que ele não se origina com eles. Por trás disso, existe uma potência maior. O arauto não expressa seus próprios pontos de vista. Ele é o porta-voz de seu mestre.... Aautos adotam a mente daqueles que os comissionam.” Importante para nossos propósitos, o Novo Testamento enfatiza a importância do conteúdo pregado e de sua proclamação. Sem proclamação, o conteúdo essencial do evangelho nunca alcançará seu público-alvo. De acordo Friedrich, o verbo *kerysso* ocorre sessenta e uma vezes no Novo Testamento, enquanto o substantivo *kerygma* ocorre apenas oito vezes. Isso leva Friedrich a comentar: “A ênfase não se apega ao [*kerygma*].... A coisa decisiva é a ação, a própria proclamação.... A intervenção divina ocorre através da proclamação.” Runia diz assim: “onde quer que este evento seja proclamado, inaugura o que esse evento realizou. A nova situação, provocada pela morte e ressurreição de Jesus Cristo, agora se torna realidade para todo ouvinte que a aceita com fé.”

Como o uso desse verbo pelos escritores do Novo Testamento reflete o modo como a igreja do primeiro século pensava em pregar? Friedrich afirma que “pregar” não transmite adequadamente o significado completo de *kerysso* no uso do Novo Testamento. *Kerysso* “não significa a entrega de um aprendizado e edificação... discurso em palavras bem escolhidas e uma voz agradável. É a declaração de um evento.” Friedrich não deixa dúvidas sobre o que a pregação realiza e como o faz: “A pregação cristã não convence os ouvintes com palavras bonitas e inteligentes - caso contrário, seria apenas uma questão de palavras. Pregar faz mais. Isso ocorre no espírito e em poder.”

εὐαγγελίζω (euangelizo)

Euangelizo ocorre cinquenta e quatro vezes no Novo Testamento e significa o mesmo que *kerysso*, que é “pregar”. No entanto, *euangelizo* carrega consigo a ênfase adicional de que a mensagem que é pregada é a boa nova do evangelho, isto é, a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus. A coisa importante é lembrar que não há implicações de que o poder salvador esteja na simples compreensão do fato histórico. A menos que seja pregado, *nenhuma evangelização* (uma palavra em inglês que vem de *euangelizo*) acontece. Quando unido ao poder da pregação ungida pelo Espírito, como é pretendido, proclamar as boas novas do evangelho é eficaz, trazendo demonstração e poder, ministrando a toda a gama de necessidades humanas. Como Friedrich escreve, *euangelizo* “não é apenas falar e pregar; é proclamação com plena autoridade e poder. Sinais e maravilhas acompanham a mensagem evangélica. Eles pertencem um ao outro, pois a Palavra é poderosa e eficaz.”

μαρτυρέω (martyreo)

O terceiro verbo que veremos é *martyreo*. Significa “testemunhar”. A forma substantiva *μάρτυς* (*mártires*) significa “testemunha” ou “alguém que testemunha o que viu ou ouviu pessoalmente.” Lucas usou o substantivo no final de seu evangelho para relatar as palavras de Jesus aos apóstolos:

“Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém.”

“Vós sois testemunhas destas coisas. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder.” (Lucas 24:45-49)

A mesma descrição é encontrada nas últimas palavras de Jesus aos Seus discípulos: *“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra.”* (Atos 1:8) O poder de realizar isso está no Espírito Santo. O poder de Deus permitirá que eles cumpram a comissão que Jesus está lhes dando. É assim que podemos ser testemunhas, mesmo que não estivéssemos lá como os discípulos estavam naqueles dias momentosos em que Jesus estava na terra. Por causa de nossa fé, obediência e poder do Espírito Santo, não precisamos ter visto pessoalmente a morte, o sepultamento e a ressurreição para testemunhá-los. Também não é necessário estar no número que ouviu Jesus declarar que seriam testemunhas (Atos 1:8). Paulo e Estevão são chamados de testemunhas, embora não haja evidências de que algum deles tenha conhecido Jesus (fora das visões).

Então, o que aprendemos desse breve exame dos três termos mais usados no Novo Testamento para descrever a pregação? Primeiro, aprendemos que os pregadores são arautos das boas novas da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo. Como arautos, eles são proclamadores, não de mensagens de sua própria invenção ou escolha, mas as de seu Mestre. O Novo Testamento se concentra no ato da proclamação, mas nunca perde de vista o conteúdo que deve ser proclamado; portanto, devemos sempre ver a mensagem e sua proclamação em conjunto, não uma sem a outra. Pela proclamação do evangelho, aqueles que ouvem e obedecem são salvos, tornando assim não apenas a mensagem, mas a proclamação em si uma parte vital do processo de salvação. Segundo, aprendemos que a mensagem do evangelho é uma boa notícia, não ignorando o trágico julgamento que chegará a todos que a rejeitarem, mas focando na oportunidade de salvação para todos que a aceitarem. Terceiro, os arautos não são mercenários, mas participantes deste evangelho. Eles são testemunhas de sua eficácia por seu trabalho em suas vidas através

de sua própria fé e obediência. Eles são capacitados pelo Espírito Santo, o que os torna embaixadores de Deus ao elevar Suas palavras além das da sabedoria humana, e Ele as infunde com demonstração e poder.

Pelo que temos visto, fica claro que, quando a igreja do primeiro século pensou em comunicar o evangelho, eles visionaram a proclamação pública. Isso foi o que o Antigo Testamento lhes demonstrou; foi o que eles foram ensinados pela cultura Grega e Romana; é o que eles testemunharam na sinagoga, nas ruas da cidade e no campo; e foi o exemplo de João Batista e Jesus. Numa cultura quase exclusivamente oral, a proclamação pública era a maneira mais comum e eficaz de se comunicar com as massas e fazia parte da vida cotidiana.

Para os cristãos do primeiro século, a pregação era um evento marcado com poder divino e realizado em um ambiente público. A pregação desafiou o ouvinte com o evangelho, produziu compungimento e pediu uma resposta. Foi a pregação, como Pedro fez no dia de Pentecostes, que veio modelar a apresentação das boas novas. Milhares responderam ao seu sermão e, através da proclamação da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, a igreja começou com uma notável explosão de crescimento. Nos primeiros anos da igreja, esse tipo de pregação era o método de propagação do evangelho. De fato, alguns acreditam que grande parte do próprio Novo Testamento foi primeiro comunicada como sermões pregados. Klaas Runia afirma: "Acredito que a pesquisa de forma crítica mostrou convincentemente que grande parte da matéria que agora temos nos evangelhos, originalmente, no período de transmissão oral, foi repassado nas pregações da igreja primitiva".

Portanto, concluímos que, para os apóstolos, o método de apresentação do evangelho era verbal, geralmente em um ambiente estruturado, e que a forma da apresentação era proclamação. Isso, para eles, era pregação. Ele virou o mundo de cabeça para baixo, rompeu barreiras de paganismo e perseguição e conquistou o Império Romano. Por que abandonaríamos uma ferramenta tão poderosa hoje? A pregação ainda é o método de Deus para proclamar o evangelho e, como no primeiro século, isso significa proclamação persuasiva, apaixonada e poderosa. Vamos pregar como eles fizeram; eu acredito que ainda hoje produzirá o mesmo resultado.

Fontes Citadas no Capítulo 2

Lucretia Yaghjian, "Ancient Reading", de Richard Rohrbaugh ed., *The Social Sciences and New Testament Interpretation* (Peabody, MA: Hendrickson, 1996).

Joanna Dewey, "Textuality in an Oral Culture: A Survey of the Pauline Traditions" in Joanna Dewey e Elizabeth Struthers Malbon, orgs., *Orality and Textuality in Early Christian Literature* (Atlanta: Scholars Press, 1994).

James F. Stitzinger, "The History of Expository Preaching" in John McArthur, Jr.; Richard L. Mayhue; Robert L. Thomas, eds. *Rediscovering Expository Preaching* (Dallas: Word Publishing, 1992).

David L. Larsen, *The Company of the Preachers: A History of Biblical Preaching from the Old Testament to the Modern Era* (Grand Rapids: Kregel Academic & Professional, 1998).

John A. Broadus, *Lectures On the History of Preaching* (New York: Sheldon, 1886).

E. C. Dargan, *A History of Preaching* (New York: George

H. Doran Co., 1905)

Wolfgang Friedrich “Preaching” in Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich, eds., Geoffrey W. Bromiley trans., *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1964–76).

Klaas Runia, “What is Preaching According to the New Testament?” The Tyndale Biblical Theology Lecture for 1976, delivered at the School of Oriental and African Studies, London, on January 4, 1977

3

Salvo Pela Pregação

O propósito da pregação deve sempre ser a primeira condição que decreta seu caráter. A causa final é aquela que realmente molda a vida de tudo. E para o que serve a pregação? A resposta vem sem hesitação. É para a salvação dos homens.

Phillips Brooks: “O propósito central da pregação evangélica é para ganhar um comprometimento imediato com Jesus Cristo.”

Alan Walker

Alguns anos atrás, a igreja em Metairie, Louisiana, estava envolvida em um extenso programa de reforma. Eles estavam derrubando uma parte do antigo auditório, em preparação para uma expansão planejada que aumentaria substancialmente sua igreja. Na parte da construção que exigia demolição, havia algumas coisas que eles não usariam após o término do projeto; portanto, eles não se preocuparam em movê-las até que fosse necessário. Uma dessas coisas era o púlpito antigo, que ainda estava no lugar de sempre.

Um dia eles estavam derrubando algumas das vigas e abaixando-as cuidadosamente no chão. Vários homens estavam em andaimes bem acima do piso do antigo auditório. Um deles, Ken Broussard, tinha como tarefa guiar cada viga, uma vez solta, para outros homens que esperavam lá embaixo. Ele estava em pé seis a oito metros, talvez até mais do chão do antigo auditório, ajudando a passar as vigas. Um dos longos e pesados pedaços de madeira foi abaixado até ele e, no momento em que ele o agarrou, a viga escorregou das mãos dos que estavam acima dele. Todo o peso da viga estava sobre ele. Ele sabia que não podia segurá-la sozinho, mas para ajudar a proteger os que estavam abaixo dele, tentou retardar a queda até que outros pudessem se apressar para ajudar a segurá-la. Ao sentir o peso, ele deu dois ou três passos para trás para tentar se equilibrar, e Ken Broussard deu um passo para trás, saindo do andaime, para o ar.

O tempo parecia diminuir quando ele caiu. Ele percebeu que a distância da queda certamente era suficiente para causar ferimentos graves, talvez até o suficiente para matar. Virando a cabeça, ele olhou para baixo e, embaixo dele, viu que o púlpito ainda estava onde ficava por muitos anos. Quando ele viu, pensou: *O púlpito ainda está na plataforma antiga. Isso o torna vários metros mais alto que o chão. Se eu pudesse cair no púlpito, isso amorteceria minha queda e talvez me salvasse.* De alguma forma, ele foi capaz de girar no ar, virar completamente e cair no velho púlpito. Ele saiu do púlpito e caiu no chão da

plataforma enquanto os homens corriam para ele, alarmados, certos de que ele estava ferido, esperando que eles pudessem ajudar. Seu pastor correu até ele e perguntou ansiosamente: “Irmão Ken, você está bem?” Ken Broussard levantou-se, limpou o pó e olhou para o pastor.

"Sim, pastor, eu estou bem", disse ele. "Eu fui salvo pelo púlpito."

Todos nós que nascemos de novo fomos salvos pelo púlpito.

Você prega para aqueles que estão perdidos. Eles são os escravos do pecado, vítimas de seu engano, aprisionados pelo chamado do mundo. Eles são governados por medo, dúvida, mágoa, preocupação. Mas a pregação muda tudo isso. Ela libera, livra, muda, fortalece. Ela produz nova esperança, nova confiança, nova vida. Não é de admirar que Paulo tenha dito: *“Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus.”* (I Coríntios 1:18) Sem um pregador pregando a Palavra, o processo que leva à salvação é abortado antes mesmo de começar.

No capítulo 2, ganhamos uma ideia melhor de como a pregação era entendida pelos cristãos do primeiro século e apresentada no Novo Testamento. Agora, vamos ver com mais detalhes seu papel na salvação. O papel da pregação no Novo Testamento pode ser descrito melhor por Paulo em Romanos 10:12-15. Ao enfatizar que a salvação está disponível para todos, Judeus e Gentios, ele descreveu uma progressão, inversa, que leva uma pessoa da ignorância do evangelho para a salvação:

“Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!” (Romanos 10:12-15)

Obviamente, essa passagem ilumina o papel da pregação na salvação, porque a série de perguntas retóricas que Paulo fez deixa poucas dúvidas de que, sem a pregação, a corrente - de ouvir, crer, invocar o nome do Senhor, a ser salvo - não é apenas quebrado, mas permanece imperfeito.

Quando Paulo escreveu sua epístola à igreja Romana, ele nunca tinha estado lá. Mas muitos de seus membros eram conhecidos por ele. De fato, no último capítulo da carta, ele cumprimentou pessoalmente vinte seis pessoas, o que William Barclay observa que é muito mais do que qualquer outra epístola. A maioria dos santos em Roma eram Gentios, principalmente homens e mulheres libertos e escravos. Havia também uma minoria Judaica significativa. Desde que a metade dos nomes mencionados por Paulo na carta eram Judeus, provavelmente Paulo estivesse um pouco mais familiarizado com a minoria Judaica do que a maioria Gentia; de qualquer forma, ele escreveu com os dois em mente.

Salvação

O tema de Romanos é encontrado em 1:16-17: *“Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.”* Nesta passagem, Paulo declarou que a salvação é para todos; é *“primeiro do judeu e também do grego”*. Ele também conectou cuidadosamente o evangelho à salvação: *“o evangelho”*, declarou, *“é o poder de Deus para a salvação”*.

A própria salvação é um tema básico de Romanos; de fato, é um tema básico de toda a obra e ministério de Paulo. William Barclay chama isso de um dos "três grandes pilares de seu pensamento e crença", sendo os outros dois intimamente relacionados - fé e justificação.

Lembre-se de que a salvação no Novo Testamento não é apenas acerca de evitar o inferno e chegar ao céu; é holístico, afetando todos os aspectos de nossas vidas.

Para Paulo, a salvação teve um começo definido; assim ele poderia falar de pessoas que foram salvas (Romanos 8:24, 11:11). Ele se referiu àquele momento em que uma pessoa responde ao ouvir o evangelho com fé e obediência por arrepender-se, ser batizada em nome de Jesus e receber o batismo do Espírito Santo (Atos 2:38). Mas a salvação também é um processo contínuo, para que Paulo pudesse falar acerca de pessoas *sendo* salvas (I Coríntios 1:18; 15:2). Também é um evento futuro, para que ele possa falar de pessoas que *serão* salvas (Romanos 5:9-10; 13:11). A salvação descreve tudo o que Deus fez para restaurar a humanidade a um relacionamento de aliança com Ele, agora e no futuro. Essa aliança está no âmago da mensagem do Antigo e do Novo Testamento; é por isso que Deus se manifestou na carne, eis a razão da cruz e a razão da ressurreição. É disso que Deus trata em termos de Seu relacionamento com os seres humanos. Como diz Paul J. Achtemeier, "o tipo de história acerca da qual Paulo se preocupa e com o qual está lidando é a história que ilumina e mostra a relação entre Deus e o mundo ou, para usar outra terminologia, entre Criador e criação."

O Contexto de Romanos 10

O contexto de Romanos 10:13-15 é a salvação, a necessidade dela e como ela pode ser obtida. A passagem faz parte da explicação de Paulo pela rejeição do evangelho pela nação Judaica. Especificamente, depois de descrever a recusa de Israel em aceitar o evangelho, ele iniciou uma série de argumentos que tratavam de possíveis desculpas para sua rejeição. Em 9:6-13, ele declarou que o problema não era por causa de uma falha da Palavra de Deus. Em 9:14-18, ele insistiu que a rejeição de Israel não era porque Deus é injusto. Em 9:19-29, Paulo argumentou que Deus tem o direito de exercer Sua prerrogativa de oferecer a mesma salvação a Gentios e Judeus. Começando em 9:30, Paulo descreveu a responsabilidade de Israel por sua falha em aceitar o evangelho. Em 9:30-10:4, ele ressaltou que Israel buscava a justiça através da Lei e não a encontrava, mas os Gentios, através da fé, encontravam a justiça mesmo quando não a haviam procurado. Em 10:5-13, ele ofereceu apoio do Antigo Testamento à salvação pela fé em Jesus Cristo. Finalmente, em 10:14-21, Paulo argumentou que a falha de Israel não ocorreu por falta de conhecimento, mas devido à sua própria teimosia.

Quatro Perguntas

Em Romanos 10:12-13, Paulo continuou sua discussão acerca da questão da salvação, e particularmente a rejeição dela por Israel. No capítulo 3, Paulo declarou que todas as pessoas precisam de salvação: *"Porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus"* (Romanos 3:22b-23). Agora ele lembra aos Romanos que, assim como a necessidade de salvação é universal, o mesmo ocorre com a disponibilidade do evangelho. Ele disse, com efeito: *"Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam."* Ele então citou Joel 2:32: *"Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo."* Isso muitas vezes é mal interpretado como se Paulo estivesse dizendo que a salvação vem por um simples chamado a Deus. Aqueles que acreditam nisso ignoram o fato de que essa afirmação é da mesma passagem profética de Joel que Pedro citou em Atos 2 ao explicar o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Paulo estava falando acerca de todo o processo de salvação descrito por Pedro em Atos 2:38.

Mas como é que as pessoas vêm a invocar o nome do Senhor, isto é, obedecer ao evangelho? O que os leva a esse ponto de fé e obediência? Paulo respondeu a isso com uma série de quatro perguntas:

Como, porém, invocarão aquele em quem não creram?

E como crerão naquele de quem nada ouviram?

E como ouvirão se não há quem pregue?

E como pregarão, se não forem enviados? (Romanos 10:14-15a).

O *New Bible Commentary* resume essas perguntas (e reverte a ordem) assim: “Mensageiros devem ser enviados, a mensagem deve ser pregada, as pessoas devem ouvir a mensagem e o ouvir deve ser cumprido pela fé.” É óbvio que Paulo estava descrevendo os passos usuais que levam as pessoas a “invocar o nome do Senhor” e, assim, serem salvas. Isso não é especulativo ou teórico; é assim que as pessoas são salvas. O argumento inteiro de Paulo nesta passagem foi que a reivindicação de que a rejeição do evangelho por Israel pode ser desculpada, porque ela não sabia das boas novas, é simplesmente falso. Ele provou isso apontando que os mensageiros foram enviados e a mensagem foi pregada. Todo esse argumento desmorona se a pregação do evangelho é apenas uma das muitas maneiras pelas quais as pessoas vêm a fé salvadora e a obediência. Em outras palavras, se esse não é o caminho pela qual a salvação vem, então talvez Israel não soubesse; portanto, ela não poderia ter respondido em fé e obediência, e sua rejeição ao evangelho é desculpável. Paulo não deixou espaço para essa interpretação e, portanto, nos deixa certos de que ouvir a pregação do evangelho é um dos passos que levam à salvação.

O Evangelho Completo Pregado ao Mundo Inteiro

Se a pregação é uma parte vital da progressão normal em direção à salvação, segue-se necessariamente que a pregação deve estar disponível para todos os que seriam salvos. Embora isso possa parecer improvável, Paulo afirmou que o fato de que a pregação estava disponível para todos deixou Israel sem a desculpa de que eles não haviam ouvido o evangelho. M. B. Riddle discute este ponto:

A bela precisão do Grego exige que encontremos uma intimação da certeza da proclamação universal do evangelho. Nas duas primeiras perguntas, há um negativo absoluto; no terceiro, ocorre o, *χωρίς*, implicando a probabilidade de que alguém pregue; no último, temos o *ἐάν μὴ*, que indica que, por mais que os homens podem falhar para invocar e ouvir, aqueles que pregam certamente serão enviados. Essa mudança de expressão parece ter escapado à atenção dos comentaristas, mas aponta diretamente para a posição que o apóstolo está estabelecendo: a universalidade dos meios providenciados por Deus para a salvação de homens, quer ouçam ou deixem de ouvir.

Há cinco ações acontecendo nesta passagem: enviar, proclamar, ouvir, crer e chamar. A primeira é feita por Deus (e a igreja, em conjunto com o chamado divino, veja Atos 13:2-4), a segunda ação é realizada por quem é chamado (o arauto ou pregador), e as três últimas são por alguém que seria salvo. Nenhuma dessas coisas, isoladamente ou em combinação, salva. A salvação é através da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo: o evangelho. Porém, desde que uma pessoa deve crer e obedecer ao evangelho para obter a salvação oferecida pela Cruz, o chamado, a pregação e o ouvir também têm um papel a desempenhar, levando os perdidos ao ponto de fé salvadora.

O "chamado" de homens e mulheres para pregar é a ação de Deus comissionando e enviando homens e mulheres para proclamar o evangelho. É isso que torna possível a pregação, pois Deus continua a chamar e usar as pessoas para proclamar as boas novas ao redor do mundo. À medida que homens e

mulheres respondem ao chamado e seguem a direção do Espírito Santo, o evangelho chega a todos os cantos do globo. Essa pregação cumpre o propósito de Deus que todos possam ouvir.

É o ato de pregar ou proclamar, e não apenas o conteúdo da mensagem (o evangelho) que está em exibição aqui. Como vimos em nossa discussão sobre *kerysso*, que é usada em Romanos 10, há um vínculo inquebrável entre a proclamação e o que é proclamado. Lembre-se do comentário de Runia: “onde quer que este evento seja proclamado, ele inaugura o que esse evento tem realizado”.

Portanto, não podemos escapar da conclusão de que a pregação desempenha um papel fundamental na salvação. Fora da pessoa que busca a salvação, nenhuma outra ação dos seres humanos (além de batizar) faz parte desse processo. Nenhuma justiça humana, piedade ou penitência desempenham alguma parte. Em Romanos 10, Paulo enfatizou a importância do papel do pregador e da pregação citando Isaías 52:7 e Naum 1:15: “*Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!*” (Romanos 10:15) Warren Wiersbe ressalta que o contexto da referência de Naum foi a chegada das boas novas da queda do inimigo de Israel, os Assírios. Este foi um evento *passado*. Em Isaías, a referência é a notícia de um evento *futuro*: o tempo do fim e a vinda do Senhor. “Mas Paulo usou a citação em um presente pedido: os mensageiros do Evangelho levando as Boas Novas a Israel hoje... O remédio para a rejeição de Israel é ouvir a Palavra do Evangelho e crer em Jesus Cristo.”

Ouvir

Pregar faz parte do processo, porque ouvir faz parte do processo. Para a pessoa que vem para a salvação, o processo começa com o ouvir. Paulo estabeleceu a conexão entre a proclamação da Palavra e o ouvir do ouvinte e a vinda da fé ao coração: “*De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus.*” (Romanos 10:17, RC) O “ouvir” usado em Romanos não é apenas o processo físico da mente recebendo e processando o som, nem é atenção passiva ao que é dito. R. C. Sproul explica:

Então Paulo pergunta no versículo 18: “*Mas pergunto: Porventura, não ouviram?*” Há um jogo de palavras aqui no idioma original entre a palavra Grega para ouvir e a palavra Grega para obediência. O verbo “ouvir” é *akouein*, que significa simplesmente “ouvir”. O verbo “obedecer” é *hupokouein*... Quem realmente escuta é aquele onde a mensagem passa e penetra em seus corações. De fato, a palavra *hupokouein* é encontrada no versículo 16, onde se lê que nem todos aceitaram o evangelho - literalmente, nem todos “obedeceram” ao evangelho. Embora vejamos um contraste frequente nas Escrituras entre lei e evangelho, aqui temos uma indicação de que o evangelho deve ser obedecido. Há um mandamento implícito no evangelho, um chamado à obediência a Jesus Cristo.

No versículo 16, o *New Bible Commentary* salienta que Paulo “deixou claro que a condição nesta corrente que não foi cumprida é de responsabilidade daqueles que ouvem os pregadores das boas novas a responder em obediência e fé”.

Em termos de aplicação mais ampla, Achtemeier insiste: “Seja lá o que for essa passagem, trata-se exclusivamente da grande importância da audição.” A palavra que acaba de ser usada no versículo 16 na voz passiva é usada no versículo 17 na voz ativa. “*De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus.*”

A pregação do evangelho desafia aqueles que ouvem a responder às boas novas com fé e obediência, e essa resposta traz salvação. Dessa maneira, a pregação é uma parte vital do processo de salvação. Encontramos afirmação disso na pergunta de Paulo “*E como ouvirão, se não há quem pregue?*”

(Romanos 10:14), pois a resposta é, sem dúvida, que eles não ouvirão. E sem ouvir não há crença, e sem crer não há obediência, e sem obediência não há salvação.

Conclusão

Conforme discutimos no capítulo 2, a pregação, como entendida por Paulo e o resto da igreja do primeiro século, foi a proclamação das boas novas da salvação em Jesus Cristo. Esta proclamação não recorreu à filosofia ou retórica vazia, mas pelo poder do Espírito Santo demonstrou a presença de Deus através de Sua Palavra. Foi eficaz em trazer convicção aos corações daqueles que a ouviram, trazendo-os à fé no que Jesus fez na cruz e chamando-os a se identificarem com a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, obedecendo às instruções de Pedro no dia de Pentecostes: *“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.”* (Atos 2:38)

Reconhecer que a pregação é parte exclusiva do processo que leva à salvação não significa que não há outras maneiras pelas quais as pessoas possam descobrir o evangelho. Alguns são primeiramente compungidos e atraídos através de um folheto ou livro? Certamente. Alguns são salvos pelo estudo pessoal das Escrituras? Sim. Outros vêm a Deus depois de assistir a um drama, ouvir uma música ou testemunhar um ato gracioso de um cristão? Absolutamente. Deus não se acorrenta a uma maneira única de realizar Sua vontade na vida de um indivíduo, da mesma forma que não o faz com a sequência de obediência e experiência encontrada em Atos 2:38. A maioria se arrependerá, será batizada e receberá o Espírito Santo; mas essa sequência não é a experiência de todos. Embora que ninguém receba o Espírito antes de se arrepender, muitos o recebem antes do batismo, assim como a casa de Cornélio em Atos 10. Isso não nega a necessidade do batismo; significa apenas que a ordem cronológica não é rígida. Então, com a pregação; enquanto um pregador que prega a Palavra desempenhará um papel inegável em todos os que são salvos, a pregação não precisa ser o primeiro - e certamente não o único - encontro com a verdade.

Todos nós somos como o eunuco Etíope. Ele sinceramente examinou as Escrituras, obviamente com fome de entendê-las e o Deus que elas apresentavam. Para que sua fé o levasse à salvação, Deus enviou um pregador; o nome dele era Filipe. Quando Filipe perguntou: *“Entendes tu o que lê?”* O etíope respondeu: *“Como poderei entender, se alguém me não ensinar?”* (Atos 8:30-31). Filipe foi convidado a entrar na carruagem com o eunuco, e quando pediu a Filipe que explicasse uma passagem de Isaías 53, *“Então, Filipe, abrindo a boca e começando nesta Escritura, lhe anunciou a Jesus.”* (Atos 8:35, RC) A proclamação do evangelho resultou em fé e obediência pelo ouvinte: *“E, indo eles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado? ... E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o batizou.”* (Atos 8:36, 38, RC)

Ao vir para salvação, todos nós precisamos de um guia. Esse é o trabalho da pregação.

Fontes Citadas no Capítulo 3

William Barclay, *The Letter to the Romans* (Edinburgh: The Saint Andrews Press, 1975), rev. ed.

Paul J. Achtemeier, *Romans*, IBCTP (Louisville: John Knox Press, 1985).

D. A. Carson, R. T. France, J. A. Motyer, and G. J. Wenham, eds. *New Bible Commentary: 21st Century Edition* (4th ed. Leicester, England; Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994).

John Peter Lange, Philip Schaff, F. R. Fay, and M. B. Riddle;

J. F. Hurst, tr. *A Commentary on the Holy Scriptures: Romans* (Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2008).

Wolfgang Friedrich, “Preaching” in Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich, eds., Geoffrey W. Bromiley tr., *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1964–76).

Klaas Runia, “What is Preaching According to the New Testament?” *The Tyndale Biblical Theology Lecture for 1976*, delivered at the School of Oriental and African Studies, London, on January 4th, 1977.

Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (Wheaton, IL: Victor Books, 1996).

R. C. Sproul, *The Gospel of God: An Exposition of Romans* (Great Britain: Christian Focus Publications, 1994).

Parte Dois

O Pregador

O orador persuade pelo caráter moral quando seu discurso é proferido de tal maneira que a torna digno de confiança; pois sentimos confiança em maior grau e mais prontamente em pessoas valiosas em relação a tudo em geral.

Aristóteles

Agora que definimos a pregação e discutimos a base Bíblica para ela, vejamos o processo de pregação, isto é, como é feito? Quais são seus componentes, e talvez o mais importante, como podemos aprender a fazê-lo e fazê-lo de forma eficaz?

A pregação pode ser aprendida? É um evento espiritual; isso é certo. É uma colaboração entre Deus e os seres humanos, então por que precisamos aprender como fazê-lo? Não podemos deixar isso para Deus? Deus não disse a um de Seus profetas para não se preocupar com o que ele diria, que Deus encheria sua boca de palavras? Sim, Ele disse isso. Quando Jeremias estava lutando com o chamado de Deus em sua vida, um de seus argumentos era que ele não podia pregar, ele era apenas um jovem, não tinha nada a dizer! A resposta de Deus foi o cerne do que realmente estava incomodando Jeremias: rejeição. Não era a falta de habilidade ou conhecimento que estava na raiz da relutância de Jeremias; foi medo. *“Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar, diz o SENHOR. Depois, estendeu o SENHOR a mão, tocou-me na boca e o SENHOR me disse: Eis que ponho na tua boca as minhas palavras.”* (Jeremias 1:8-9) Era uma visão tranquilizadora para um jovem assustado, dominado pela imensidão e dificuldade do chamado para pregar. Deus não estava descrevendo o método de pregar para sempre; Ele estava simplesmente assegurando a Jeremias que, com a ajuda de Deus, ele seria capaz de fazer o que foi chamado a fazer.

Embora que a pregação seja espiritual e exija a unção de Deus, como vimos no capítulo 1, também é comunicação. É falar em público. Existem fundamentos para falar em público eficaz que podem e devem ser aprendidos. Eles são essenciais para o sucesso. Eles podem parecer simples ou sem importância, mas deixar de dominá-los prejudicará sua pregação desde o início.

Albert Einstein teve que aprender seus números, depois adição e subtração. Depois disso, ele teve que memorizar as tabuadas e aprender divisão. Depois vieram geometria, álgebra, trigonometria e cálculo. Passo a passo, ele teve que dominar esses fundamentos antes de ter a habilidade de chegar a $E = MC^2$. A pregação poderosa tem muitos componentes. Muitos deles são espirituais e totalmente dependentes do Espírito de Deus; outros são realistas. Acoplados com o Espírito, esses são os

fundamentos da comunicação. Aprenda-os do básico ao avançado, e Deus colocará Suas palavras em sua boca.

Frequentemente, nas discussões acerca da pregação, diz-se que o processo de pregação tem três componentes. Esses três componentes estão presentes em todo sermão pregado, independentemente do tipo de sermão. Eles são:

1. O Pregador
2. A Preparação
3. A Apresentação

Como você vê, isso não tem nada a ver com o número de pontos utilizados, aliteração memorável ou o uso adequado de ilustrações. Esses três são mais fundamentais que isso; eles são o fundamento de todo sermão. Não é uma simplificação excessiva dizer que, se isso estiver certo, o sermão estará certo, mas se esses três não estiverem certos, nada poderá endireitar o produto final.

Esta descrição de pregação não é nova. De fato, ela se baseia na descrição de Aristóteles do discurso efetivo em público: “Agora, as provas fornecidas pelo discurso são de três tipos. O primeiro depende do caráter moral do falante, o segundo, de colocar o ouvinte em um determinado estado de mente; o terceiro, do próprio discurso, na medida em que isso prova ou parece provar.” Aristóteles os lista em uma ordem diferente (sua ordem é o pregador, a apresentação e a preparação), mas você entendeu. Esses três ingredientes servirão como um esboço básico para o restante deste livro. Estudaremos cada um desses ingredientes, por sua vez, começando com o pregador.

4

O Chamado Para Pregar

Determinei no início do meu ministério que não podia me dar ao luxo de ficar bom no jogo de golfe. Eu decidi ser bom na pregação. Você tem que escolher no que você será bom, porque você pode ser bom em apenas poucas coisas.

Citado sem atribuição em *12 Essential Skills for Great Preaching* por Wayne McDill

“Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar...” (Marcos 3:14) Este é o começo do treinamento do pregador, e a parte essencial dele - estar COM ELE e SER ENVIADO POR ELE.

Arthur E. Gregory

No coração de todo sermão está o pregador que o está pregando. O relacionamento de uma pessoa com Deus, com a Palavra e com o mundo circundante irá colorir e afetar tudo o que é dito. É possível pregar, e não ser um homem ou mulher real de Deus. É possível ser eloquente e até afetar aqueles que o ouvem. Mas é impossível, a longo prazo, impedir que seu verdadeiro eu seja revelado.

Ser pregador, mas não ter um relacionamento real e profundo com Deus, é roubar seus esforços do verdadeiro poder de persuasão. Seus resultados serão apenas aqueles que um discurso bem elaborado e eloquente pode trazer. Não devemos confundir o poder de falar eficazmente com o poder de Deus. Sempre havia oradores poderosos que trouxeram grandes multidões, na verdade nações inteiras, para segui-los, para o bem ou para o mal. Você deve ser muito mais do que isso. Você necessita da unção de Deus e do poder da Palavra para ter um efeito eterno sobre aqueles que o ouvem. Sem essas duas coisas, sua pregação se tornará bronze que soa e címbalo que retine.

Se você não pretende se dedicar a um comprometimento diário e vitalício de desenvolver e manter uma genuína caminhada com Deus, então, faça outra coisa; por amor daqueles que o ouvem e por amor de você mesmo, não seja um pregador. Pregar a Palavra de Deus não é uma profissão, não é um trabalho, nem é uma carreira. É um chamado divino e santo, uma comissão sagrada do próprio Deus. Aproximá-lo levianamente, buscá-lo para ter a chance de estar na frente de uma multidão apenas para procurar atenção ou aplausos é uma tolice e até perigosa de se fazer.

Chamado por Deus

O começo de todo verdadeiro ministério é o chamado de Deus.
Deste chamado, William Sangster escreveu:

Chamado para pregar! Comissionado por Deus para ensinar a palavra! Um arauto do grande Rei! Uma testemunha do Evangelho Eterno! Poderia algum trabalho ser mais divino e santo? Para esta tarefa suprema, Deus enviou Seu Filho unigênito. Em toda a frustração e confusão dos tempos, é possível imaginar uma obra comparável em importância com a de proclamar a vontade de Deus aos homens desobedientes? Não por acaso, nem ainda pelo egoísmo de força dos homens, o púlpito ganhou lugar central... está lá de desígnio e devoção. Está lá pela lógica das coisas. Está lá como o trono da Palavra de Deus.

É absolutamente vital lembrar que Deus faz o chamado. Não escolhemos ser um pregador, como escolheríamos ser, digamos, um advogado, um médico ou um vendedor. Deus faz a escolha. Nossa única opção é obedecer ou não obedecer. Isso nunca é uma escolha simples, nem fácil. Algo dentro de nós parece reconhecer as ramificações de longo alcance de tal escolha, e é natural hesitar, questionar, duvidar.

O chamado para pregar não é simplesmente o plano de Deus para nossas vidas, nem é apenas a vontade de Deus para nossas vidas. Deus tem vontade e plano para a vida de todos os Seus filhos, sem dúvida. Às vezes, falamos de alguém sendo chamado para fazer algo diferente de pregar; isso é verdade, porque certamente existem chamados menores: médico, advogado, presidente ou rei. *Mas este é o chamado para pregar.* Esse chamado toca não apenas o tempo e a vida aqui, mas isso toca a vida eterna, porque a pregação é parte integrante do processo de salvação, como temos visto no capítulo 3: *“Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?”* (Romanos 10:14-15a) Esse chamado é como Deus envia aqueles que pregam, e somente aqueles que têm esse chamado podem realmente pregar.

O chamado de Deus é para sempre. Veja Romanos 11:29 (RC): *“Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento.”* Deus não rescindiu Seu chamado, mesmo que possamos recusá-lo, abusá-lo ou mesmo nos desqualificar de segui-lo. Simplesmente ignorá-lo e viver nossas vidas cumprindo nossas próprias ambições e planos é um negócio perigoso. *“Mas Jesus lhe replicou: Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus.”* (Lucas 9:62) O contexto aqui é o chamado para pregar o evangelho.

Tenha Certeza, Então Vá Em Frente

Sendo que a decisão de reconhecer e obedecer ao chamado para pregar é uma escolha séria e que altera a vida, devemos abordá-la com a gravidade que ela exige. Depois de Jesus, o maior pregador de todos os tempos foi Paulo. Seu ministério afetou o mundo como nenhum outro, mas mesmo ele algumas vezes ficou admirado que a responsabilidade de pregar o único evangelho salvador fosse colocada sobre os ombros dos seres humanos. *“Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para estas coisas?”* (II Coríntios 2:15-16) Participar da pregação porque você ama a atenção ou deseja impressionar alguém é cortejar um desastre. Você prega porque não tem escolha.

Há um custo para ser um pregador, e nem todos estão equipados para lidar com esse custo. Tiago pode ter pensado nisso quando escreveu: *“Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo.”* (Tiago 3:1) A palavra traduzida como "mestres" poderia ser melhor traduzido *instrutores*, de modo que o significado do comentário de Tiago se tornasse "Muitos não devem ser instrutores, sabendo do peso que devem suportar." Tudo isso se aplica ao motivo de querer ser um pregador. Para a grande maioria dos pregadores, há pouco reconhecimento, ainda menos aplausos. A maioria trabalha suas vidas na obscuridade, cumprindo fielmente seu chamado. A maioria não será rica, famosa ou, segundo as estimativas do mundo, mesmo bem-sucedida. Mas eles cumprirão o que Deus os chamou para fazer. Eles resgatarão muitos do lago de fogo, e grande será sua recompensa, não aqui, mas no céu. Se você quer algo além de uma vida de serviço, abnegação e comprometimento com uma causa eterna cada vez mais descompassada com os tempos modernos, não seja um pregador.

Meu pastor, A. E. Carney, costumava aconselhar aqueles que o procuravam dizendo que sentiam um chamado para pregar: “Se você puder fazer qualquer outra coisa, não pregue.” Em algumas ocasiões, compartilhei esse conselho, e às vezes o conselho foi mal compreendido; algumas vezes até ofendeu alguém. Certa vez, depois de uma aula em que citei o pastor Carney, fui abordado por uma jovem que estava chateada. Ela disse: “Irmão Jones, é errado dizer que somente aqueles que não podem fazer mais nada devem pregar! Se ensinarmos isso, impediremos que nossos melhores e mais capazes jovens sejam pregadores, e esses são os que precisamos!” É claro que ela estava certa, mas ela não entendeu. (Eu deveria ter comunicado melhor!) Quando o pastor Carney disse: “Se você pode fazer qualquer outra coisa, não pregue”, ele não quis dizer que os pregadores deveriam ser atraídos daqueles que são tão ineptos e desqualificados que não podem fazer isso vivendo de outra maneira. Ele quis dizer que, não importa quais outros campos de trabalho lhe chamam, não importa o quão capaz e talentoso você seja para outra coisa, não importa o quanto deseje fazer outra coisa, se você for realmente chamado para pregar, não terá outra escolha, você simplesmente *deve* ser um pregador. Portanto, se você sentir que é chamado para pregar, pode ser feliz, realizado e satisfeito fazendo outra coisa, então não foi realmente chamado para pregar. Se você é chamado, simplesmente não há outra opção: *“Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!”* (I Coríntios 9:16)

Se houver dúvidas, faça outra coisa até ter certeza. Depois de saber, comprometa-se totalmente. Nunca peça a Deus uma cláusula de escape: “Se isso não der certo, eu sempre posso...” Entrar no ministério com planos de sair não funciona. Não funciona para um casamento; não funciona para um ministério. Você ficará desanimado, com vontade de desistir, mas se for realmente chamado e completamente comprometido, conseguirá sobreviver, simplesmente porque não há escolha.

Resposta ao Chamado

É importante perceber que o chamado é exatamente isso – um chamado. Isso não faz de você um homem ou mulher de Deus. É o que você faz com esse chamado que faz de você um homem ou mulher de Deus. O chamado é o ponto de partida, a fundação. Deve ser edificado sobre.

Então, como você deve responder ao chamado? Simplificando, fique ocupado. Envolver-se na vida de uma igreja local. Uma das qualificações para um pregador que exploraremos no próximo capítulo "não é iniciante". Um iniciante é iniciante e não possui experiência. A experiência vem apenas com tempo e envolvimento. Você precisa de experiência - não de pregar - de viver, de orar e de testemunhar.

Quase quarenta anos atrás, o pastor Fred Foster estava dando uma aula para jovens ministros durante uma reunião distrital na Louisiana. Durante a lição, ele fez uma declaração que eu escrevi numa folha em branco da minha novíssima Bíblia Thompson Chain-Reference Bible. Diz: "Você pode ser jovem em anos, mas velho em horas, se não tem perdido algum tempo." Não espere tempo de púlpito imediatamente, mas não fica sentado de mau humor; ocupa-se. Comece a se dedicar ao estudo da Bíblia, estudo de sermão, estudo de ministério. Vá ao seu pastor e coloque-se a seu serviço, então faça o que ele pede, não importa o quão servil seja. Comecei a cortar a grama no pátio da igreja. Pastor Jeff Arnold limpou os banheiros. Quase todo pregador que está no ministério hoje começou como nós. Medite em Mateus 25:21. *"E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor."*

Faça um lugar para seu chamado. Conheci pregadores que são amargos com o que consideram injustiça em sua organização ministerial. Você tem que conhecer alguém, ou ser parente de alguém para ter uma chance, eles dizem. Não afirmo que as organizações humanas não sejam vítimas dos mesmos males que atormentam qualquer grupo de seres humanos, mas há muitos exemplos de homens e mulheres sem conexão ou nascimento nobre que tiveram grandes ministérios e tremendo impacto para essa desculpa valer. Você é responsável por garantir sua vocação e eleição. Eu recebi uma carta de um ministro que entregou suas credenciais ministeriais da United Pentecostal Church International porque, como ele apontou com ira, "eu fui licenciado há dois anos e a UPC ainda não me encontrou uma igreja para pastorear!" Phillips Brooks diz que tais pessoas "são do tipo que não fazem algum lugar na vida por si mesmas, mas esperam até que alguém gentilmente faça um para elas e as encaixam nele".

Não deve ser fácil ser homem ou mulher de Deus. Deve custar tanto em termos de sacrifício, comprometimento e esforço quanto ser médico ou advogado, e talvez até mais. Se você é abençoado por ter o auxílio, alguém que possa ajudá-lo no caminho, agradeça a Deus por isso; mas se não, faça o seu caminho. Deus te chamou; seu trabalho é obedecer ao chamado, independentemente da dificuldade da estrada.

Quando comecei a pregar, não conhecia praticamente ninguém e ninguém me conhecia. Meu pai não era pregador. Nenhum dos meus avós serviu ao Senhor. Eu tive a vantagem de um grande pastor, A. E. Carney, que telefonou e incentivou seus amigos a me dar uma oportunidade de pregar, e alguns deles o fizeram. No entanto, como muitos outros que começaram na mesma época que eu (Carlton Coon, Tommy Parker, Tim Mahoney, Mark Christian, Ronnie LaCombe, Murrell Cornwell, Darrel Johns e muitos outros), eu tive que criar um lugar para mim. Havia muitas semanas sem lugar para pregar. Muitas vezes, durante o Natal, quando quase não havia culto de evangelização, eu fazia trabalhos provisórios. Às vezes, eu podia ajudar no inventário anual da concessionária de carros onde meu pai era gerente de peças.

Aprendi a pregar realizando cultos de evangelização em pequenas igrejas em pequenas comunidades: Six-Mile, Doodle Fork, Jigger, Red Star, Oberlin. As congregações eram pequenas, mas perdoavam um novato que tentava aprender a pregar de maneira eficaz. Era como aprender a nadar por pular na água e esperar o melhor. Levei minha pequena biblioteca comigo, estruturei meus dias em torno da devoção e estudo e montei sermões. Alguns deles eram mais ou menos bons. Muitos deles eram ruins. Eu trabalhei em frases, como dizer as coisas efetivamente e de forma memorável. Pensei em como medir o impacto de cada ponto e como ordená-los para obter o efeito máximo. Sem perceber, aprendi acerca de cadência, ritmo, o poder da ilustração e como contar uma história. Eu aprendi isso por experiência. Eu pregava, muitas vezes oito vezes por semana, noite após noite.

E eu aprendi com outros pregadores. Enquanto os observava, comecei a analisar suas pregações e procurar o que funcionava e por quê. Não há fonte mais rica para aprender a pregar do que os pregadores eficazes ao seu redor. No entanto, uma palavra de cautela: ao aprender com eles, evite a armadilha de imitá-los. É um erro adotar uma personalidade no púlpito que não é sua. É claro que você usará a estrutura de sintaxe e sentença no púlpito, diferente da fala cotidiana. Mas simplesmente imitar outro pregador é, na melhor das hipóteses, distrair a congregação e, na pior das hipóteses, divertido. Pode até ser um pouco estranho. Além disso, rouba a igreja de algo que precisamos: sua voz.

Crie um lugar para si, servindo e fazendo o que estiver ao seu alcance com um comprometimento inabalável de fazer o seu melhor. O chamado fará um caminho; seu ministério nascerá. Aprenda a conversar, andar e depois correr. Oportunidades virão se você for fiel. Você não pode ver muito longe no caminho. Nenhum de nós pode. Mas você pode começar hoje, exatamente onde está, fazendo o que tem a chance de fazer. A jornada é longa e pode ser difícil, mas aprenda de quem a pratica há mais de quarenta e cinco anos: vale a pena. Atenda à chamada e comece hoje.

Fontes Citadas no Capítulo 4

William Sangster, *The Approach to Preaching* (Londres: Epworth Press, 1951. Repr., Grand Rapids: Baker, 1974).

Phillips Brooks, *Lectures On Preaching Delivered Before the Divinity School of Yale College in January and February, 1877* (Nova York: E.P. Dutton, 1878).

5

As Qualificações do Pregador

Um mestre é alguém que, todos os dias, tenta buscar a perfeição. Há muitos dias que você prefere usar o atalho do que fazê-lo da melhor maneira possível e melhor do que no dia anterior. Um mestre é alguém que tem a ética do trabalho, que tem a disciplina, que tem a paixão de fazer o que faz incrementalmente melhor a cada dia até o dia em que morre.

Ryan Neil: Você pode ser jovem em anos, mas velho em horas, se você não tem perdido algum tempo.

Fred Foster

Como em qualquer outro empreendimento, existem qualificações para ser um pregador. Eles não têm nada a ver com seu sobrenome, as ocupações de seus pais, o tamanho da sua igreja mãe ou a reputação de seu pastor. Eles também não têm nada a ver com educação, experiência, habilidades ou qualquer outra realização que preenche os currículos. Todos eles têm a ver com você: suas escolhas na vida, seu caráter, como você gasta seu tempo, com quem você anda. Tudo isso faz parte de você estar qualificado para pregar ou não.

Assim como nos diz o que é pregar, a Bíblia nos diz o que é um pregador. Ao escrever para um jovem pregador, Timóteo, Paulo deu uma lista das qualificações necessárias para ser um pregador. Embora ele estivesse descrevendo principalmente um pastor, sua lista se encaixa em todos os pregadores, independentemente de sua posição no ministério.

“Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja. É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avaro; e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo. Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo.” (1 Timóteo 3:1-7)

Em sua carta a Tito, Paulo deu uma lista de qualificações para aqueles que seriam ordenados como anciãos nas igrejas de Creta:

“Por esta causa, te deixei em Creta, para que pusesse em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade, constituísse presbíteros, conforme te prescrevi: alguém que seja irrepreensível, marido de uma só mulher, que tenha filhos crentes que não são acusados de dissolução, nem são insubordinados. Porque é indispensável que o bispo seja irrepreensível como despenseiro de Deus, não arrogante, não irascível, não dado ao vinho, nem violento, nem cobiçoso de torpe ganância; antes, hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, que tenha domínio de si, apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem.” (Tito 1:5-9)

Você deve estudar cuidadosamente e considerar profundamente essas qualificações. Existem muitas dessas passagens para escolher, mas vamos nos concentrar em sete delas: disciplina, moderação, honestidade, boa mordomia (tanto de dinheiro quanto de tempo), sinceridade, moralidade e fidelidade. Vamos analisar brevemente cada uma delas.

Disciplina

Este é o mais importante, porque todos os outros se apóiam neste. Em termos simples, alguém que não tem disciplina também não terá nenhum dos outros traços, porque são todas extensões da disciplina. Nenhum deles pode existir sem disciplina. Especialmente para os pregadores, a disciplina é vital porque não marcamos um relógio de ponto, não temos um supervisor para supervisionar nossas atividades ou alguém a quem prestar contas de como nosso tempo é gasto. Autodisciplina é crucial.

Moderação

Intimamente relacionado à disciplina está a moderação. Paulo provavelmente tinha moderação em mente quando escreveu I Coríntios 6:12. *“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas.”* O contexto é o poder de pecado, mas a visão maior é *“alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos”* (6:13). Em outras palavras, o poder de nos dominar nem sempre vem de coisas pecaminosas ou viciantes em si mesmas, mas de permitir que elas consumam nossas vidas. Hobbies, esportes, mídias sociais e todos os interesses que consomem nosso tempo e preenchem nossos pensamentos devem ser rigidamente controlados e mantidos em seu lugar, ou eles ficarão fora de controle. Moderação em todas as coisas terrenas é um credo digno.

Honestidade

“Resolva ser honesto em todos os eventos; e se, em seu julgamento, você não puder ser um advogado honesto, resolva ser honesto sem ser um advogado.” Assim, aconselhou o advogado, Abraham Lincoln. Parece quase absurdo lembrar aos ministros que eles devem ser honestos, mas a Bíblia faz exatamente isso. A desonestidade é um hábito da mente e da atitude. Se você exagerar, enganar ou lidar falsamente com as pessoas, não apenas enfrentará Deus no final, é nesta vida, sem dúvida, perderá o respeito das pessoas. Sua reputação é vital para o seu sucesso como ministro. Sem honestidade fundamental, você ficará sem um ministério.

Mordomia

Um mordomo é aquele que administra os bens de outros. Nossa riqueza, nosso tempo e nossos talentos não nos pertencem; eles pertencem a Deus. Ele nos permite usá-los. Como usamos esses ativos

para Ele determina se somos bons ou maus mordomos. Em nossa administração de tempo, dinheiro e habilidades, devemos colocar em prática os três atributos de que acabamos de falar: disciplina, moderação e honestidade. A falta de qualquer um desses três se mostra com mais frequência na administração do dinheiro. As contas não pagas, vivendo além dos meios disponíveis, e a desonestidade financeira revelam uma vida interior caótica. Qualquer um pode enfrentar tempos difíceis, mas lidar com eles com disciplina e honestidade não apenas edifica uma boa reputação, ela edifica a pessoa interior.

Sinceridade

Simplificando, sinceridade é viver o que você prega. Isto é ser real. Por sua natureza, sinceridade não é algo que você possa tentar ser ou representar. Você pode forçar-se a ter um estilo de vida disciplinado, desenvolver bons hábitos e se tornar uma pessoa íntegra, mas a sinceridade não funciona assim. Não quero dizer que você não possa se comprometer a ser sincero e monitorar seu comportamento para garantir que quer dizer o que diz e ser apenas o que é; quero dizer, se você é insincero, agirá como se tivesse integridade, disciplina e honestidade, mas realmente não o fará. Você dirá todas as coisas certas e instruirá aqueles que o ouvirem em todos os ensinamentos bíblicos sobre justiça, mas dará um passe secreto ao seu eu e justificará um estilo de vida que não é o que você ensina aos outros. Embora que a disciplina seja o exercício da vontade para ser o que devemos ser, a sinceridade é o motor espiritual por trás dos atos da disciplina. A sinceridade não é um ato de vontade; é um ato de relacionamento. Conhecer Jesus e ser sinceramente como Ele, deve ser o desejo do coração de todos nós.

Moralidade

Como muitas dessas características, parece estranho indicar aos pregadores que eles devem ser morais. Por que alguém imaginaria que uma pessoa poderia ser um pregador sem ser moral? No entanto, há muitos exemplos de pregadores falhando nessa área fundamental. Seus relacionamentos com o sexo oposto devem ser protegidos o tempo todo. A promiscuidade de nossos tempos, a frouxidão das mídias sociais e as oportunidades secretas da Internet exigem um compromisso com a moralidade; não porque você quer ser um pregador, mas porque você quer estar certo e ser justo.

Fidelidade

Observe a declaração final de Paulo em sua descrição das qualificações para a pregação que ele deu a Tito: “... *apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem.*” (Tito 1:9) É por isso que desenvolvemos essas características em nossas vidas. Internalize a Palavra. Sua fidelidade à Palavra será, mais cedo ou mais tarde, questionada por algum pregador bacana que tenha idéias avançadas. Esse pregador atacará o povo em quem você confiou, a igreja da qual tem feito parte e até a própria Palavra. Segurar firme não implica uma aderência frouxa e fácil; ele mostra um agarramento mortal que, embora que alguém esteja puxando com todas as suas forças para arrancá-lo, não o deixará ir. Segure firme a Palavra, não é apenas a base do que cremos e o que fazemos, mas define quem somos. Não desista sem a luta de sua vida. Parafraseando um adesivo de para-choque, você pode ter minha fé na Palavra quando a arrancar de minhas mãos frias e mortas.

Por Que Vivemos Dessa Maneira

Vivemos de acordo com esse código para que possamos ser pregadores eficazes da Palavra. Essas qualificações não são para que sejamos credenciados por uma organização, ou honrados como ministro, ou até abençoados por Deus; elas são para que possamos lidar efetivamente com a Palavra de Deus.

Isso não é assunto leviano. Em II Coríntios 2, Paulo discutiu o impressionante papel do pregador no manejo da Palavra de Deus:

“Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento. Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para estas coisas? Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus.” (II Coríntios 2:14-17)

Mesmo um exame superficial dessa passagem revela algumas verdades sérias acerca do relacionamento entre a vida interior dos pregadores e sua pregação. Primeiro, somos usados por Deus; e em última análise, o que fazemos não é o resultado de talento, habilidade ou educação. No final, pregar é uma coisa divina, uma coisa de Deus. Quando pregamos, Deus está nos usando para manifestar o sabor (revelar a influência) do conhecimento de Deus.

Segundo, Paulo insistiu que a Palavra muda as pessoas, para o bem ou para o mal, quando é revelada através da pregação ungida. Se as pessoas aceitam e obedecem, isso lhes traz vida; se elas a rejeitam, isso traz a morte. Mas de qualquer maneira, elas são mudadas para sempre pela influência da Palavra pregada. Essas são almas, e essas almas viverão eternamente no céu ou no inferno, em grande parte porque elas foram persuadidas ou não convencidas por nossa pregação. É claro que elas estão exercendo seu próprio livre arbítrio, mas Paulo se recusou a nos exonerar; antes, ele enfatizou o papel que desempenhamos, quando pregamos a Palavra de Deus, na determinação dos destinos eternos daqueles que nos ouvem: *“Quem, porém, é suficiente para estas coisas?”* (II Coríntios 2:16)

Não podemos duvidar que ele tinha pregação em mente, porque concentra nossa atenção com estas palavras: *“Porque nós não somos como muitos, os quais corrompem a palavra de Deus”*. E, finalmente, ele explicou a única maneira que qualquer ser humano poderia suportar tal responsabilidade: *“... mas com sinceridade, como de Deus, à vista de Deus, nós falamos de Cristo.”* (II Coríntios 2:17, BKJ Fiel)

De fato, quem é digno de lidar com algo tão poderoso como a Palavra de Deus, que é vida ou morte para aqueles que a ouvem? Somente homens ou mulheres sinceros, apenas aqueles que reconhecem plenamente sua própria fragilidade como seres humanos, mas não podem escapar do fato de terem sido chamados. Eles sabem que não podem ser dignos; eles só podem somente ser obedientes.

Como podemos desenvolver o tipo de vida que nos equipa para lidar com as questões eternas da Palavra de Deus? A vida sincera deve começar com as convicções corretas. Convicções são nossas crenças fundamentais inabaláveis. As crenças centrais são doutrinas e valores inegociáveis em que cremos e mantemos. Independentemente de mudanças na cultura, tradições públicas ou padrões legais, nossos valores fundamentais não mudam. Nossa identidade como igreja e nossos relacionamentos individuais com Deus são refletidos em nossos valores e crenças. Sem essas convicções inabaláveis, não podemos esperar lidar adequadamente com a Palavra de Deus. Em seu livro *The Apostolic Church in the*

Twenty-First Century, David K. Bernard identifica três categorias de valores fundamentais: identidade apostólica, unidade apostólica e avivamento apostólico. Dentro dessas categorias estão as crenças básicas que formam o fundamento do nosso cristianismo. Segue como o Pastor Bernard os descreve:

Como crentes apostólicos, nos modelamos segundo a igreja do Novo Testamento. Esses três valores centrais são proeminentes em Atos 2, que descreve o início da igreja, a mensagem dos doze apóstolos e a vida dos primeiros crentes. Nesse relato, vemos um forte comprometimento com a identidade doutrinária (versículo 42), incluindo a divindade de Jesus (versículos 21, 36), o plano de salvação (versículos 4, 38) e a separação do mundo (versículo 40). Também vemos um forte exemplo de unidade - em comunhão, oração, doação sacrificial e adoração (versículos 43-47). Finalmente, vemos o verdadeiro avivamento, com maravilhas, sinais, discipulado e crescimento numérico (versículos 43, 47).

Sua dedicação a essas crenças centrais de identidade, unidade e avivamento moldam sua pessoa interior para refletir Jesus Cristo. À medida que você se torna cada vez mais parecido com Ele, sua pregação assume um aspecto impossível de produzir de outra maneira. Você realmente se torna Seu mensageiro. As pessoas ouvem a voz Dele quando você prega.

John R. W. Stott, em *Between Two Worlds*, discute as convicções necessárias para formar o fundamento do ministério do pregador. Vejamos a lista de Stott:

A primeira é a nossa convicção acerca de Deus.

- Deus é luz. Como a natureza da luz deve brilhar, é da natureza de Deus revelar Si mesmo.
- Deus agiu, tanto na criação quanto na redenção.
- Deus falou. Ele não revelou Si mesmo apenas em atos, Ele realmente falou.

O segundo é a nossa convicção acerca da Palavra.

- As Escrituras são a Palavra de Deus escrita. Como tal, é a base de tudo o que dizemos.
- Deus ainda fala através de Sua Palavra. Não é um livro texto morto do passado.
- A Palavra de Deus é poderosa. Você espera que algo aconteça toda vez que você prega?

Terceiro, precisamos de uma convicção acerca da igreja.

- É uma criação da Palavra de Deus. Como tal, é dependente da Palavra.
Junto com isso, precisamos de uma convicção acerca de pastorear.
- Deus ainda dá superintendentes à Sua igreja, e sempre dará.
Finalmente, precisamos de uma convicção acerca da pregação.
- O pregador deve pregar a Palavra. Não opinião, não política, mas a Palavra.

Essas convicções formam a base de nossa atitude em relação ao que somos chamados para fazer. Deveríamos prestar atenção especial ao segundo. Nós nunca devemos perder nossa confiança absoluta na Bíblia como a Palavra de Deus. Não é apenas uma fonte de histórias e textos que ilustram princípios de sucesso que, se seguidos, enriquecem e trazem propósito às nossas vidas; é a fonte de poder que nos habilita a viver de acordo com aqueles princípios. Pregador a Palavra de Deus não apenas salva seus ouvintes, ela os transforma. Uma vez que estamos absolutamente convencidos dessa verdade, a convicção final é formada: o pregador deve pregar a Palavra.

Fico triste quando vejo pregadores usando o púlpito para educar, informar e até inspirar, mas o fazem sem a Bíblia como fonte e centro do sermão. Embora que os princípios que estão comunicando possam ser valiosos ou mesmo essenciais, basear-se na psicologia, na experiência humana ou nos

princípios de negócios é despojá-los do poder que a Palavra traz. No próximo capítulo, examinaremos o requerimento fundamental de todos os pregadores: pregue a Palavra.

Fontes Citadas no Capítulo 5

David K. Bernard, *The Apostolic Church in the Twenty-First Century* (Hazelwood, MO: Word Aflame Press, 2014).

John R. W. Stott, *Between Two Worlds* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

6

Pregue a Palavra

Três palavras devem ser claramente entendidas e mantidas distintas em nossos pensamentos: dom, conhecimento e habilidade. Dom, ou talento, vem de Deus. O conhecimento deriva do estudo devoto, concentrado e consciente da Palavra de Deus. A habilidade é desenvolvida à medida que o dom é exercido em um ambiente de espiritualidade.

Alfred P. Gibbs

A entrega de sermões deriva sua razão de existência de seu relacionamento com o conteúdo do sermão. Esse relacionamento pode ser especificado como aquele que *maximiza a mensagem e minimiza o mensageiro*.

Al Fasol

A chamada filosofia *emergente* que ouvimos hoje, entre outras falhas terríveis, rouba o púlpito de sua autoridade e o pregador de sua dignidade. Essa filosofia não é nada nova. Sempre houve essa insidiosa falsidade que o pregador não sabe mais, não tem mais discernimento, não tem mais entendimento de Deus e de Sua Palavra do que o mais novo convertido no banco. “Eu não sei mais do que você, então venha, procuraremos juntos. Suas opiniões e seus comentários são tão importantes quanto os meus.” Portanto, a pregação é abandonada para o diálogo e a verdade absoluta para a tolice relativista. “Os homens sempre passaram por esse absurdo”, disse Phillips Brooks, 135 anos atrás, e sempre o farão.

É exatamente isso que Paulo tinha em mente quando insistiu com o jovem pregador Timóteo: “*Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.*” (II Timóteo 2:15) Seu chamado expressa a confiança de Deus em você; o que você faz com o chamado Dele determina sua eficácia e sucesso como pregador.

Ninguém em sã consciência colocaria sua saúde e vida nas mãos de um médico que proclamou: “Não sei mais sobre medicina do que você. Entre e discutiremos seus problemas e, com o seu conhecimento e o meu juntos, talvez possamos encontrar uma solução em que você possa acreditar.” Quero uma segunda opinião! Ninguém procuraria aconselhamento jurídico de alguém que não tivesse mais treinamento e experiência na lei do que ele. Nós nem confiaríamos nosso carro a um mecânico que não conhecia mais os automóveis do que nós. Por que as pessoas devem confiar suas almas a um pregador que afirma não ter mais conhecimento acerca das coisas de Deus do que elas?

Nossa autoridade é encontrada não no fato de pregarmos, mas no conteúdo de nossa pregação. A pregação tola, superficial e voltada para o entretenimento não merece mais atenção do que qualquer outro esforço para falar em público, mas um sermão que contém as verdades da Palavra eterna demanda uma resposta.

A igreja primitiva foi consumida pelo desejo de levar o evangelho ao mundo. Mesmo antes de abrirem os olhos para o fato de que o cristianismo não seria apenas mais uma seita do Judaísmo, eles espalharam as notícias do evangelho em todos os lugares onde foram. Assim como Jesus disse que deveriam, eles começaram em Jerusalém. Após o dia de Pentecostes, o avivamento se espalhou pela cidade, grandes milagres atraíram multidões, incluindo aqueles que viviam nas cidades vizinhas, e milhares foram cheios do Espírito Santo e batizados em nome de Jesus. O que foi impressionante no relato do avivamento de Jerusalém foi o quão impotentes os membros do conselho eram para impedir o avivamento e quão aterrorizados eles eram por homens sem instrução e sem sofisticação. Os discípulos foram presos, ameaçados, libertados, presos novamente, libertados da prisão no meio da noite, depois presos novamente, apenas para serem libertados novamente. O conselho ficou paralisado pelo medo. Também é surpreendente perceber que o conselho não tinha medo dos milagres que os discípulos fizeram, nem das grandes multidões que vieram ouvi-los pregar. Era a própria pregação que eles temiam. Uma e outra vez o conselho ordenou aos discípulos que parassem a pregação e o ensino: *"Chamando-os, ordenaram-lhes que absolutamente não falassem, nem ensinassem em o nome de Jesus."* (Atos 4:18)

Suas ameaças não pararam os discípulos; eles continuaram a espalhar as boas novas por toda parte. Os resultados de sua pregação destemida e fiel foram incríveis: pessoas foram cheias do Espírito Santo e batizadas todos os dias. Pode ser que, em questão de semanas, cinquenta mil tenham sido salvos. Qual foi o segredo desse grande avivamento? Não eram edifícios, esforço organizado ou estrutura. O segredo deles era simples: o próprio conselho frustrado descreveu melhor em Atos 5:28. *"Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome; contudo, enchestes Jerusalém de vossa doutrina; e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem."*

O sucesso dos discípulos não se baseou na personalidade, talento ou habilidade das pessoas. Era a pregação e o ensino da doutrina, pura e simples. A igreja em Jerusalém simplesmente não parou de proclamar a doutrina, e Deus lhes deu avivamento.

"Enchestes Jerusalém de vossa doutrina." A verdade da doutrina é o motor do avivamento; é a esperança do mundo. Doutrina define a igreja; é o que pregamos, mas é muito mais: é o que somos. É o que nos faz distintos. Abandonar a doutrina é abandonar nossa própria identidade. Apesar do que aqueles que odeiam a verdade possam dizer, a doutrina, adequadamente pregada e ensinada, não divide; porém, reúne pessoas, e vira seus rostos para Deus. Há uma atração poderosa embutida na verdade que chama homens e mulheres em todas as culturas e em todos os tempos.

Não faz muito tempo, ouvi um pregador pregando de Hebreus 6. Acontece que esse é um capítulo que há muito me fascina, por isso dei toda a minha atenção a ele. Fiquei chocado e triste com os comentários dele acerca dessa passagem maravilhosa. Segue o que a Palavra de Deus diz:

"Por isso, pondo de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito, não lançando, de novo, a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus, o ensino de batismos e da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno. Isso faremos, se Deus permitir." (Hebreus 6:1-3)

O pregador focou nesses três primeiros versículos do capítulo, e mais especialmente no primeiro. Ele ensinou que a Palavra estava nos exortando a deixar para trás nossa fixação imatura na doutrina. Nos serviu bem no passado, quando éramos pequenos, fracos e precisávamos de proteção contra as artimanhas dos inimigos que teriam nos destruído. Mas agora estamos crescidos; não precisamos ser tão obstinados agora. Toda doutrina que faz neste momento é separar-nos de outras pessoas com as quais poderíamos aprender e quem poderia aprender conosco. Assim, como diz o escritor de Hebreus, deixemos para trás os princípios da doutrina e continuemos à perfeição.

O que o pregador fez, é claro, foi escolher as partes da passagem que se encaixavam em seu argumento e ignorou o resto. Se lemos apenas o versículo 1 até a terceira vírgula e paramos por aí, o argumento que o pregador fez naquela noite parece verdadeiro. Mas as palavras que seguem a terceira vírgula modificam as palavras que a precedem. Ignorar as palavras na segunda metade do versículo é perder o significado das palavras na primeira metade.

Observe atentamente as palavras após a terceira vírgula: “*não lançando, de novo, a base...*” Agora vemos claramente o significado das palavras “*pondo de parte*”. Isso não sugere abandonar a doutrina, mas edificar sobre ela. Nenhum edifício poderá ser construído se a fundação estiver sendo constantemente demolida e reconstruída. O escritor está nos dizendo para parar de recolocar o fundamento, mas para estabelecê-lo de uma vez por todos; e então, terminar a estrutura sobre essa base.

Tem sido dito que é melhor debater a questão sem resolvê-la do que resolvê-la sem debatê-la. Isso pode ser verdade, mas debater constantemente sem finalmente resolver a questão é certamente o pior resultado de todos. Especialmente quando ocorre dentro de nossos próprios corações, é evidente que o debate constante é paralisante. Hebreus 6 faz um apelo claro para terminar o debate. Certamente, é um conceito Bíblico nos lembrar da nossa fé. Mas deve haver algumas verdades fundamentais que são invioláveis. Algumas coisas devem finalmente e para sempre serem resolvidas. Estas são a âncora de nossas almas; elas são o fundamento sobre o qual toda a demais fé repousa.

Como um construtor coloca o concreto e termina o fundamento, e depois completa o edifício, devemos estabelecer e terminar o fundamento de nossa fé. Hebreus 6 não é um chamado para sair da doutrina, é um chamado para estabelecê-la. Não lançar novamente o fundamento é a imagem, não de abandono, mas de se estabelecer com certeza, e então construir a partir daí. As fundações não são feitas para serem abandonadas; elas são feitas para servir como base sobre as quais edificar.

Isso importa porque a parte mais vital de qualquer edifício é a base. A importância da base não pode ser exagerada, desde que a base providencia estabilidade para toda a estrutura. A Palavra de Deus usa essas imagens para nos ensinar que nossas vidas devem ter um fundamento forte o suficiente para suportar as tempestades da vida e prover a base para a edificação de uma estrutura maior para a glória de Deus.

O que acontece quando não há uma boa base? Muitas vezes, o prédio desmorona. Isto é o que Jesus descreveu em Mateus 7:24-27:

“Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato

que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.”

A fundação era tão pobre que o prédio desabou e todo o trabalho de construí-lo foi desperdiçado. Todos nós vimos que aqueles que pareciam estar bem, pareciam ser fortes no Senhor; no entanto, eles de repente entraram em colapso em um período de estresse, quase da noite para o dia. Sua morte dramática nos deixou sem fôlego e nos fez pensar em como essas coisas podem acontecer. A verdade é que eles simplesmente não tinham fundamento sólido; eles nunca haviam realmente estabelecido suas crenças fundamentais. Tudo o que eles fizeram seguiu a maneira como foram criados ou haviam sido ensinados quando vieram ao Senhor. Eles nunca haviam posto os alicerces sólidos e firmes em seus próprios corações. Quando nossas crenças centrais estão sempre em jogo, toda a nossa vida repousa sobre uma base instável.

Às vezes, o colapso não é tão rápido ou dramático, mas um enfraquecimento lento até que um dia a estrutura esteja além do reparo. Geralmente, isso significa que o fundamento é fraco porque não se apóia na verdade Bíblica, ou talvez seja diluído pela opinião humana ou pelas exigências da cultura atual. Michael Pollan, em *A Place of My Own*, descreve o perigo de uma fundação que não é sólida e verdadeira:

Mas muito antes de nossa casa entrar em colapso, a deslocação de sua fundação desencadearia um processo incremental que condenaria o edifício da mesma maneira. O menor movimento dos pés se ramificaria por toda a estrutura, gradualmente corroendo um após o outro dos seus ângulos retos; "acuracidade", no sentido do carpinteiro, é o primeiro sinistro de uma fundação pobre. Primeiro, a moldura da porta cai fora do esquadro, pois é apoiada em apenas três lados. Depois as janelas. Um edifício é uma coisa quebradiça e, eventualmente, seu selo contra o clima será quebrado através de uma rachadura no telhado, talvez, ou na ligeira discrepância que surge entre um caixilho de janela de noventa graus e o que se tornou uma moldura da janela de oitenta e nove graus. Agora por uma gota de cada vez, a água entra no edifício e o processo de sua decomposição começa. Como alguém disse: "Logo, é comida de cupins."

Qual deve ser o nosso fundamento? A base de um fundamento duradouro é encontrada em Efésios 2:20: *“Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular”*. O aspecto mais interessante dessa analogia é que Jesus não é a fundação; Ele é a principal pedra angular. A pedra angular não faz parte da fundação, mas toda a estrutura repousa nela.

Permita-me apressar a dizer que, é claro, em certo sentido, Jesus é o nosso fundamento: *“Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica. Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.”* (I Coríntios 3:10-11)

Mas outra coisa está à vista em Efésios 2. Entre outras coisas, Jesus é mostrado como a pedra angular porque a ênfase está sendo deliberadamente colocada nos apóstolos e profetas. Isso é para focar na verdade que nosso fundamento é a Palavra de Deus, que Deus escreveu através dos apóstolos e profetas. A razão pela qual Paulo foi inspirado a descrever o fundamento como sendo a Palavra escrita, em vez de ser o próprio Jesus, foi porque ele queria que escapássemos da armadilha em que os Judeus caíam. Os Judeus não reconheceram Jesus porque estavam procurando um Messias que era o produto de suas próprias imaginações, em vez da Palavra. Você não pode edificar sua vida com sucesso em um Jesus imaginário. Nosso fundamento é o Jesus das Escrituras. Muitas pessoas estão apaixonadas por uma idéia,

mas não pela realidade. A mensagem é que sua casa deve ser edificada sobre a Palavra. Isso determinará se está de pé ou caída.

O alicerce para a nossa vida cristã é a nossa “*fé santíssima*” (Judas 20), que é “*pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos.*” (Judas 3) Doutrina não é apenas nossa introdução a Deus, é a base de nosso relacionamento contínuo com Ele. Não podemos conhecê-Lo fora de Sua revelação de Si mesmo, e essa revelação está incorporada na doutrina. Isso significa abandonar a doutrina é abandonar o conhecimento Dele. A igreja do Livro de Atos aprendeu essa verdade muito cedo: “*E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.*” (Atos 2:42)

A doutrina é poderosa como o instrumento do avivamento real e essencial como o fundamento da vida por uma razão simples: é a verdade. Existe um poder que a verdade tem simplesmente porque é a verdade. A verdade tem vida própria. Segue algumas características da verdade que são importantes para mantermos na vanguarda de nosso pensamento.

Primeiro, a verdade é absoluta. Isso significa que, independentemente do tempo, situação ou circunstância, a verdade é a verdade. Não necessita que alguém concorde para ser verdade. Não necessita que alguém crê nela para ser verdade. Isso é surpreendente para nós que vivemos em uma sociedade governada por dados de pesquisas. Se lemos que 64 por cento dos Americanos creem em algo, nossa reação subconsciente é crer que isso é verdade. Mas 64 por cento podem estar errados. Que porcentagem de pessoas acreditava que o mundo era plano? Que porcentagem acreditava que o homem nunca voaria? De fato, a verdade é que 100 por cento das pessoas podem estar erradas: “*E daí? Se alguns não creram, a incredulidade deles virá desfazer a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma! Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem...*” (Romanos 3:3-4a) A rejeição do conceito de verdade absoluta corrompeu outros aspectos fundamentais do pensamento lógico. Um exemplo é a mudança na definição da palavra tolerância. Tolerância significa: “Reconhecer e respeitar os direitos, crenças ou práticas de outras pessoas.” Isso *não* significa que alguém precise aprovar ou declarar como certo as crenças ou práticas de outras pessoas. Se um pregador diz às pessoas que elas são salvas sem o Espírito Santo ou sem serem batizadas em nome de Jesus, eu respeito seu direito de crer nisso, mas não tenho que concordar que ele está correto ou que a Bíblia apóia esse ensinamento. A tolerância não exige que eu comprometa minhas crenças. Nós amamos as pessoas, não importa seu estilo de vida, não importa o que tenham feito. Mas devemos continuar a direcioná-los para uma direção melhor, em direção a Deus, em direção ao poder que lhes permite escolher a verdadeira justiça. Nunca devemos ser rudes ou indelicados, e nunca é nossa intenção ser prejudicial. Embora possamos e devemos ser tolerantes, devemos também defender a verdade.

Essa ideia errada acerca de tolerância levou a outro conceito acerca da verdade que está errado; essa é a ideia de que todos possam achar sua própria verdade e que todos estejam certos. Veja II Pedro 1:20: “*Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.*” Não há uma verdade para mim e outra para você. Existe apenas uma verdade. Digamos que alguém decida que fica a apenas cinquenta milhões de milhas da terra até o sol. Outra pessoa acredita que são 150 milhões de milhas ao sol. Agora, eles não podem estar certos. De fato, ambos estão errados. São cerca de noventa e três milhões de milhas. A Palavra é a verdade, e devemos conformar nossas opiniões à Palavra de Deus. Se um pregador diz que você é salvo somente pela fé e outro diz que você deve ser batizado para ser salvo, eles não podem estar certos. E a verdade não é afetada por nenhuma de suas opiniões. A verdade nunca olha para trás para ver quem está seguindo; a verdade continua sendo a verdade.

Segundo, a verdade não é apenas absoluta, é poderosa - poderosa o suficiente para libertar os homens: *“Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”* (João 8:31-32) A falsidade e o compromisso não podem libertar; eles só podem escravizar. Declarar a verdade é quebrar os grilhões que guardam tantos; ela abre as portas da prisão. É a *única* chave. É por isso que devemos proclamar a verdade. Fazer menos pode reunir uma multidão, mas não edificará uma igreja porque as pessoas não são libertadas do pecado, onde não há verdade proclamada.

Terceiro, a verdade abre o caminho para Deus. Certa vez, Jesus conheceu uma mulher no poço de Jacó em Sicar. Depois que ela percebeu que estava falando com um homem com uma visão extraordinária das coisas de Deus, ela fez uma pergunta do fundo do seu coração: *“Onde podemos encontrar Deus? Alguns dizem Jerusalém, outros dizem em uma montanha aqui perto, mas eu preciso saber. Onde posso encontrá-Lo?”* Hoje, muitos diriam a ela que isso não importa. Deus não é específico acerca de qual igreja ou que fé você abraça; afinal, todos os caminhos levam a Deus. Isso decididamente não é o que Jesus disse. *“Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.”* (João 4:23-24) A verdade é o único caminho para Deus. Nem sentimentos, nem sacrifícios, nem boas obras. Nem mesmo a presença sozinha do Espírito. Deve haver verdade para os humanos encontrarem Deus.

Finalmente, somente a verdade nos julgará: *“Na presença do SENHOR, porque vem, vem julgar a terra; julgará o mundo com justiça e os povos, consoante a sua fidelidade.”* (Salmo 96:13) Este é o padrão pelo qual todas as vidas serão julgadas. Não é politicamente correto; vai contra a rejeição moderna de qualquer coisa que cheira ao absolutismo. Às vezes, as pessoas nos dizem: *“Quem você pensa que é? Você pensa que está certo e todo mundo está errado! Você é crítico e se acha mais santo do que outros! Eles não entendem. Ninguém será julgado por minhas opiniões ou ideias. Ninguém será julgado pelo que eu acho que é a verdade. Mas eles serão julgados pelo que realmente é a verdade, e a Bíblia é essa verdade.”*

Nós mesmos, como pregadores da verdade, não seremos julgados pelos padrões terrestres de sucesso, mas pela verdade. Não pelo tamanho de nossas congregações, pela proeminência de nossos ministérios, pelo número daqueles que sabem nosso nome. Seremos julgados pela verdade: nós a pregamos, nós a vivemos, nós a amamos?

O homem com sua alma ardente
tem apenas uma hora de fôlego
Para construir um navio de verdade
No qual sua alma possa navegar
Navegar no mar da morte
Pois a morte cobra pedágio.
De beleza, coragem, juventude,
De tudo menos a verdade.

John Masefield

Fontes Citadas no Capítulo 6

Phillips Brooks, *Lectures On Preaching Delivered Before the Divinity School of Yale College in January and February, 1877* (New York: E. P. Dutton, 1878).

Michael Pollan, *A Place of My Own: The Education of an Amateur Builder* (New York: Bantam Doubleday Dell, 1997).

John Masefield, “Truth” in *The Story of a Round House and Other Poems* (New York: MacMillan, 1912).

Parte Três

O Sermão: Preparação

As alturas por grandes homens alcançadas e mantidas
Não foram atingidas por um vôo repentino,
Mas eles, enquanto seus companheiros dormiam,
Estavam labutando em ascendência na noite

Agostinho

Preparação precede o poder.

Charles Lindbergh foi a primeira pessoa a voar sozinho sobre o oceano Atlântico. Ele fez seu vôo histórico em 1927, depois que outros que tentaram o vôo perigoso falharam, alguns perdendo a vida no processo. Lindbergh teve sucesso simplesmente porque estava melhor preparado. Essa devoção à preparação é resumida na declaração lacônica muitas vezes creditada a ele: "Preparação precede o poder".

Em nenhuma área isso é verdade mais do que na pregação. Um pregador despreparado é um pregador impotente. De tempos em tempos, há tendências que descartam a preparação, tendências que parecem argumentar que preparar é de alguma forma carnal; que estar preparado é ser incapaz de responder ao Espírito. Eu acho o oposto verdade. Quando estou preparado, minha mente não está procurando freneticamente as palavras que devo dizer; em vez disso, é livre para responder ao mover de Deus, sabendo que quando a hora da pregação chegar, eu estou pronto. Prepare-se bem, saiba o que vai dizer, depois responda ao Espírito, e você terá poder em sua pregação.

Ir ao púlpito despreparado é um dos comportamentos mais imperdoáveis para um pregador. Nunca aceite o segundo melhor em si mesmo; esteja sempre preparado.

7

Os Primeiros Passos Para Preparar Um Sermão

Quanto menos experiente o orador, mais tempo de preparação é necessário. Minha opinião é de nada menos de vinte horas para uma mensagem de quarenta minutos. As pessoas merecem isso. Quando você multiplica as horas/trabalho sentado na sua platéia (o tempo delas), elas merecem mais do que um McLanche Feliz enrolado em alguns pedaços de papel.

Stan Gleason

Passo Um

O primeiro passo para estar preparado parece simples: você deve decidir o que vai pregar. É somente lógico que você tenha que decidir o que pregará antes de se preparar para pregar. Obviamente, não é tão simples quanto parece. É um ato de fé crer que dias antes de você pregar, Deus pode direcioná-lo a um texto e assunto que atenda às necessidades de uma congregação. Mas isso é literalmente verdade, e você deve acreditar.

De onde vêm as idéias do sermão? Em todos os lugares: uma boa história que capta sua imaginação, um texto das Escrituras que se destaca em suas devoções, um sermão que você lê ou ouve que deixa sua mente pensativa, um artigo de jornal, algo que você ouve no rádio ou se depara na Internet. Ideias estão por toda parte. Nunca esquecerei o pastor Fred Hyde, pastor, missionário e fundador do Spirit of Freedom Ministries, recebendo uma ideia de sermão de um recibo em um restaurante de fast food: “Quando seu pedido estiver pronto, seu número será chamado.” Esteja em alerta para ideias de sermão de tudo que você lê, ouve ou vê.

Obviamente, a maioria de suas ideias virá da própria Bíblia. Isso torna vital a leitura diária da Bíblia, não apenas para devoção pessoal, mas também para a preparação de sermões. O clima, a paisagem e a cultura da Bíblia devem ser tão familiares para você quanto a do mundo físico. Ao ler, você deve estar familiarizado com os fatos básicos de quem, o que, onde, quando, por que e como o que lê. Preste atenção na memorável mudança de frase, na impressionante narrativa, na aplicação universal da verdade. Todos estes são onde nascem os pensamentos do sermão.

Passo Dois

Independentemente do que chama sua atenção e cativa sua mente, o segundo passo é absolutamente crucial: você deve escrever o que chamo de declaração de propósito. Alguns o chamam de tema ou tese. É uma frase que contém a ideia central do sermão. Deve ser anotado no começo, quando o sermão ainda é apenas uma ideia, torna-se a medida contra a qual todas as Escrituras, ilustrações e informações compiladas posteriormente devem ser comparadas. É o foco que mantém você no caminho certo. Uma declaração de propósito vaga produz um sermão vago. Uma declaração de propósito nítida e concisa produz um sermão claro. Gaste tempo para acertar. Vejamos algumas declarações de propósito que escrevi e os textos de onde vieram.

João 1:45-46: *“Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José. Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê.”*

Minha declaração de propósito: "Meu objetivo é mostrar que nenhuma discussão pode convencer as pessoas da graça e do poder de Jesus, mas se as pessoas 'vem e vê' por si mesmas, descobrirão o amor Dele por elas".

II Reis 7:3-5: *“Quatro homens leprosos estavam à entrada da porta, os quais disseram uns aos outros: Para que estaremos nós aqui sentados até morrermos? Se dissermos: entremos na cidade, há fome na cidade, e morreremos lá; se ficarmos sentados aqui, também morreremos. Vamos, pois, agora, e demos conosco no arraial dos siros; se nos deixarem viver, viveremos; se nos matarem, tão-somente morreremos. Levantaram-se ao anoitecer para se dirigirem ao arraial dos siros; e, tendo chegado à entrada do arraial, eis que não havia lá ninguém.”*

Minha declaração de propósito: "Meu objetivo é mostrar que, mesmo quando não temos certeza do que Deus fará, se agirmos com qualquer fé que tivermos, em vez de nos rendermos à nossa dúvida, Deus responderá à nossa necessidade".

II Samuel 13:1-3 *“Tinha Absalão, filho de Davi, uma formosa irmã, cujo nome era Tamar. Amnom, filho de Davi, se enamorou dela. Angustiou-se Amnom por Tamar, sua irmã, a ponto de adoecer, pois, sendo ela virgem, parecia-lhe impossível fazer-lhe coisa alguma. Tinha, porém, Amnom um amigo cujo nome era Jonadabe, filho de Siméia, irmão de Davi; Jonadabe era homem mui sagaz.”*

Minha declaração de propósito: “Meu objetivo é convencer os jovens de que seu destino pode ser decidido pelas pessoas que eles escolherem como amigos, uma vez que os amigos nos incentivarão a servir a Deus ou a se afastar Dele.”

O Terceiro Passo

Depois que a declaração de objetivo é escrita, o próximo passo é a coleta de dados. Seu sermão é baseado em uma passagem das Escrituras. Você deve tentar aprender tudo o que puder sobre essa passagem. Terei mais a dizer acerca disso mais tarde. Em seguida, identifique, consultando sua declaração de objetivo, qual aplicativo você fará deste texto a vida de seus ouvintes e começará a coletar informações que ilustrarão, demonstrarão e iluminarão seu propósito.

A primeira fonte que eu consulto para material de apoio para o meu sermão é a própria Bíblia. Essa deve ser a primeira escolha para o conteúdo. Por quê? Porque você nunca pode ter demais da Bíblia em um sermão! Somos chamados a pregar a Palavra, então coloque toda a Palavra possível em seus sermões que possa razoavelmente fazer. Não quero dizer carregá-lo com teologia misteriosa e seca; em vez disso, use outros textos, histórias e eventos das Escrituras para iluminar seu tópico ou tema. Lembre-se também de que o propósito da pregação é convencer seus ouvintes da verdade e importância do que você diz. A maioria do povo para quem você prega acreditará, corretamente, que as próprias Escrituras são o árbitro da verdade; portanto, use as Escrituras para apoiar as Escrituras e demonstrar a verdade do seu tema.

EXEMPLO DE SERMÃO

Deixe-me ilustrar os comentários que fiz até agora, observando um sermão que construí e preguei. Uma das minhas histórias favoritas da Bíblia é acerca dos quatro leprosos sentados no portão da cidade sitiada de Samaria. A história toda está registrada em II Reis 6-7. Eu usei essa história em muitos sermões diferentes, mas comecei a vê-la sob uma nova luz quando notei a declaração notável: *“Para que estaremos nós aqui sentados até morrermos? Se dissermos: entremos na cidade, há fome na cidade, e morreremos lá; se ficarmos sentados aqui, também morreremos. Vamos, pois, agora, e demos conosco no arraial dos siros; se nos deixarem viver, viveremos; se nos matarem, tão-somente morreremos.”* (II Reis 7:3b-4) Vi na minha mente esses quatro homens desesperados avaliando sua situação: uma cidade morrendo atrás deles, morte certa se eles ficassem onde estavam, um inimigo cruel diante deles. Admitindo que não tinham ideia do que seria o resultado final, eles decidiram fazer a única coisa que oferecia alguma esperança - ir ao acampamento Sírio e ver o que aconteceria. Pensei no fato de que eles tinham certeza de apenas duas coisas: se entrassem em Samaria, certamente morreriam e, se ficassem onde estavam, certamente também morreriam. Não havia dúvida acerca do resultado desses dois cursos de ação. A única dúvida que eles tinham era acerca do resultado da única ação possível à sua disposição, para ir ao acampamento Sírio: *“se nos deixarem viver, viveremos; se nos matarem, tão-somente morreremos.”*

Eu tenho notado muitas vezes como as pessoas se falam das bênçãos de Deus, porque têm alguma dúvida acerca se Deus realmente fará por elas o que precisam fazer. Às vezes, penso que, em nossos esforços para incentivar a fé, enfatizamos a necessidade dela até que nossos ouvintes cheguem à conclusão de que, a menos que tenham total confiança de que Deus fará o que precisam, Ele não os ouvirá. De certa forma, temos uma crença tácita de que o mínimo de dúvida impede Deus de responder. Isso causa desânimo e resignação em aceitar menos do que Deus gostaria de fazer por nós.

Não acredito que isso seja verdade e, ao estudar novamente essa história do Antigo Testamento que havia usado tantas vezes, vi que era o texto perfeito para dissipar essa trágica crença equivocada que havia roubado tantas pessoas. Escrevi a declaração de propósito que você já leu: *“Meu propósito é mostrar que, mesmo quando não temos certeza do que Deus fará, se agirmos com a fé que tivermos, em vez de nos rendermos à nossa dúvida, Deus responderá à nossa necessidade.”* Eu tenho identificado o que quero pregar, localizei meu texto, escrevi minha declaração de propósito. Agora é hora de começar a reunir materiais para usar no sermão. Depois de passar mais tempo com os quatro leprosos, comecei a reunir itens acerca de fé e dúvida. Logo ficou óbvio que eu precisaria de muito pouco material de fora da própria Bíblia. Consultei meu banco de dados de “sermões pregados” e me deparei com algum material que havia usado em sermões anteriores acerca de educação, induzindo dúvidas em nós, ensinando-nos a questionar fatos, autoridades e regras estabelecidos. Também fiz outras pesquisas e encontrei informações sobre a ampla aceitação de conceitos seculares, incluindo a evolução, que minam nossa fé

no poder sobrenatural de Deus. Mas eu usei as Escrituras quase exclusivamente por causa da riqueza de recursos Nelas.

Primeiro, houve passagens que fazem o que eu acho que providenciam a teologia do meu tema. Alguns pareciam apoiar o oposto do meu propósito. É vital não os ignorar, pois muitos de seus ouvintes os conhecerão ou os descobrirão; se você os ignorar, isso minará não apenas o tema deste sermão, mas também sua credibilidade como pregador. Não quero dizer que você precise transformar seu sermão em um debate polêmico ou em um estudo técnico da Bíblia; quero apenas dizer que você deve apresentar a Bíblia de maneira honesta e aberta, apresentando os dois lados da questão. Falarei acerca disso com mais detalhes posteriormente. Alguns desses versículos são Marcos 9:23: *“Ao que lhe respondeu Jesus: Se podes! Tudo é possível ao que crê.”* e Hebreus 11:6: *“De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.”* Por outro lado, estão estas Escrituras: Mateus 17:20 (também Lucas 17:6) *“E ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível.”* e Marcos 9:24 *“E imediatamente o pai do menino exclamou com lágrimas: Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!”*

O verdadeiro poder do sermão virá das histórias Bíblicas que demonstram alguém recebendo de Deus, apesar da fé imperfeita. Fiz anotações acerca de seis eventos diferentes nas Escrituras que se encaixam no meu objetivo:

1. O pai levando seu filho a Jesus para libertação (Marcos 9)
2. Ester concordando em ir à frente do rei, apesar de apresentar um resultado incerto (Ester 4)
3. O rei de Nínive pedindo jejum e resistência, embora Jonas nunca tenha oferecido nenhuma esperança (Jonas 9)
4. O leproso que se aproxima de Jesus para curar, embora não tenha certeza do resultado (Mateus 8)
5. O filho pródigo retornando ao pai, embora não tenha certeza se seria bem-vindo (Lucas 15)
6. A mulher de Canaã que vem implorar pela libertação da filha (Mateus 15)

Isso parecia ser material suficiente para construir meu sermão. Nos próximos dois capítulos, falaremos acerca de como transformar essa massa desorganizada de informações e ideias em um sermão.

No último capítulo, argumentei pela determinação em pregar a Palavra; é para isso que você é chamado a fazer. Agora, vamos falar acerca de como garantir que você esteja fazendo exatamente isso. Começa dedicando-se ao *estudo* da Bíblia. A Bíblia está no coração do ofício do pregador. A leitura devocional pode inspirar tópicos de sermão, mas o estudo sistemático explora as verdades mais profundas da Bíblia, revelando suas nuances de estrutura, texto, história e doutrina, entre muitos outros aspectos. Você deve saber mais acerca da Bíblia do que qualquer outra coisa: história, esportes, hobbies, carros, jardinagem, construção, política ou dispositivo eletrônico. Seu objetivo deve ser de saber muito ou mais acerca da Palavra de Deus do que qualquer outra pessoa em sua congregação, comunidade ou estado. Isso só pode ser conseguido através de um estudo aprimorado e consistente.

Se você foi afortunado e abençoado o suficiente por ter frequentado a Escola Bíblica, edifica sobre a exposição à Palavra que você recebeu lá. Lembre-se, um diploma universitário, mesmo de uma

faculdade Bíblica, não significa que você chegou; significa simplesmente que lhe foram mostrados o caminho e o equipamento necessário para a viagem. Você decide o quão longe você seguirá o caminho a seguir.

Exorto você a frequentar uma das Escolas Bíblicas disponível perto de onde você reside. A abordagem sistemática para aprender que você encontra nestas escolas será inestimável para você. Se não puder, dedique-se ao auto treinamento. Se você puder assistir a um curso oferecido a distância, faça-o sem falhas. Aproveite todos os recursos disponíveis online. Todas as nossas instituições de ensino superior oferecem aulas à distância (online). Seja proativo. Sua preparação para o ministério está finalmente em suas mãos.

Tudo isso começa com o seu pastor. A maioria dos pastores desenvolveu oportunidades de treinamento para os ministros iniciantes na igreja. Participe dessas sessões de treinamento e coloque-se sob a orientação e instrução de seu pastor. Lembre-se de que o papel do seu pastor não é apenas dar a você um púlpito para praticar sua pregação, é desenvolver você espiritual, mental e emocionalmente para o longo período de uma vida de ministério. Siga as instruções dele e nunca descarte o incrível recurso de sabedoria, experiência e conhecimento que Deus lhe tem dado por meio de seu pastor. Isso não é apenas inteligente, é Bíblico. Ai do pregador iniciante que não trabalha sob a direção de um pastor! Seu ministério será natimorto.

Comece agora a criar uma ótima biblioteca. Prefiro um livro real e físico em minhas mãos, mas também leio e-books. O principal é comprar bons livros. Quantidade não é necessariamente qualidade. Cem bons livros são muito melhores que mil livros medíocres. O melhor lugar para encontrar bons livros é nas bibliografias de bons livros. Além disso, existem livros e páginas da web dedicadas a listas e discussões acerca de livros focados no estudo da Bíblia.

Lembre-se de que estudar a Bíblia para se comunicar por meio da pregação não é o mesmo que estudar a Bíblia com ênfase em simplesmente adquirir conhecimento acerca dela. Ambas as abordagens são válidas e vitais; apenas diferente. Você deve fazer os dois porque eles se sobrepõem. É muito parecido com a diferença entre um cientista que busca obter conhecimento empírico sem se preocupar com sua aplicação prática e um inventor que usa essa ciência pura e desenvolve aplicações práticas que usamos todos os dias. O pesquisador busca a verdade sem se preocupar se será útil ou não. Ele busca a verdade por causa da verdade. O inventor pega a pura verdade descoberta pelo pesquisador e descobre como utilizá-la para criar um produto que melhorará a vida cotidiana. Ela busca a verdade, não apenas pela verdade, mas pelo que essa verdade pode fazer.

Recentemente, visitei o Royal Institute em Londres. Esta é a casa dos famosos laboratórios e salas de aula onde Humphry Davy e Michael Faraday fizeram e demonstraram publicamente algumas das descobertas mais surpreendentes da ciência no início e meados dos anos de 1800. Apreciei o passeio pela área original onde estavam os laboratórios e as exposições cheias do equipamento original de Davy, Faraday e outros usados em seus experimentos. Quando eu estava saindo, perguntei à moça da recepção se os diários de Michael Faraday foram expostos. Há muito que me interesse pelas famosas diários, tendo lido acerca deles há anos. Eles foram considerados um modelo de manutenção de registros científicos. “Bem, não”, ela respondeu à minha pergunta, “nós os temos aqui nos arquivos em que estão nos últimos 175 anos. Eles são considerados de valor inestimável.” Agradei e, novamente, elogiei o passeio interessante e me dirigi para a porta. “Só um minuto”, ela me parou. “Vou fazer uma ligação.” Sem saber o que esperar, esperei enquanto ela falava com alguém no telefone. Ela me deu instruções para o subsolo

em uma área não acessível ao público. “Uma pesquisadora estará esperando para conhecê-lo. Ela estará logo na porta,” ela disse.

Desci as escadas e, como disse a recepcionista, uma mulher de jaleco branco esperava por mim em uma grande porta de aço. “Por aqui”, disse ela. Eu a segui até uma sala com várias mesas e mesas grandes. Algumas pessoas trabalhavam nas mesas. “Agora”, ela disse, “eu entendo que você deseja ver um dos diários de Michael Faraday”.

“Absolutamente!”

“Você tem alguma revista especial em mente?”

“Não, deixarei a escolha por sua conta. Ela desapareceu em uma porta do cofre na parede oposta e, em alguns minutos, voltou com um livro fino e encadernado, como um livro à moda antiga. Ela me entregou e me convidou para sentar em uma das mesas ao longo da parede atrás de mim e levar o tempo que eu quisesse examinar o livro. Ela se afastou, sentei-me à mesa, abri o livro nas mãos e estava lendo uma revista científica com a letra de Michael Faraday. Ele detalhou experimentos realizados em 1831-1832.

Li os relatos de várias experiências, escritas com uma escrita pequena e elegante, e observei os desenhos de eletroímãs e outros equipamentos, também feitos de maneira clara e precisa. Logo percebi que estava lendo os relatos originais de uma descoberta científica que havia mudado drasticamente o mundo. Em 1831, Faraday trabalhou cuidadosamente uma série de experimentos em que ele procurou explorar a relação entre eletricidade e magnetismo. Já havia sido descoberto que a eletricidade poderia ser usada para produzir magnetismo envolvendo um fio em torno de um pedaço de metal e introduzindo uma corrente elétrica através do fio. A corrente magnetizou o metal enquanto fluía. Faraday se perguntou se o contrário poderia ser verdadeiro: o magnetismo poderia produzir eletricidade? Nas minhas mãos, mantive o registro dos resultados desses experimentos. Faraday passou um ímã através de uma bobina de arame e mediu uma corrente elétrica resultante dela. Ele tinha descoberto o princípio por trás do dínamo, um dispositivo que até hoje gera a eletricidade que alimenta nosso mundo. Aqui, neste manuscrito que eu segurava em minhas mãos, estava sua descrição de uma descoberta que criou o mundo moderno.

Em certo sentido, Faraday inventou o dínamo, mas em outro não. Outros, nos quarenta anos seguintes, transformaram a descoberta do pesquisador nos precursores das máquinas poderosas que conhecemos hoje. Faraday era um amante da ciência pura e, nesse caso, experimentou para aprender, mas não para aplicar esse aprendizado de maneira prática. Isso é verdade para o estudante da Bíblia que procura conhecer a Palavra simplesmente pela alegria de descobrir este livro fascinante e único. Todos devemos ser esse pesquisador puro. Mas os pregadores devem e devem ir além. Como Phillips Brooks explica:

Portanto, o estudante que se prepara para ser um pregador não pode aprender a verdade, como o mero estudante de teologia poderia fazer por si. Ele sempre sente que está alcançando através dela as pessoas a quem ele algum dia estará a levando. Ele não pode se livrar dessa consciência. Ela influencia todo o seu entendimento. Podemos ver que ela deve ter seus perigos. Isso ameaçará a imparcialidade com a qual ele buscará a verdade. Isso o tentará a preferir as formas de verdade que mais facilmente se prestam a usos didáticos, em vez daquelas que trazem evidências de serem mais simples e puramente verdadeiras. Esse é o perigo de todos os pregadores.

Contra esse perigo, o homem que pretende ser um pregador deve estar em guarda, mas ele não pode evitar o perigo sacrificando o hábito do qual o perigo surge. Ele deve receber a verdade como alguém que é para ensiná-la. Ele não pode, não deve estudar como se a verdade que procurava fosse puramente para sua própria cultura ou enriquecimento. E o resultado desse hábito, seguido da devida guarda contra suas tendências perigosas, será triplo. Trará, primeiro, um senso de responsabilidade mais profundo e mais solene na busca da verdade; segundo, um desejo de encontrar o lado humano de toda verdade, o ponto em que toda especulação toca a humanidade; e terceiro, amplitude que advém da presença constante na mente do fato de que a verdade tem vários aspectos e se apresenta de várias maneiras a pessoas diferentes, de acordo com suas necessidades e caráter.

Sem Faraday, os inventores não teriam conhecido a ciência que tornou possível sua invenção; sem os inventores, a ciência teria permanecido escondida em um caderno manuscrito nos cofres da Royal Academy. Ao estudar a Bíblia, procure as aplicações de suas verdades, ou seja, como este livro antigo, porém atemporal, nos revela verdades práticas para os nossos dias. Encha sua biblioteca com bons e sólidos dicionários Bíblicos, comentários, pesquisas do Antigo e do Novo Testamento, estudos de livros, estudos doutrinários, estudos exegéticos, estudos de caráter e histórias da igreja; e use-os para iluminar, explicar e dar vida às verdades eternas da Bíblia para aqueles que o ouvem. Lembre-se, o fato de que a pregação não tem como objetivo principal disseminar informações, assim como o ensino, não significa que esteja vazia das verdades mais profundas da Palavra de Deus. Essas verdades são simplesmente oferecidas de uma maneira diferente: não superficial, mas mais concisa; não alterado, mas aplicado.

Agora, vamos aplicar tudo o que dissemos na preparação de sermões. Você tem a ideia básica do sermão e sabe o que vai pregar. Você tem escrito uma tese bem elaborada, ou uma declaração de propósito, para saber o que deseja dizer. Agora você se volta para sua biblioteca e seus dicionários Bíblicos, comentários e outros bons livros. Não se esqueça de revistas, seus recursos favoritos da Internet e seus próprios sermões do passado. Reúna tudo o que puder. A ideia é reunir tudo o que pode ser útil. Abra uma pasta no seu computador ou um arquivo no seu armário de arquivos. Faça anotações acerca de onde você encontrou informações, digitalizações de páginas de livros, artigos de revistas, downloads de sites, destaques de ebooks, anotações de ideias para a estrutura do sermão, anotações de conversas telefônicas com amigos acerca da ideia, ilustrações contemporâneas, artigos de notícias, notas de experiências pessoais, possíveis histórias Bíblicas que iluminam o sermão: tudo e qualquer coisa que possa ser usada para ilustrar seu texto.

É neste ponto que o esquema da organização que você usa para armazenar as informações que você descobre, encontra, desenterra ou ouve é tão importante. Uma máxima a ter em mente é a seguinte: se você não consegue encontrá-lo quando precisa, é melhor não tê-lo. Mantenha seus livros organizados na prateleira, use adesivos coloridos para marcar as páginas com informações importantes. Algumas pessoas colocam uma folha de papel em um livro, mencionando algumas ideias ou informações importantes e as páginas onde elas podem ser encontradas. Para esquemas mais sofisticados, há uma infinidade de programas de computador que catalogam livros, alguns com campos pesquisáveis para registrar destaques importantes. Alguns são baratos, alguns são caros, dependendo dos recursos do programa. Digitalizações de páginas de livros, documentos baixados, destaques de e-books, anotações de sermões passados, sermões em desenvolvimento ou simplesmente ideias aleatórias podem ser simplesmente armazenadas em pastas de computadores por assunto e pesquisadas por palavras-chave ou qualquer palavra. No lado mais avançado, mas com uma curva de aprendizado mais íngreme, são programas de banco de dados de formato livre que podem rastrear qualquer número de variáveis e providenciar ainda mais flexibilidade. Eu uso essencialmente dois programas, Evernote e Paperport.

A coisa importante é que, seja qual for o método usado para manter seus dados, ele deve realmente ser usado ou é inútil. Não importa o quão sofisticado seja o seu software, a menos que você catalogue seus livros, digitalize artigos de revistas e importe suas anotações e esboços, é um desperdício de dinheiro. Deve se tornar seu hábito manter seus dados, mantendo-os de fácil acesso. É por isso que um plano simples que você usará é melhor do que um plano sofisticado, e por isso recomendo que você comece com algo simples e prossiga a partir daí.

Ao coletar dados, não esqueça o simples exame do texto. Isso ajudará a evitar o erro mais comum que os pregadores iniciantes (e às vezes experientes) cometem: usar as Escrituras fora de contexto ou confundir seu verdadeiro significado. Um grande pregador que outrora interpretou mal Provérbios 13:20. O texto diz: *“Quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos insensatos se tornará mau.”* De alguma forma, ele leu a palavra “companheiro” como “campeão” e preparou e pregou um sermão acerca de pessoas que desculpam, ou “ocupe-se de” insensatos e suas palavras e comportamento, em outras palavras, um “campeão” de insensatos. Ele me disse que durante todo o sermão as pessoas pareciam confusa, depois divertida (uma combinação mortal para um pregador inspirar em uma congregação). Mais tarde, alguém gentilmente apontou seu erro. Ele me contou acerca de seu constrangimento e disse: “Eu gostaria de ter lido mais uma vez!”

Para evitar erros tão facilmente cometidos, você deve se fazer algumas perguntas acerca de todas as passagens das Escrituras que planeja usar em seu sermão, seja o seu “texto” ou não:

1. Quem é o orador? Por exemplo, estamos ouvindo Deus ou o diabo; um profeta ou um infiel?
2. Para quem está sendo falado?
3. Qual é a ocasião?
4. Onde tudo está acontecendo?
5. Porque?
6. Qual é a aplicação para nós?

Fiz estas perguntas a todas as histórias da Bíblia e versículos das Escrituras que reuni para o sermão que discutimos neste capítulo. Como você verá, eles ajudaram a determinar quais eu usaria e quais eu guardaria para outro dia.

O Quarto Passo

O quarto passo é o aprimoramento das matérias. Com isso, quero dizer decidir o que usar e não usar no sermão. Idealmente, você terá mais conteúdo do que poderia pregar em um sermão. Inicie o processo consultando a declaração de propósito. Essa é a regra que você usará para decidir o que usar e o que arquivar para referência futura. Seja implacável: qualquer ilustração, história Bíblica ou desenvolvimento de personagem que não se encaixe, livre-se disso. Qualquer coisa que não impulsione o sermão para o encerramento, qualquer coisa que não aponte seus ouvintes diretamente para o seu propósito, se livre dele. Aprimore, afie o foco, mantenha apenas o que se encaixa como uma luva. Lembre-se de que sempre haverá tempo para usar as outras informações. Fique de olho no objetivo.

Às vezes, as coisas podem se encaixar perfeitamente, mas há muito para um sermão. Às vezes, as coisas precisam ser selecionadas, não porque não são boas ou porque não se encaixam perfeitamente, mas porque você não tem tempo para usá-las. Você só pode pregar por tanto tempo.

Esta é provavelmente uma boa hora para falar acerca da duração do sermão. Quanto tempo você deve pregar? A resposta simples é até você terminar. A melhor resposta é até que sua congregação está cansada, saturada ou não pode assimilar mais. Tome isso de um pregador que pregou até que o Espírito desceu, para depois pregar mais até que o Espírito subiu novamente; isso fiz mais vezes do que eu gostaria de admitir, portanto, digo que é melhor parar cedo demais do que tarde demais. Lembre-se de que o propósito da pregação não é mostrar como você é grande conhecedor Bíblico ou sobrecarregar seus ouvintes com provas incontestáveis empilhadas uma sobre a outra. O propósito da pregação é levar as pessoas ao ponto de responder à Palavra de Deus. Este é um cálculo delicado, um equilíbrio entre o poder da Palavra e o Espírito. Aprenda a reconhecer o mover do Espírito e move-se nesse fluxo.

O comprimento aceitável do sermão muda com o tempo. Quando eu era jovem, nenhum sermão durava menos de uma hora e muitos eram muito mais longos. Eu tenho ouvido sermões de mais de duas horas. Quando comecei a pregar, a opinião era de que se você não pregasse uma hora que não estava se esforçando. Com o passar do tempo, o período de atenção diminuiu e agora, embora não seja incomum, os sermões de uma hora não são a regra.

Pessoalmente, tento terminar completamente (inclusive reconhecendo a introdução, agradecendo a quem me convidou para pregar, reconhecendo convidados especiais, pregando e fazendo o apelo ao altar) em quarenta e cinco minutos. Isso significa que o próprio sermão precisa ter trinta a quarenta minutos no máximo. Como pregador iniciante, pregue vinte a trinta minutos, nada mais.

Isso requer o uso cuidadoso de suas matérias para providenciar um sermão que se move rapidamente, porém, sem pressa, cobre o assunto adequadamente sem atolar e leva as pessoas a responderem em oração e adoração no final. Não é uma tarefa fácil! Você deve escolher cuidadosamente as matérias que juntou e, em seguida, tecer habilmente o que escolheu para criar um sermão eficaz.

Se você espera fazer isso, deve tornar-se eficaz para medir o impacto emocional de cada um das matérias que juntou. Você deve responder a estas perguntas: Com que força esse versículo, história ou ilustração das Escrituras leva a sério o meu argumento? Quanta emoção isso criará no coração dos meus ouvintes? E com que eficácia ele impulsionará meus ouvintes a uma resposta à presença de Deus?

EXEMPLO DE SERMÃO

Vamos olhar novamente para o sermão em que estamos trabalhando. Das seis histórias que encontrei, qual você acha que tem maior impacto emocional? Elas seguem novamente abaixo:

1. O pai levando seu filho a Jesus para libertação (Marcos 9)
2. Ester concordando em apresentar-se diante do rei, apesar de um resultado incerto (Ester 4)
3. O rei de Nínive pedindo jejum e arrependimento, embora que Jonas nunca tenha oferecido nenhuma esperança (Jonas 9)
4. O leproso que se aproxima de Jesus procurando cura, embora que não tenha certeza do resultado (Mateus 8)
5. O filho pródigo retornando ao pai, embora que não tenha certeza se seria bem-vindo (Lucas 15)
6. A mulher de Canaã vindo para implorar pela libertação da filha (Mateus 15)

Qual seria sua escolha? Para mim, a história com maior impacto é a história do pai que trouxe seu filho possuído por demônios para Jesus. Obviamente, ele está abalado, no fim da esperança e dominado completamente com o sofrimento de seu filho. Essa criança inocente apresenta uma imagem de partir o coração; ninguém pode permanecer imóvel por esse pai desesperado e seu filho atormentado. Eu tenho algo especial em mente para esta história.

Como você classificaria, em ordem, o impacto emocional do restante das histórias, do mais impactante ao menos impactante? Isso determina como você as encaixará em seu sermão para criar uma corrente emocional, levando sua congregação para o encerramento e o altar.

Segue a minha lista:

1. Pai e seu filho possuído por demônios vêm a Jesus.
2. Quatro leprosos marcham contra os Sírios.
3. O rei de Nínive se arrepende.
4. Ester vai para a sala do trono.
5. Filho pródigo chega em casa.
6. Mulher de Canaã pede as migalhas.

Normalmente, eu descartaria todos, exceto os três primeiros. Como cada um desses três precisa de alguns antecedentes e detalhes para maximizar seu impacto, tentar fazer mais, juntamente com uma introdução e um encerramento, é arriscar demorar demais.

Descartar o número seis, a mulher de Canaã, não é difícil, pois de fato não se encaixa: o próprio Jesus disse que ela tinha "grande fé" e, como estamos tentando alcançar aqueles que têm pouca fé, a guardaremos para outra ocasião. Mas gosto muito dos dois que restam, Ester e o filho pródigo, e posso ter uma ideia de como podemos trabalhar efetivamente em Ester e o filho pródigo, sem passar do tempo.

Eu lhe mostrarei como no próximo capítulo. Primeiro, vamos ver os tipos de sermões e por que é importante reconhecer o tipo de sermão que você vai pregar.

Fontes Citadas No Capítulo 7

Phillips Brooks, *Lectures On Preaching Delivered Before the Divinity School of Yale College in January and February, 1877* (New York: E. P. Dutton, 1878).

8

Que Tipo De Sermão É Esse?

A classificação dos sermões é um tópico que parece capturar a atenção de muitos pregadores e daqueles que escrevem acerca da pregação. Muitos esquemas têm sido propostos, alguns são detalhados e elaborados, e outros são simples e diretos. Embora que eu creio que seja importante ter em mente uma ideia geral do gênero de seu sermão, a maior parte do que você precisa saber está na própria declaração de propósito. Mais do que apenas declarar o tema ou a tese, uma declaração de propósito também ajuda a mantê-lo focado naqueles que ouvirão seu sermão, não apenas no sermão em si. Isso é mais importante do que encaixar um sermão em uma determinada categoria. Uma segunda razão pela qual acho que a classificação dos sermões pode ser super enfatizada é que a maioria dos sermões não é apenas um tipo, mas frequentemente exhibe características de vários tipos ao mesmo tempo, encaixando-se perfeitamente em nenhuma categoria.

Tendo dito isto, porém, é bom pelo menos familiarizar-se com o conceito de pensar em sermões em categorias, pela simples razão de que identificar a categoria prevalecente de um sermão é uma ferramenta que pode esclarecer seu pensamento e, assim, ajudá-lo a pregar um sermão mais eficaz. Por exemplo, se você sabe que o objetivo de seu sermão é evangelístico (direcionado àqueles que não são salvos), então esse conhecimento o ajudaria a criar sua abertura e certamente seu encerramento. Também pode afetar sua escolha de matérias, pois a maneira como você as seleciona será guiada pelo fato de que seu público-alvo provavelmente estará menos familiarizado com a Bíblia, especialmente sua doutrina e terminologia, do que os salvos. Quando você prega à igreja, pode fazer certas suposições acerca do que eles já sabem e não sabem, mas quando você prega para os perdidos, deve presumir que o conhecimento deles da Bíblia é limitado. Você deve evitar termos teológicos difíceis, jargões da igreja e outra linguagem com os quais eles possam não estar familiarizados. Outras classificações terão um efeito semelhante na maneira como você cria seu sermão.

Existem tantas maneiras de classificar sermões quanto livros e autores acerca da pregação de sermões.

W. E. Sangster, em *The Craft of the Sermon*, oferece um sistema de classificação com seis classes:

1. Interpretação Bíblica
2. Ética e devocional
3. Doutrina

4. Apologético
5. Social
6. Evangelístico

Brown, Clinard e Northcutt, em *Steps to the Sermon*, outro trabalho clássico no campo, identificam sete classes:

1. Expositivo
2. Bíblico
3. Analítico
4. Contemporâneo
5. Formulários Especiais
6. Ocasional
7. Evangelístico

Uma abordagem mais moderna é encontrada em *The Art and Craft of Biblical Preaching*., editada por Haddon Robinson e Craig Brian Larson. Os autores deste livro parecem enfatizar sete gêneros de sermões:

1. Expositivo (definido como revelar o significado de uma passagem das Escrituras e aplicar esse significado à vida do ouvinte)
2. Versículo por versículo (realmente um subgênero da pregação expositiva)
3. Textual (definido como sendo baseado em uma passagem mais curta que a expositiva)
4. Tópicos (às vezes ouvi isso chamado pregação “pensamento”, e é provavelmente o mais comum entre os Pentecostais)
5. Série de sermões
6. Narrativa em primeira pessoa (contando uma história Bíblica do ponto de vista de um de seus personagens)
7. Evangelístico

John A. Broadus, em seu trabalho clássico *On the Preparation and Delivery of Sermons*, classifica os sermões baseado na estrutura homilética, conteúdo e padrão. A única categoria relevante para a presente discussão, no entanto, é a primeira: estrutura homilética. Ele divide ainda mais essa categoria em quatro gêneros:

1. Textual
2. Tópica
3. Texto-tópico
4. Expositivo

Estas são apenas algumas das abordagens para classificar sermões que têm sido criados ao longo dos séculos; todos eles têm algo que as recomenda. Se você tem interesse, pode ler todas as fontes que mencionei e muitas, muitas mais, e certamente pode haver benefícios em fazer isso. Mas sou um pregador simples e, para os propósitos deste livro, vamos pensar nas aulas de sermão de uma maneira mais simples, ainda mais simples do que Broadus.

De uma maneira prática e empírica, um sermão é direcionado para os salvos ou para os perdidos. Para nossos propósitos, esta é a maneira mais básica de pensar no sermão e tem o maior impacto em sua

estrutura e conteúdo. A decisão de se o sermão é evangelístico ou não é uma das primeiras que você deve tomar durante o processo de elaboração. Esta decisão deve ser e será refletida na sua declaração de objetivo.

Agora, uma palavra de cautela que complica as coisas: todos nós pregamos sermões destinados à igreja, mas que sob a unção do Espírito Santo foram transformados em apelos evangelísticos. Também temos visto o oposto acontecer. De fato, a maioria de nós, em todo sermão, independentemente de sua classificação, estrutura ou assunto, inclui um apelo evangelístico em algum momento ou, no caso de um sermão predominantemente evangelístico, inclui as necessidades das pessoas salvas que estão presentes aludindo à necessidade de cura ou ajuda sobrenatural com problemas familiares, conjugais ou financeiros. Isso não é ruim ou errado, ou para ser evitado, mas é simplesmente uma parte fundamental da pregação para congregações que são crescentes e dinâmicas e, portanto, incluem pessoas com muitas necessidades. Tais igrejas sempre têm pessoas nos bancos que precisam responder ao chamado de Deus em suas vidas para a salvação, assim como membros da igreja que estão lidando com muitas outras necessidades. Os pastores que são abençoados por pregar nessas congregações não podem ignorar os tipos motivacionais, doutrinários ou devocionais de sermões, mas também precisam aprender a empregar as técnicas do sermão evangelístico, geralmente dentro do mesmo sermão.

Portanto, ao construir sermões, devemos pensar neles como tendo um gênero ou classificação predominante; ou seja, eles são predominantemente evangelísticos ou predominantemente para beneficiar a igreja. Se um sermão é predominantemente evangelístico, por exemplo, e você deseja incluir a igreja em seu público-alvo, é importante que você faça isso de uma maneira suave e lógica. Encontre um ponto de apoio em seu material que reafirme seu objetivo de uma maneira que atenda às necessidades dos salvos. Utilize uma história Bíblica, uma ilustração ou um versículo das Escrituras para fazer isso.

EXEMPLO DE SERMÃO

No sermão em que estamos trabalhando, a maioria das histórias que pretendemos usar é direcionada às pessoas salvas, assim como nosso objetivo geral. A história do pai e de seu filho endemoninhado apela para aqueles que são salvos e, como esse pai, estão vindo a Jesus para cura ou libertação. A história de Ester é acerca de um membro da família do rei que veio diante do trono, então isso também é mais direcionado aos que são salvos. A história dos quatro leprosos também é mais acerca daqueles que já estão salvos e precisam de um milagre.

No entanto, a história do rei de Nínive que, mesmo sem ouvir falar em arrependimento, se arrependeu e ordenou que toda a cidade se arrependesse, é obviamente um grande ponto de apoio para incluir aqueles que precisam vir a Deus. A história do filho pródigo oferece uma oportunidade para incentivar aqueles que estão desviados a voltarem para casa mesmo que não tenham certeza das boas-vindas que receberiam.

Portanto, mesmo que esse sermão lide principalmente com pessoas que são salvas, mas lutam com o medo de que sua fé não seja forte o suficiente para trazer a resposta de Deus às suas necessidades, existem alguns pontos de apoio que, se bem utilizados, podem abrir o apelo tanto para quem desviou quanto para quem nunca conheceu a Deus.

Ao manter firmemente em mente o público-alvo principal do sermão, evitamos o que para mim é uma fraqueza recorrente em muitos dos sistemas de classificação que foram criados. Ou seja, eles misturam e se sobrepõem aos tipos de sermão. Por exemplo, três dos quatro exemplos que dei acima

listam "evangelístico" como uma das classes. No entanto, com uma exceção menor ("ocasional" em Brown e outro), todas as outras classes que listam são baseadas na *estrutura* ou na *técnica* do sermão e não têm nada a ver com seu propósito. "Evangelístico" tem tudo a ver com o propósito do sermão, ou seja, *quem* você pretende alcançar e a *resposta* que deseja deles. Eu acho que essa mistura de tipos ou classes causa confusão desnecessária e leva a desistir de toda a ideia de considerar a classificação dos sermões de alguém. Ao estabelecer-se no início no processo e depois vigiar quem você está tentando alcançar predominantemente, você pode usar a consideração da classificação de seu sermão para evitar confusão e ajudar a manter a sua pregação clara. Você notará que todas as outras classes se encaixam em ambas categorias de salvos ou perdidos. Um sermão textual funcionará igualmente bem em qualquer categoria, assim como em tópicos, exposições ou quase todas as outras categorias. O importante é manter o foco no seu público-alvo e permitir que qualquer técnica ou estrutura que você use os leve a um local de resposta à mensagem.

Agora, vamos ver dois tipos principais de sermões com base na técnica ou estrutura. Se você entender esses tipos, as diferenças entre eles e como dominá-los, terá uma compreensão muito melhor de como montar um sermão. Quase todos os outros tipos são subtipos desses dois.

Pregação Expositiva

Primeiro, vamos olhar para a pregação expositiva. Como definido acima, isso é "revelar o significado de uma passagem das Escrituras e aplicar esse significado à vida do ouvinte". A ênfase aqui está na passagem das próprias Escrituras. Todos os materiais reunidos, outros textos, ilustrações e definições, servem apenas para explicar e reforçar a mensagem do texto que você está expondo. Seu sermão pode estar focado em um versículo, uma dúzia de versículos ou um capítulo inteiro, mas para esse sermão esses são o seu mundo inteiro. Nenhum tema ou assunto é introduzido que não seja encontrado nessa passagem. Esta é a "pregação da Bíblia" em sua forma mais pura. Sub formas são pregações versículo por versículo e pregações em série. Embora que toda pregação deva ser fundamentada nas Escrituras, a pregação expositiva é a mais fundamentada de todas.

William Sangster apresenta quatro razões para pregar a Bíblia nessa maneira tem benefícios além do simples fato de que há poder ilimitado na pregação da Palavra de Deus simples. A primeira é que a pregação expositiva oferece matéria infinita para o pregador pregar. Uma vez eu estava na casa de um pastor que me disse que nos onze anos anteriores ele estava pregando através do Livro de Provérbios. Ele me disse que estava no capítulo 13 e não tinha certeza de que viveria o suficiente para terminar o livro. O pregador expositivo nunca falta algo para pregar.

Outra vantagem que Sangster menciona é a pregação expositiva mantém os pregadores em guarda contra seus próprios preconceitos. Todos nós temos nossos tópicos favoritos para pregar, e frequentemente na pressão do pastado atarefado, ou sob as demandas do estilo de vida bi vocacional, caímos no hábito de pregar as coisas com as quais estamos mais familiarizados ou com as quais nos sentimos mais confortáveis, ou esses tópicos que falam mais em nossos próprios corações. Pregando sistematicamente por meio de um capítulo ou livro, garantimos que evitaremos a armadilha de permanecer em nossa zona de conforto ou de pregar para nossas próprias necessidades, em vez das de nossos ouvintes.

Terceiro, Sangster fala do fato de que a pregação de sermões expositivos encoraja aqueles que nos ouvem a estudar a Bíblia por si mesmos. Eu acrescentaria que destaca a Bíblia nas mentes de nossa congregação e cria um clima de amor pela Palavra de Deus. Viajando e pregando em congregações da

United Pentecostal Church International, muitas vezes tenho conseguido discernir o tipo de ministério de pregação que o pastor oferece. Aqueles que pregam com foco na Bíblia, tornando-o não apenas o texto de seus sermões, mas permitindo que ele fale claramente através da pregação expositiva, têm maior probabilidade de produzir uma congregação apaixonada pela Palavra de Deus, um coração aberto para Palavra de Deus e sede e fome de ouvir mais acerca da Palavra de Deus. As congregações geralmente valorizam o que o pastor valoriza.

Finalmente, Sangster salienta que um pregador não pode evitar as dificuldades quando prega sistematicamente através de uma porção da Palavra. Certos assuntos difíceis que podemos tender a evitar podem ser tratados de forma mais diplomaticamente, e ainda mais eficaz, quando incorporados em uma passagem junto com muitos outros assuntos menos dolorosos. Quando pastoreei, descobri muitas vezes que o uso da literatura da escola dominical Word Aflame, em vez das lições que escrevi do zero, me ofereceu o mesmo benefício. Todo mundo sabia que eu estava apenas seguindo um plano trimestral, então eu não estava destacando ninguém, ou qualquer situação. Eu sempre me admirava de como as lições que haviam sido escritas vários anos antes chegavam no momento certo para minha congregação. O mesmo é verdade quando se prega através de um livro ou de uma passagem longa. Você ficará surpreso muitas vezes com a maneira como Deus pode levar sua pregação e abordar situações e circunstâncias em sua congregação através do fluxo da Palavra de Deus.

Esse tipo de pregação da Bíblia não é tão fácil quanto refletir publicamente acerca de nossas próprias opiniões e idéias. É um desafio porque, feito da maneira certa, requer longas horas de estudo profundo. Por outro lado, todo momento gasto na preparação de um sermão cheio da Palavra de Deus tem uma grande recompensa, tanto para o pregador que o prepara como para o ouvinte. Alimente seus ouvintes com uma dieta constante da Palavra de Deus. Evite a tentação do trivial, oferecendo pregação superficial com base nas últimas tendências, ideias de moda passageira, retórica vazia e exemplos desgastados. Entre na Palavra por si mesmo e aloje-A profundamente em seu próprio coração. Não somente abençoará sua vida, mas, quando você a compartilhar sob a unção de Deus, abençoará a vida de seus ouvintes como nada mais poderia fazer.

Pregação Tópica

A pregação tópica, às vezes chamada de "pensamento" ou pregação devocional, é a segunda categoria que desejo mencionar. Pela discussão anterior acerca da importância e o poder da pregação expositiva, não pretendo denegrir ou rebaixar a pregação tópica. Pelo contrário, bem-feita, a pregação tópica é tão focada nas Escrituras quanto expositiva; ela simplesmente usa a Palavra de uma maneira diferente. Ao aplicar muitos textos diferentes a um tema unificador ou "pensamento", a pregação tópica concentra a Palavra de Deus nos desafios e lutas da vida cotidiana no século vinte um, de uma maneira instigante e inspiradora. A Bíblia é um livro vivo. Alguns interpretaram isso como significando que suas simples admoestações e ensinamentos são de plástico, moldados pela mudança de cultura, sociedade e circunstância para se adequar a qualquer crença atual em nossos dias. Nada poderia estar mais longe da verdade. *"Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra está estabelecida no céu"*, disse o Salmista (Salmos 119:89, BKJ Fiel). A Palavra de Deus não se torna maleável pelas circunstâncias ou pelas mudanças culturais. A Palavra de Deus é inviolável; é uma base firme. Mas essa base firme se encaixa na vida moderna bem como encaixou na vida quando foi escrita pela primeira vez. A Palavra de Deus contém princípios que se aplicam a qualquer momento e em qualquer lugar. Ela oferece ajuda em qualquer uma das circunstâncias e situações da vida. Pregar a Palavra de Deus em nossos dias é o grande desafio do púlpito hoje. Ela envolve, acima de tudo, esclarecer os princípios eternos que não mudam e são para sempre relevantes. Esta é a grande obra do pregador moderno; é o trabalho mais difícil que ele ou ela

jamais enfrentará. A fidelidade à Palavra de Deus é um dever absoluto para o pregador Pentecostal. Desviar-se dos ensinamentos claros da Bíblia a fim de reivindicar relevância para a nossa cultura em mudança é o principal erro de qualquer um de nós. Pregar as verdades claras da Bíblia é um dever absoluto, se quisermos cumprir o propósito de Deus. No entanto, mesmo neste mundo moderno cheio de problemas, devemos apresentar essas verdades de uma maneira que seja relevante e alcance o coração de nossos ouvintes. A pregação tópica é uma ferramenta que conecta a Palavra de Deus às circunstâncias que as pessoas enfrentam hoje. Pregar tais sermões às vezes é descrito como superficial, mas certamente não precisa ser, de fato, não deve ser. Para reunir pessoas, incutir coragem nelas em tempos de transtornos, colocar fé e força em um espírito lânguido, não são apenas algumas das realizações mais gratificantes da pregação, mas são absolutamente essenciais em um mundo confuso como aquele em que vivemos. A pregação devocional é necessária para um pastor ou outro ministro que está diante do povo cuja semana inteira está cheia de decepções e mágoas, pessoas que vêm à igreja desesperadamente procurando por uma palavra de Deus que lhes dê a coragem de enfrentar outro dia.

Felizmente, a Palavra de Deus não nos falha neste desafio. Ela está cheia das histórias daqueles que venceram, que suportaram, de fato, que triunfaram. Suas histórias estão na Palavra de Deus, não apenas para entretenimento, mas para inspiração. E essas histórias são tão valiosas hoje como sempre foram. Às vezes, acho que sentimos falta do barco quando nos cansamos de histórias que ouvimos por toda a vida, quando essas histórias perderam seu impacto sobre nós por causa de sua familiaridade, e esquecemos que muitos que entram em nossas igrejas nunca ouviram essas histórias pregadas sob a unção de Deus e aplicadas à vida moderna.

EXEMPLO DE SERMÃO

O sermão que estamos montando é um sermão tópico, principalmente voltado para a igreja, embora também apelaremos para aqueles que precisam de renovação e para aqueles que precisam do batismo do Espírito Santo. O tópico é a fé. Estamos tentando responder à pergunta: não devemos ter absolutamente nenhuma dúvida de que Deus responderá à nossa oração para que Deus o faça?

Esse é um tópico vital, que atinge o âmago de viver para Deus, e muito nas mentes daqueles que têm necessidades que somente Deus pode satisfazer. As histórias que usaremos para inspirar e encorajar são bem conhecidas, mas as pregaremos de um ângulo ligeiramente diferente do que normalmente são pregadas, e esperamos que isso as torne tão novas e empolgantes quanto seriam se fossem novas.

Pregação Evangelística

Na seção final deste capítulo, gostaria de compartilhar uma palavra acerca de pregar aos perdidos. A pregação evangelística é, em certo sentido, uma redundância. Embora possa haver pregação sem evangelismo, não pode haver evangelismo sem pregação. Que isso é verdade é esclarecido por Romanos 10:13-15:

“Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!”

Em outro sentido, porém, é um termo perfeitamente bom porque diferencia entre pregar que visa apresentar salvação a quem nunca conheceu o Senhor e pregar em outras direções, tais como treinar ou incentivar os que já foram salvos. Enquanto a maioria dos bons sermões atenda a várias necessidades, tanto os salvos quanto os perdidos, a pregação evangelística é um método de apresentação da verdade que é especialmente focada nos perdidos.

Primeiro, vamos considerar o que entendemos por evangelístico. No sentido mais preciso, evangelismo é a proclamação do evangelho. A palavra em Português evangelho é simplesmente uma transliteração da palavra Grega *euangelion*, que significa “boas notícias ou boas novas”. *Evangelho*, que é uma contração da palavra *godspell* Anglo-Saxônica, tem o mesmo significado.

Para aqueles de nós que conhecemos a verdade, o evangelismo sempre deve ter o significado de não apenas proclamar o evangelho, mas criar a atmosfera na qual as almas podem encontrar Jesus com todo o poder do Seu Espírito, e seguir Seu exemplo e comando no batismo. Qualquer coisa menos não é verdadeira pregação evangelística. Então, o que dizer acerca de bater às portas, ensinar estudos bíblicos a domicílio ou cultos nas ruas? Esses não são evangelismo? Certamente são. Mas o objetivo de cada um deles é levar as pessoas a um ponto de fome ou, pelo menos, curiosidade acerca do evangelho. Quando eles respondem e entram em um ambiente criado pela pregação da Bíblia, o trabalho de evangelizá-los é completado pela pregação e sua resposta a ela.

Alguém poderia pensar na diferença entre pregar para os perdidos e pregar para a igreja, bem como a diferença entre se comunicar dentro de uma família e se comunicar com os convidados em sua casa. Quando é apenas a família, pode haver referência a eventos, piadas e segredos familiares com os quais todos da família estão familiarizados. Quando você tem convidados, no entanto, precisa explicar essas referências ou correr o risco de deixar seus convidados no escuro, sem entender o que está falando. É como a diferença entre um sermão evangelístico e um sermão voltado para as necessidades da igreja. O sermão evangelístico presume que os ouvintes não entendem o jargão, termos, eventos e doutrinas da igreja. Não requer um curso introdutório para entender; é o evangelho apresentado de maneira simples, na linguagem cotidiana, para que os leigos possam entender facilmente o que devem fazer para serem salvos.

Isso não significa que um sermão evangelístico não tenha doutrina, evite conceitos Bíblicos ou use o português de primeira série. Você não deve insultar seu público dessa maneira. Se eu entrar em uma sessão em uma conferência para cirurgões cerebrais e não entender tudo o que eles estão falando, isso não significa que sou um ignorante. Isso significa que não estou familiarizado com o assunto. Hoje, a maioria das pessoas não está familiarizada com a Bíblia, a necessidade de salvação e o plano que Deus tem para a vida delas aqui e no futuro. A pregação evangelística procura encontrar as pessoas onde elas estão e levá-las à fé e obediência ao evangelho, para que possam ser salvas.

A pregação evangelística pode ser considerada enraizada em Filipenses 4:19: *"E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades."* Vamos examinar essa declaração com mais detalhes.

Você tem uma necessidade. Este é o primeiro trabalho do evangelista: apontar a necessidade do pecador. Em nossos dias, muitos chegam às nossas igrejas que exigem pouco lembrete de suas necessidades. Eles estão quebrados e despedaçados pelo pecado, e frequentemente experimentaram muitas coisas para atender às suas necessidades. Tudo o que eles experimentaram falhou, e o resultado para a maioria deles é apenas piorar a vida. Eles estão prontos para serem ajudados. Mas você ainda deve

apontar as necessidades deles. Converse com eles acerca do que está acontecendo em suas vidas. Lembre-os da falsa promessa do mundo. Ao fazer isso, tente manter um apelo o mais amplo possível. Mencione uma ampla gama de pecados específicos, ou melhor ainda, fale em termos gerais, não para evitar nomear o pecado, mas para garantir que todos sintam que você está falando para eles.

Eu tenho um Deus. O segundo trabalho de um sermão evangelístico é contar a eles acerca do nosso Deus, que sozinho pode atender às suas necessidades. Um exemplo brilhante desse aspecto simples, mas vital, de alcançar os perdidos é o sermão de Paulo em Atos 17:22-28:

“Então, Paulo, levantando-se no meio do Areópago, disse: Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio. O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração.”

Paulo não condenou, nem sequer debateu a idolatria deles; ele simplesmente usou suas próprias superstições para apontá-los para o único Deus que os criou, os ama como Seus filhos e está perto deles para ouvir suas orações. Não se esqueça de garantir-lhes que Ele não apenas pode atender às necessidades deles, mas também o fará. Ninguém é mau demais, pecador demais ou tem ido longe demais. Diga-lhes que Sua misericórdia é abundante, Seu poder ilimitado, Seu amor é tão grande que Ele é movido por nossas necessidades; e se formos a Ele, Ele nos receberá.

Terceiro, sempre elogia a obra de Jesus. *“E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.”* (João 12:32) Neste versículo Jesus fala de Sua morte na cruz. A cruz é a fonte dessa esperança e confiança. Não tenha receio de João 3:16, porque não é Atos 2:38; ainda é verdade e não oferece contradição quando se entende o que está envolvido quando alguém “crê Nele”. Deus veio na forma de um homem, morreu por nossos pecados, e agora qualquer um que crer e obedecer pode ser salvo.

Finalmente, pregue por uma resposta. O primeiro sermão Pentecostal foi um sermão evangelístico. Foi deliberadamente projetado sob a unção de Deus para levar seus ouvintes a um ponto de ação. Pedro terminou esta joia com um fechamento poderoso, visando especificamente seus ouvintes Judeus:

“A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés. Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.” (Atos 2:32-36)

Quando Pedro encerrou sua mensagem com essas palavras, cheias de acusação e esperança, podemos apenas imaginar a cena. Talvez o silêncio caia sobre a multidão quando cada ouvinte se depara

com sua culpa diante de Deus. Então, testemunhamos pela primeira vez, o poder da pregação do evangelho por um pregador cheio do Espírito Santo sob a unção do Espírito:

“Ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos? Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar. Com muitas outras palavras deu testemunho e exortava-os, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa. Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas.” (Atos 2:37-41)

Que toda a sua pregação tenha esse efeito!

Deixe-me terminar com uma palavra para pregadores iniciantes. Domine o sermão evangelístico. Domine-o comprometendo-se a pregar evangelisticamente. Em sua pregação, você será extremamente tentado a se concentrar na igreja, principalmente para apontar suas falhas e fracassos. Resista a essa tentação a todo custo! Você ainda não tem experiência para pregar esse tipo de sermão, pelo menos de uma maneira que alguém aceite como mais do que as palavras de um novato. Lembre-se das palavras de instrução que o apóstolo Paulo deu a um jovem pregador: *“Faze a obra de um evangelista”* (II Timóteo 4:5, RC). Se você aprender a apontar com compaixão e criatividade a necessidade daqueles que não conhecem o Senhor, lembre-os da misericórdia e graça de Jesus, levante-O constantemente e aprenda a encerrar seus sermões criando um clima onde o Espírito Santo pode mover no culto e convencer o coração daqueles que lhe ouvem, você criará um espaço para o seu ministério e, mais importante, será uma bênção para todos aqueles a quem prega.

Fontes Citadas no Capítulo 8

William E. Sangster, *The Craft of Sermon Construction* (Philadelphia: Westminster Press, 1950, 1951).

H. C. Brown, Jr., H. Gordon Clinard, Jesse J. Northcutt, *Steps to the Sermon* (Nashville: Broadman Press, 1963).

Haddon Robinson and Craig Brian Larson, eds., *The Art and Craft of Biblical Preaching* (Grand Rapids: Zondervan, 2005).

John A. Broadus, *On The Preparation and Delivery of Sermons* 4th ed. (New York: Harper Collins, 1979).

9

Juntando Tudo

Não jogue apenas a semente nas pessoas! Moa-a em farinha, asse-a em pão e fatie-o para eles!

Charles Haddon Spurgeon

Agora é hora de tomar tudo o que discutimos e escrever o sermão no papel. Lembre-se da declaração de propósito ao começar a criar sua introdução, organizar suas matérias e elaborar o encerramento. Fique de olho se você procurará principalmente os perdidos ou procurará encorajar e desafiar os santos (a menos que seja um novato; nesse caso, você deve ficar concentrado nos perdidos). Então, como você organiza um sermão?

Um sermão é geralmente considerado como tendo três partes básicas: a introdução, o corpo e o encerramento. Manter isso em mente o ajudará a construir sermões estreitos e fáceis de entender. As partes mais importantes e difíceis são a introdução e o fechamento, cada um deles exigindo habilidade real para torná-los eficazes. Vamos analisar cada uma dessas três partes.

A Introdução

Se você observar grandes pregadores pregando, logo perceberá que todos prestam muita atenção em como começam seus sermões. Não importa qual técnica eles usem, eles são metódicos ao montar a introdução. Muitos deles lêem suas introduções literalmente a partir de suas anotações, girando ritmicamente as páginas (ou deslizando o dedo pela tela do tablet), enunciando cuidadosamente as palavras, exigindo dramaticamente que as sigamos no mundo de sua mensagem. O que eles sabem que requer um investimento tão óbvio em tempo e energia? Por que a introdução é tão importante? Eles sabem que há apenas um tempo limitado, provavelmente menos de dois minutos, para chamar a atenção dos ouvintes e convencê-los de que você tem algo a dizer que vale a pena dizer.

Em seu livro *You Are the Message*, Roger Ailes insiste que quando você envolve um indivíduo ou público, você tem apenas sete segundos para convencê-lo de que você e suas opiniões valem o tempo deles. Se você pensar acerca disto, perceberá que ele provavelmente está certo. Ao redor de uma mesa de restaurante, na sala de exposições da conferência geral, em um seminário, na igreja, todos,

subconscientemente e rapidamente, “fazem as contas” acerca de quem está falando e prestam atenção ou se desligam. Sua decisão é baseada em muitos fatores obscuros, incluindo aparência física, o que é dito, como é dito, interações passadas com o indivíduo, bem como essa pessoa adere a convenções sociais que criam uma zona de conforto ao seu redor. Em outras palavras, pessoas que falam em voz alta, e cabeças de vento rudes não comandam nossa atenção; em vez disso, tentamos instintivamente encontrar uma rota de fuga, mesmo que é apenas nos retirar em nossas próprias cabeças quando não podemos fugir fisicamente.

Para ser justo, uma congregação Pentecostal dará mais de sete segundos, principalmente porque eles vieram à igreja para ouvir boas pregações, e estão torcendo por você. Eles lhe darão uma chance, senão por outro motivo, que eles esperam não ficar entediados, mas não lhe darão muito mais do que esses sete segundos. Portanto, preste atenção em como você começa.

(Para a discussão a seguir das partes de um sermão, sou grato a *Introduction to Homiletics* por Donald E. Demaray. Como o título sugere, este trabalho é um livro básico e apresentado de maneira simples acerca da pregação, o qual li e ao qual me referi muitas vezes.)

O grande orador Romano, Cícero, escreveu que todas as apresentações efetivas devem cumprir três propósitos: despertar interesse, assegurar favor e preparar para liderar. Como no caso das três provas de Aristóteles, ninguém melhorou muito essa descrição. O que quis dizer Cícero? O despertar de interesse é bastante claro: se você não chamar a atenção da congregação no começo, provavelmente não conseguirá, e o resto do sermão não será bem-sucedido. Assegurar favor significa criar um vínculo entre você e o público, deixando-o à vontade com você, assegurando-lhe que você tem não apenas algo a dizer, mas que sabe do que está falando. O terceiro é um pouco mais difícil de definir. Uma razão é que, para mim, ele está conectado ao segundo e flui dele, assegurando favor. Depois de chamar a atenção do público (congregação) e colocá-lo à vontade com você, deve atraí-lo para o sermão, levando-o a confiar que você sabe para onde está indo e depois levá-lo ao corpo do seu sermão e ao encerramento.

Despertando Interesse

Para despertar interesse, é vital uma frase de abertura cuidadosamente pensada. Ela deve captar a atenção de todas as distrações na sala: pessoas se acomodando em assentos, arrastamento de cadeiras, até a repentina ausência de música de fundo, um silêncio que pode ser tão alto. Depois de fazer uma pausa para deixar as coisas se acalmarem, leia o seu texto, anuncie o seu título e comece a abertura com a primeira frase. Demanda a atenção da congregação, por apresentar claramente suas declarações e afirmações cativantes. Esta primeira frase é vital, portanto, prepare-a com cuidado. Reflita sobre isso, formula-a no papel, reformula-a e revisa-a quantas vezes for necessário. Aperfeiçoa-a para o interesse e clareza e entrega-a com confiança.

Após a primeira frase, define seu ritmo. Segue com uma segunda frase que expande, explica ou elucida a primeira. À medida que você avança no parágrafo de abertura, envolve-o, tornando-o pessoal. Lembra-se da sua declaração de propósito; considera a pergunta, por que isso importa para eles? *Diga* a eles por que isso importa em verbos simples e ativos e substantivos concretos. Estabelece o momento e continua. Lembra-se de que toda a introdução deve despertar interesse. É durante esses dois primeiros minutos, mais ou menos, que o público toma toda a decisão importante - ouvir ou não o que você tem a dizer.

Alguém disse que existem três tipos de pregadores: aqueles que você não pode escutar, aqueles que você pode escutar e aqueles que você deve escutar. As pessoas não vêm esperando o primeiro; ou eles vêm com a intenção de escutar ou não vão à igreja. Para a maioria, a opção dois é o melhor que eles podem esperar, e provavelmente o que eles esperam. Seu trabalho nesses primeiros momentos é convencê-los a optar pelo número três: torna-o tão interessante que eles simplesmente precisam escutar.

Assegurar o Favor

Assegurar o favor também deve acontecer rapidamente, ou de modo nenhum. Se você está pregando em uma igreja familiar, particularmente em casa, as pessoas já o conhecem e esperamos que gostem e aceitem você como pregador. Se você está pregando em um ambiente desconhecido, deve atrair pessoas para você e criar um vínculo entre você e o congregação. Às vezes, esse vínculo é difícil de definir. Acho que é assim porque é uma impressão, quase uma emoção, que seus ouvintes sentem mais do que pensam, e essa impressão é o resultado de muitas coisas. Sua aparência - vestimenta discreta, modesta e conservadora; confiança ao invés de nervosismo; certeza da importância do que você está prestes a pregar; mas nada de arrogância, indiferença ou rigidez - desempenha um papel importante na criação disso. O tom da sua voz - baixo, mas vibrante; real, quase conversacional no começo, quando você educadamente reconhece o convite que o levou ao púlpito - fala mais do que suas palavras à congregação. Uma maneira graciosa - elogiando o pastor e a música, uma palavra gentil acerca do culto da igreja - é outra pista que a congregação usará para avaliar você.

O humor é uma ótima ferramenta para obter favor, mas deve ser usado com cuidado e moderação, principalmente quando você está pregando para uma congregação desconhecida. Nada que possa ser interpretado remotamente como pejorativo, depreciativo ou desrespeitoso funcionará, exceto para cavar um buraco do qual você não pode sair. As piadas óbvias raramente funcionam (exceto um conhecido pregador de televisão cujo truque inclui uma piada geralmente brega que funciona porque é antecipada por sua multidão simpática). O humor deve estar ligado a situações relevantes. Muitas vezes, as palavras amáveis da pessoa que a apresentou podem ser um ponto de partida: “Uau, agora eu sou o pregador mais excessivamente apresentado na igreja Pentecostal!” Ou “Obrigado por todas essas palavras amáveis! Provavelmente não deveria ter ouvido tudo isso, mas estou feliz que minha esposa tenha ouvido!”

As pessoas gostam de ser elogiadas, então procure por algo que você possa dizer honestamente acerca de algo agradável - a decoração, o coral, a equipe de louvor, a bela cesta no seu quarto - seja sincero e não exagere, e isso ajudará a conquistar o favor da congregação. Acima de tudo, seja real e sempre concentra sua atenção na presença do Senhor. Este é o verdadeiro vínculo entre você e a congregação; eles querem saber que você O conhece, O ama e os levará a Ele.

Prepare-se Para Liderar

O terceiro propósito da introdução, segundo Cícero, é se preparar para liderar. As pessoas vêm à igreja com a mente distraída e dispersa. Elas são impossíveis de liderar até que você tenha conquistado a atenção delas e conquistado a confiança delas. Depois de fazer isso, leve-as às Escrituras e ao seu sermão.

As pessoas seguem líderes confiantes; líderes que sabem quem são e para onde estão indo. Você deve projetar essas duas características para poder liderá-las. Estas não podem ser falsificadas, seus ouvintes perceberão rapidamente se você não estiver pronto para liderá-los e eles se conterão. Não se agita, começando e parando, se repetindo, obviamente lutando para seguir em frente. Depois de ler seu

texto de maneira suave e confiante; declara sua frase de abertura com uma certeza que provém dessa confiança, permitindo que a introdução e o corpo do sermão se desdobram. Dessa maneira, você os guiará aonde você foi guiado pela Palavra e pelo Espírito. É por isso que sua introdução precisa ser bem pensada e bem elaborada; você deve primeiro saber para onde está indo para levar outras pessoas para lá.

UM EXEMPLO DE INTRODUÇÃO

Romanos 10

A epístola aos Romanos foi escrita por Paulo por volta de 58 d.C. A igreja em Roma era principalmente composta de Gentios na época da escrita da epístola, mas foi fundada por cristãos Judeus. E ainda há muitos Judeus, apesar dos decretos imperiais banirem Judeus de Roma. Paulo está se apresentando nesta igreja a qual, embora que pareça conhecer vários de seus membros, nunca a visitou. Ele também espera conseguir o apoio da igreja para seu futuro trabalho missionário. O tema da carta, de acordo com David Bernard, é “O evangelho de salvação é o dom da justiça de Deus recebida pela fé em Jesus Cristo”.

Antes do capítulo 10, Paulo já afirmou a doutrina da culpa universal, “*pois todos pecaram e carecem da glória de Deus*” (Romanos 3:23), e, começando no capítulo 9, ele se concentra em Israel, especificamente abordando a questão, se eles são o povo escolhido de Deus, por que Israel está perdido? Paul Achtemeier ressalta que ele faz isso afirmando o que é o tema de todo o capítulo “*E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado*” (Romanos 9:6). Agora, no capítulo 10, ele começa seu argumento de por que, se a palavra de Deus não falhou, Israel ainda está perdido. Sua conclusão é que é porque eles se recusaram a ouvir.

Romanos 10 é uma peça retórica autônoma que desenvolve esse argumento. Podemos vê-lo como um sermão seguindo regras antigas da retórica; por exemplo, é uma mistura de retórica judicial e deliberativa e contém apelos às três provas de Aristóteles: ethos, logos e pathos. Segue o padrão clássico de discursos e contém todas as seis partes desse padrão: exórdio (introdução); narração (declaração de fatos), proposição (o que deve ser provado), provas (apelos à autoridade) e peroração (encerramento).

Nesta seção, vejamos a introdução de Paulo. Pode ser encontrada nos versículos 1-3: “*Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos. Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento. Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.*”

Nesta introdução, Paulo cumpre os três propósitos de uma introdução. Ele chama a atenção deles com algumas palavras provocantes acerca dos Judeus. Em essência, ele está dizendo que, embora Israel tenha um zelo piedoso, eles também são ignorantes, hipócritas e rebeldes (uma palavra de advertência: este é Paulo... você não é Paulo). Ao mesmo tempo, Paulo assegura o favor deles com estas palavras: “*Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos.*” Ele se apresenta como tendo que dizer algumas coisas duras, mas ele é não contra Israel, certamente não os deseja o mal; ele ora por eles e, se quisesse, todos seriam salvos. Em outras palavras, ele está dizendo: “Você pode confiar em mim para lhe dizer a verdade, porque não tenho motivo para ferir ou punir Israel”.

Ele os lidera usando essa linguagem marcante e movendo-os imediatamente para a próxima afirmação, que é essencialmente seu tema ou declaração de propósito. É o coração da verdade que ele

deseja comunicar: “Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê. Ora, Moisés escreveu que o homem que praticar a justiça decorrente da lei viverá por ela. Mas a justiça decorrente da fé assim diz: Não pergunte em teu coração: Quem subirá ao céu?, isto é, para trazer do alto a Cristo; ou: Quem descerá ao abismo?, isto é, para levantar Cristo dentre os mortos.” (Romanos 10:4-7) Essa é a sua transição da introdução ao corpo do sermão; ele está afirmando que a Lei foi completada ou cumprida em Jesus e não salva mais as pessoas, porque sua justiça é baseada nas obras daqueles que a seguem. Mas a justiça da fé vem da crença inquestionável na morte, sepultamento e ressurreição de Jesus. É por isso que Israel está perdido: eles continuam a confiar na justiça da lei e questionam a justiça de fé e a obediência ao evangelho.

Métodos de Introdução

Existem muitas maneiras diferentes para você introduzir um sermão. Vejamos alguns deles. A maneira mais comum é geralmente chamada de Método Textual. Isso significa que sua frase de abertura é simples e direta: “Meu texto esta manhã é...” Então você lê o texto das Escrituras. Este versículo ou passagem deve, é claro, ser o principal do qual você extrai seu sermão, ou pelo menos o versículo mais proeminente que toca no seu tema. A grande vantagem desse método é que ele ajuda a tranquilizar a congregação. Faz isso porque lhes é familiar, já que a maioria dos sermões começa assim; e assegure-lhes que você vai pregar da Bíblia, o que também é tranquilizador para eles. Talvez o mais importante seja que ele ajuda você a ficar mais à vontade, desde que você começa lendo, palavra por palavra, algo com o qual está familiarizado. Esta é uma grande ajuda para acalmar o nervosismo. Lembre-se, porém, isso torna a leitura do seu texto parte da sua introdução. Você não pode pensar nisso como um ato preliminar que acontece antes do início da introdução; faz parte da introdução e, por isso, você deve ler o texto com ênfase e emoção. Não dramático, mas leia com interesse real, usando a inflexão em sua voz para extrair o significado da passagem. Às vezes, eu até injeto explicações curtas ou outras coisas enquanto o leio, ajudando a tornar o texto mais compreensível, especialmente se essas nuances específicas não serão usadas no sermão. Normalmente, a leitura do texto será seguida com a narração da história do texto. Se for um evento, prepare o cenário: quem está envolvido, onde, quando e por quê. Se for mais uma passagem doutrinária ou teológica, discuta quem a escreveu, para quem e por quê. Às vezes, depois de ler o texto, você não discute o texto imediatamente; em vez disso, você utiliza outro tipo de introdução. De fato, abrir lendo um texto funcionará com todos os outros métodos acerca dos quais falaremos.

Outro tipo de introdução é começar *com uma ilustração*. Isso é extremamente eficaz, presumindo que a ilustração esteja quase perfeitamente ajustada à sua declaração de propósito. Se você precisar contá-la, então explicar o que você quis dizer com isso, não use; não vai funcionar. Uma ilustração que se encaixa, no entanto, é uma coisa bonita. A eficácia de uma ilustração é governada por vários fatores, cada um dos quais é vital. Lembre-se de *como* você conta uma história é mais importante que a própria história. As histórias devem ser contadas usando substantivos concretos e verbos ativos. O efeito disso é um senso de imediatismo e um senso de *ação*. Você não quer apenas contar à sua congregação o que aconteceu, você quer levá-los à cena e *mostrar* o que aconteceu. É isso que uma sensação de imediatismo faz: faz com que a congregação sinta que os eventos da sua história estão acontecendo *agora*. Os verbos ativos *mostram* o que está acontecendo, em vez de apenas dizer-lhes. Aqui está parte de uma das minhas apresentações favoritas de sermão. Ele combina exposição textual (nosso primeiro tipo de introdução) com uma introdução usando uma ilustração. Sua singularidade é que usa um pouco de imaginação para transformar uma história Bíblica em uma ilustração poderosa. Ao ler, observe o senso de imediatismo e o senso de ação. O sermão é “The Woman of the Shattered Romances”, de Clovis Chappell:

Olha, se puder, a este quadro. Ali está um homem sentado na força e na flutuabilidade da juventude. Ele tem trinta anos mais ou menos. Em volta dele está o ambiente de vigor e vitalidade que pertence à primavera da vida. Mas hoje ele está um pouco cansado. Há uma leve queda em seus ombros. Seus pés e sandálias estão empoeirados. Sua roupa está manchada de viagem. Ele tem caminhado a pé toda a manhã. E agora ao meio-dia, ele está descansando.

O lugar de seu descanso é uma mureta antiga de um poço. O poço é aquele que foi escavado por mãos que se tornaram poeira a muitos séculos. Este viajante está com muita sede. Mas como ele não tem como tirar a água, senta-se na mureta e espera. Seus amigos que viajam com ele foram à cidade comprar comida. Logo eles voltarão e depois comerão e beberão juntos.

Enquanto olha pela estrada que leva à cidade, vê alguém chegando. Esse alguém não é um dos seus discípulos. É uma mulher. Enquanto ela se aproxima, ele vê que ela está vestida com a roupa barata e suja de sua classe. Imediatamente ele a conhece pelo que ela é. Ele lê a história sombria de sua vida pecaminosa. Ele entende todo o passado fétido e imundo pelo qual ela passou como através da lama fedorenta de um pântano.

Observe os substantivos: quadro, homem, força, flutuabilidade, vigor, vitalidade, primavera, ombros, pés, sandálias, roupa, poço, mureta, mãos, água, comida, amigos, mulher, história, vida, lama, pântano. Tudo concreto, não um resumo entre eles. Agora os verbos: olha, sentado, é, pertence, viajam, descansando, escavado, descansando, espera, foi, comprar, voltarão, comerão, beberão, olha, vê, chegando, conhece, lê, entende, passou. Ação em todos os lugares! Até os advérbios e adjetivos são robustos e coloridos. A linguagem coloca você lá e faz a cena viver.

Uma introdução ilustrada eficaz também pode vir do uso de uma história discreta que, por si só, parece não estar conectada ao grande tema, mas, como se torna aparente, conta a história em miniatura, usando o máximo de detalhes possível para criar realismo. Enquanto mais complexo e arriscado, usar essa ilustração pode ser tão eficaz em captar a atenção quanto usar ilustrações mais dramáticas. Este exemplo não vem de um sermão, mas de um dos livros mais importantes do século vinte, se por nenhuma outra razão, além de contar a história de um evento que mudou o mundo como poucos fizeram. John Hersey começa *Hiroshima* assim:

Exatamente às oito e quinze da manhã, em 6 de agosto de 1945, hora Japonesa, no momento em que a bomba atômica explodiu sobre Hiroshima, a senhorita Toshiko Sasaki, funcionária do departamento de pessoal da East Asia Tin Works, acabara de se sentar em seu lugar no escritório da fábrica e estava virando a cabeça para falar com a garota na mesa ao lado. Nesse mesmo momento, o Dr. Masakazu Fujii estava se acomodando de pernas cruzadas para ler o Osaka Asahi, na varanda de seu hospital particular, pendurando sobre um dos sete rios deltaicos que dividem Hiroshima; a sra. Hatsuyo Nakamura, a viúva de um alfaiate, estava de pé junto à janela de sua cozinha, observando um vizinho derrubando sua casa porque ela estava no caminho de uma pista de incêndio de defesa antiaéreo; o padre Wilhelm Kleinsorge, padre alemão da Companhia de Jesus, reclinou-se de cueca em uma cama no último andar da casa missionária de três andares de sua ordem, lendo uma revista Jesuíta, *Stimmen der Zeit*; o Dr. Terufumi Sasaki, um jovem membro da equipe cirúrgica do grande e moderno Hospital da Cruz Vermelha da cidade, caminhou por um dos corredores do hospital com uma amostra de sangue para um teste de Wassermann na mão; e o reverendo Sr. Kiyoshi Tanimoto, pastor da Igreja Metodista de Hiroshima, fizeram uma pausa na porta da casa de um homem rico em Koi, subúrbio ocidental da cidade, e se prepararam para descarregar um carrinho de mão cheio de coisas que ele havia evacuado da cidade

por medo de ataque do massivo B-29 que todos esperavam que Hiroshima sofreria. Cem mil pessoas foram mortas pela bomba atômica, e essas seis estavam entre os sobreviventes.

Hersey usa seis mini histórias, uma após a outra, para nos atrair e nos mover em direção à dramática linha final que não pode deixar de chamar nossa atenção e nos impulsionar para a história: “Cem mil pessoas foram mortas pela bomba atômica, e esses seis estavam entre os sobreviventes.” Isso nos faz pensar, *como?* e *porquê?* e *quantos outros?* Mas, acima de tudo, nos faz pensar em *me conta mais!* Abra um sermão com uma introdução que faça isso e você estará a caminho.

Uma espécie de subgênero para começar com uma ilustração é um tipo que às vezes é chamado de introdução à *Situação da Vida*. Este tipo de ilustração descreve uma situação que alguém enfrentou na vida contemporânea. A ideia é relatar uma história na qual alguém tenha lidado com um evento dramático na vida, e então aplicar sua maneira de lidar de maneira mais geral, para que todos possam se relacionar com a história. Obviamente, também deve ilustrar e fazer a transição para o seu tema. Aqui está um incidente da minha vida que eu usei para apresentar um sermão intitulado “Saber Para Onde Correr”.

Lembro-me muito bem do incidente. Suponho que seja uma daquelas coisas em que você mente quando é criança. Certa manhã, meu irmão e eu estávamos com meu pai em uma velha caminhonete preta e surrada dirigindo por uma estrada de terra em um pequeno campo de petróleo nos arredores de Kerman, Califórnia. Papai parou ao lado da estrada e parou. “Olhe para lá”, disse ele e apontou. Era obviamente um lugar onde aconteceu um acidente horrível. Quando papai começou a nos explicar, entendemos que coisa terrível tinha sido. Uma plataforma de perfuração de petróleo estava operando lá no dia anterior. A ruína subiu do terreno plano a cerca de cem metros de nós, a metade superior da torre estava deitado no chão, uma massa de metal retorcido. Era fácil, até para nós, perceber o que havia acontecido; o topo da estrutura simplesmente tombou, colidindo com o resto.

Quando nos sentamos na caminhonete velha, meu pai começou a nos contar acerca do perfurador. Naquela manhã, saindo para o trabalho, papai disse, o perfurador havia contado à esposa suas preocupações com a condição da plataforma: “Essa coisa é um pedaço de lixo”, ele havia dito. “Alguém vai ser morto um dia desses.” Acho que um acidente era inevitável. Quando aqueles pinos se partiram e a metade superior da plataforma começou a cair, a turma de trabalhadores começou a correr. Todo mundo saiu em segurança, exceto o perfurador. Ele tinha, de onde estava no “chão” quando o topo começou a cair em sua direção, apenas duas opções de rotas de fuga: ele podia correr para a esquerda e descer algumas escadas e sair da plataforma em segurança ou podia correr para à direita, atravessando o chão e ali, movendo-se rapidamente atrás do enorme motor que acionava a plataforma, poderia encontrar um lugar para se abrigar. Ele tinha apenas uma fração de segundo para decidir. Infelizmente, ele escolheu errado. Correndo pelo chão, ele virou para a direita, rumo à segurança do enorme motor, mas antes que ele pudesse chegar lá, aquelas toneladas de aço caindo o prenderam contra o radiador e destruíram sua vida.

Claro, eu não vi o corpo, mas meu pai o viu no dia anterior; seu rosto era um estudo em horror ao transformar o trágico incidente em uma lição objetiva - uma lição de vida para seus filhos. Eu nunca esquecerei o olhar nos olhos do meu pai, ou as palavras que ele falou conosco naquele dia, enquanto descrevia o que havia acontecido com o homem que seguiu o caminho errado. Ele nos disse: “Sempre olhe ao seu redor, preste atenção e pense no futuro. *Sempre saiba para onde correr*. Isso pode salvar sua vida.”

Às vezes, é melhor começar com uma simples e direta *declaração de seu propósito*. Deve ser breve e direto: “Hoje mostrarei escrituramente por que o batismo do Espírito Santo é absolutamente essencial para a salvação” ou “estou aqui para desafiar sua fé e permitir que você veja Deus como disposto e capaz, de fato, ansioso, para responder suas orações!” Use sua declaração de propósito, apenas modifique-a para fazê-la falar diretamente aos seus ouvintes.

O último tipo que mencionarei é a *declaração dramática*. A ideia é não atrair a atenção deles, seduzi-los de suas distrações ou suplicar gentilmente por seu tempo; é estourar uma banana de dinamite, ligar uma sirene, acender um holofote. É agarrá-los pela nuca e *fazê-los* querer ouvir. Como é isso para uma declaração dramática? Segue alguns exemplos melhores: na introdução de um sermão intitulado "O que Cristo Faz Pela Alma", Arthur John Gossip faz essa dramática abertura:

O que exatamente fez Cristo para você? O que há em sua vida que precisa de Cristo para explicá-lo, e que, à parte Dele, simplesmente não poderia estar presente? Se não houver nada, sua religião é uma pura futilidade.

V. A. Guidroz, um pregador mestre Pentecostal, usou esta introdução em seu sermão frequentemente solicitado, "A Marcha da Morte":

Esta é uma congregação de pessoas religiosas. Estamos enfrentando grandes catástrofes da culminação do tempo. Você não pode se livrar disso. Você está nela com todas as suas forças. Você vai dar conta de tudo o que é dito nesta reunião religiosa. Você pode brincar com ela ou cuspir e se afastar dela. Mas você precisa a encarar da mesma forma.

Temos que levar a sério. Deus vive ou está morto. Jesus Cristo era o Filho de Deus, nascido da virgem Maria ou é a maior piada do mundo. Homens e mulheres falam em línguas inspirados pelo Espírito Santo ou essa é a maior farsa jamais colocada entre duas capas de um livro. Ou as pessoas nascem de novo ou estamos apenas enganando muita gente. Temos nossos nomes escritos no Livro da Vida do Cordeiro, ou estamos apenas fazendo a maior piada sobre o maior grupo de pessoas inocentes que o mundo já conheceu. Ou temos um inferno embaixo de nós e um céu acima de nós, e temos que vencer um e perder o outro, ou então estamos sentados aqui esta noite apenas jogando fora nosso tempo.

Lembre-se de que uma declaração *dramática* não significa necessariamente uma declaração *provocativa*, como a de Paulo em Romanos 10, a de Gossip em "O Que Cristo Faz Pela Alma" ou a de V. A. Guidroz em "A Marcha da Morte". Às vezes, chama a atenção por suas impressionantes imagens. F. W. Boreham apresenta um sermão (ou um ensaio, às vezes é difícil determinar com Boreham) acerca da entrega de más notícias, chamado "Breaking the News", assim:

Como regra geral, as coisas quebradas são quebradas pelos desajeitados. Quando os ovos são quebrados, ou quando a louça é quebrada, ou quando as promessas são quebradas, é porque alguém errou. Mas, para essa regra geral, há uma exceção impressionante. Pessoas descuidadas podem quebrar nossa porcelana; pessoas descuidadas podem partir nossos corações; mas, quando se trata de dar as notícias da hora, pessoas descuidadas seriam piores que inúteis.

Às vezes, o drama vem do suspense, que promete futuras revelações interessantes que nos puxam para o sermão, apesar da vontade de nós mesmos. Boreham usa essa técnica em "A Tangled Skein", habilmente construindo o suspense em uma introdução brilhante:

Meus dedos muitas vezes coçavam para escrever a história de Mary Creighton, exatamente como ela me contou naquele dia debaixo da macieira, mas, até agora, minha caneta foi acorrentada. Um jornal que chegou na semana passada, no entanto, o qual contém anúncios que efetivamente afastaram os escrúpulos que eu apreciava.

Mary Creighton não era seu nome verdadeiro: seu nome verdadeiro era muito mais bonito, ou ela me fez parecer isso. Nenhum dos nomes que mencionarei são nomes reais. A própria Mary foi, durante anos, um mistério inescrutável para mim. Ela era para todo mundo. De fato, até a adorável tarde em que ela fez sua grande confissão, eu nunca a entendi e nunca encontrei alguém que a entendesse. Em Mosgiel, prevaleceu um sentimento muito geral de que, nos anos inesquecíveis da vida de Mary, uma tragédia foi enterrada em algum lugar; mas ninguém conhecia sua natureza. Inúmeras suposições foram feitas: mas todas eram contraditórias e, portanto, insatisfatórias. Nenhuma teoria se enquadra com todos os fatos. E aconteceu que o pequeno município desistiu. Mary passou a ser vista como um enigma que todos haviam perguntado, mas do qual ninguém sabia a resposta.

Não exagere no drama, faça-o estranho ou recorra a truques. Você receberá a atenção deles, mas eles podem rir de você no processo. Anos atrás, quando eu era jovem pastor, segui o conselho de um amigo e tentei um pouco de drama para apresentar um sermão. O texto era de I Coríntios 13:12. *“Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido.”* Depois de ler este texto, todos oraram e, ao fazê-lo, coloquei um par de óculos de sol que havia colocado no púlpito. A ideia era pregar acerca de como no presente somos forçados a ver a vida através de óculos escuros, mas um dia vamos tirá-los e ver as coisas como realmente são e entender as razões pelas quais a vida é como ela é. O título era “Quando Eu Tiro Meus Óculos De Sol”. Teria sido ótimo, exceto pelo barulho da gargalhada quando a congregação abriu os seus olhos após a oração e olharam e me viram com meus óculos escuros. Era tão fora de caráter para mim que alguns dos meus queridos santos riram durante todo o sermão. Ainda estou envergonhado enquanto digito essas palavras.

Mantenha a introdução curta; ela deve fazer o seu trabalho e sair logo do caminho. A introdução não deveria usar sua matéria melhor ou mais poderosa. É claro que você deveria usar coisas boas na introdução por causa de seu papel crucial, mas ouvi pregadores que tiveram introduções poderosas, mas não muito mais adiante, e as coisas foram rapidamente ladeira abaixo. Eu já fui esse pregador de vez em quando. Se você tem apenas uma introdução poderosa, espera até que você tenha um sermão poderoso antes de usá-lo.

Um último comentário acerca de introduções. Muitos grandes pregadores escrevem completamente suas introduções, embora que possam esboçar o corpo e o encerramento. Este é um testemunho da compreensão de quão importantes são as introduções. Eles sabem que se a introdução sofrer uma paralisação, distorção ou congelamento do cérebro, eles passarão o resto do sermão tentando se recuperar. Se você não conseguir captar a atenção da congregação, despertar o interesse deles e garantir seu favor na introdução, o restante do sermão será perdido. Se você é um pregador iniciante, escreva suas introduções. Mais tarde, à medida que você ganha experiência, pode decidir que precisa apenas de notas detalhadas para a introdução. Mas então, quem sabe? Você pode ser convencido de seu valor e desejar continuar a escrevê-las.

O Título

Durante todo o processo de construção do seu sermão, você deveria pensar acerca do título. Não há urgência, pois o título pode chegar até você no começo, no meio ou no final do processo. Às vezes, é fácil encontrar o título, pois o sermão parece se intitular. Foi assim com um sermão intitulado *“Tinha, Porém, Amnom Um Amigo”*. O texto era de II Samuel 13, e no versículo 3 encontramos a declaração essencial de toda a história de Amnom: *“Tinha, porém, Amnom um amigo”*. O que mais poderia intitular aquele sermão? Geralmente, porém, não é tão fácil encontrar o título perfeito. Às vezes, quando lutamos para encontrar o título certo, nos convencemos de que os títulos realmente não importam. "Apenas nomeia alguma coisa", dizemos, ou pior ainda, decidimos ignorá-lo por completo. Mas, como Rick Warren escreveu em *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica*:

Escrever um grande título de sermão é uma arte na qual devemos trabalhar continuamente. Não conheço ninguém que o tenha dominado. Todos temos nossos acertos e erros. Mas se o propósito da pregação é transformar, não apenas informar, ou se você estiver falando com incrédulos, deve se preocupar com seus títulos. Como a capa de um livro ou a primeira linha de um anúncio, o título do seu sermão deve capturar a atenção daqueles que você deseja influenciar.

O título deveria conter a promessa do sermão, simplesmente declarado. Para um sermão que é focado no que Deus pode fazer com nada (por exemplo, criar um universo) e, portanto, concluído que quanto menos há de mim (ou seja, menos meu ego, minha ambição e meu desejo) de obstruir no caminho, quanto mais Deus pode fazer comigo, escolhi o título *“O Incrível Potencial do Nada”*. Em outro sermão, aponto que, embora Deus seja todo-poderoso e possa fazer qualquer coisa, há coisas que Ele não pode fazer: Ele não pode falhar, cometer um erro, mentir ou ser injusto. O título do sermão que escolhi foi *“As Limitações de Deus”*. Para um sermão acerca do poder destrutivo do pecado, usei Sansão e o rei Saul como exemplos do trágico fim do pecado. Na minha introdução usou uma anedota da Guerra Civil Americana de uma testemunha do roubo macabro de soldados mortos ainda caídos no campo na manhã seguinte a uma batalha. O título era *“Despojando os Mortos”*.

Se fizermos certo, o título se encaixa tão bem que, refletindo, parece que de alguma forma foi ordenado o título desse sermão. Considere *“Pecadores Nas Mãos de Um Deus Irado”*, de Jonathan Edwards. Alguma outra coisa se encaixaria nesse sermão? *“A Pedra Afastada”*, de Charles Spurgeon, *“Inferno do Homem Bom”*, de Clovis Chappell, *“A Igreja Pentecostal Unida Pode Sobreviver à Investida da História?”*, de Stanley Chambers e *“A Marcha da Morte”*, de V. A. Guidroz, são exemplos de títulos perfeitos para sermões notáveis.

Evite ser excessivamente gracioso em seus títulos. (Veja *“Quando Eu Tiro Meus Óculos de Sol”*, acima.) Um título pode ser memorável, mas por todos os motivos errados, como dar uma impressão de imaturidade e superficialidade. Um ótimo sermão não precisa de um título gracioso. Segue alguns títulos excessivamente engenhosos retirados de anúncios de igrejas no Los Angeles Times e compartilhados por Rick Warren: *“Pedro Vai Pescar”*, *“O Ministério de Potes Rachados”*, *“Dê-me Ágape”* e *“Não Existe Algo Como Relógio de Borracha”*. Não tenho certeza exata para onde esses títulos deveriam levar, mas tenho certeza de que não chegaram ao destino desejado.

Por todos os meios, examine bem seu título para significados não entendidos. Alguns títulos levemente sugestivos ou mesmo vulgares foram usados por pregadores aparentemente pensando, erroneamente, que chamaria atenção sem ofender. Talvez eles nem perceberam o que eles estavam dizendo. Em *Steps to the Sermon*, Brown e outros compartilham alguns: *“Nudista em um Cemitério”*

(presumo que se refere ao demoníaco de Gadara.), “O Homem Que Não Deixaria As Mulheres em Paz” (receio que o pregador possa ter se referido a Jesus e a mulher junto ao poço, Maria no jardim, a mulher apanhada em adultério, Maria Madalena, etc.), "O Homem, a Mulher e o Quarto de Hotel" (não tenho ideia), "Por Que Todo Pregador Deve Ir Para O Inferno" (sem comentários) e “Beijar no Escuro” (tentei, mas não consigo pensar em nada na Bíblia a que isso possa estar se referindo). Mesmo que eles possam ser explicados por alguma lógica torturante ou ligados a alguma anedota ou ilustração, nunca use esses títulos.

Segue algumas perguntas, sugeridas por vários escritores, que você pode se perguntar acerca de possíveis títulos para ajudar lhe manter no caminho certo.

É cativante? É formulado de maneira a deixar claro que esse sermão tem algo a dizer que eles querem ouvir?

É claro? Rick Warren compartilha um teste disso: “Se eu ler este título em uma fita cassete daqui a cinco anos, saberia instantaneamente acerca do que era o sermão?” Substitua “CD” ou “arquivo no computador ou telefone” por “fita cassete” e você entenderá.

É conciso? Brown recomenda duas a sete palavras, com não mais que três ou quatro palavras "fortes". Esta é uma generalização, é claro. Uma rápida olhada em cinquenta dos meus sermões mostra títulos com média de três a quatro palavras, com um título de dez palavras sendo o mais longo e vários títulos de uma palavra o mais curto.

É apropriado? Você está na casa de Deus, no púlpito, pregando a Palavra de Deus. Aja de acordo.

É relevante? O título deve deixar claro que este sermão não será um discurso acadêmico seco. Será um sermão que atenda às necessidades de seus ouvintes.

O Corpo do Sermão

Estamos progredindo: temos nosso pensamento, temos escrito nossa declaração de propósito, reunimos nossas matérias, começamos a aperfeiçoar nossas matérias, temos escrito nossa introdução, talvez até selecionamos nosso título. Agora, compomos o sermão.

O corpo do sermão deve ser composto de três ou, às vezes, quatro, ou raramente cinco pontos, cuidadosamente organizados para o fluxo temático e narrativo mais eficaz, além do máximo impacto emocional. Os pontos estão conectados com comentários transitórios e explicativos. Para aprender a ordenar adequadamente os pontos do sermão, devemos olhar o sermão como um todo, em vez de suas partes. Um sermão é composto de um título, um texto, uma primeira frase, uma introdução, três (e às vezes mais) pontos e um encerramento. Mas cada um deles deve se combinar com todos os outros, criando harmonia e coesão que cumprem o propósito do sermão. Outra maneira de dizer isso é que eles devem ser organizados de modo que o sermão *flua* sem problemas da primeira leitura do texto até as palavras finais do apelo para o altar em direção a um objetivo: levar as pessoas a um lugar onde responderão a inspiração do Espírito Santo. Se essa resposta é de se apresentar na frente para ser batizado em nome de Jesus, ou para receber o Espírito Santo, ou para ser curado, ou libertado, ou abençoado; ou simplesmente para aproximar-se mais perto de Deus, mais disposto para obedecer à Sua Palavra e, assim, crescer como cristão, o objetivo do sermão é o mesmo: trazer os ouvintes para aquele ponto de ação. Isso

é feito tanto através da cabeça como do coração, mas principalmente do coração, pois a pregação, em vez de ensinamento, é para o coração.

Parece-me que há três considerações que você deve ter em mente ao elaborar o corpo do sermão: o fluxo do tema, o fluxo da narrativa e o fluxo do impacto emocional. Enquanto cada um exija arranjos diferentes, e um ou outro possa ser mais ou menos importante, dependendo do sermão, eles devem ser harmonizados, adaptados para mover o sermão intelectualmente e emocionalmente em direção a seu objetivo. Provavelmente o mais flexível e, portanto, o mais fácil de trabalhar, é o fluxo narrativo. Você pode não pensar assim, já que a narrativa ou história de um evento bíblico aconteceu em uma certa ordem: A aconteceu, então B aconteceu, então C, e finalmente D. Você não está muito bem preso à cronologia? Você não precisa contar como aconteceu? Na verdade, não, você não precisa. De fato, muitas vezes a Bíblia também não faz.

O fluxo temático é um pouco mais rígido. Isso significa que você deve apresentar seu tema de maneira lógica. Às vezes, isso não é tão necessário, mas muitas vezes você deve demonstrar a parte fundamental do seu tema, então construir em sucessivos blocos de verdade. É difícil reorganizar essa ordem sem confundir sua congregação. Como um exemplo simples, você pode estar pregando acerca da necessidade da humanidade de Deus. Pode ser algo como isto:

1. A maior tragédia da vida é ser pecador.
2. *"A alma que pecar..."* (Ezequiel 18:20)
3. Todos nós somos pecadores.
4. *"Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus."* (Romanos 3:23)
5. Por causa disso, não podemos nos salvar.
6. *"Eu sei, ó SENHOR, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos."* (Jeremias 10:23)
7. Somente Deus pode nos salvar.
8. *"Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados."* (Hebreus 10:4)
9. Ele nos salvou vindo como homem e morrendo.
10. *"Grande é o mistério..."* (I Timóteo 3:16)
11. *"Porque Deus amou..."* (João 3:16)
12. Somente obedecendo ao evangelho da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, podemos ser salvos.
13. *"Eu sou a porta..."* (João 10:9)

Este é um sermão de seis pontos, mas pode ser facilmente convertido em cinco pontos combinando os pontos quatro e cinco. Podemos até torná-lo um sermão de três pontos, fazendo do ponto uma parte da introdução e do ponto seis no encerramento. O que não podemos fazer facilmente é misturar a ordem lógica dos pontos. O fluxo da lógica parte da premissa fundamental de que ser um pecador é uma grande tragédia e depois prossegue, cada ponto que surge e repousa no ponto anterior. Todos são pecadores, não podemos salvar a nós mesmos. Somente Deus pode salvar, e Ele estabeleceu uma maneira de sermos salvos. Ele fez isso vindo como Jesus Cristo e morrendo na cruz, ressuscitando e oferecendo o dom do Espírito Santo. E só podemos ser salvos ao aceitar esta oferta obedecendo ao evangelho. Esse é o fluxo lógico e é difícil mudar.

A consideração mais importante é o fluxo do impacto emocional do sermão. É isso que é mais vital levar os ouvintes a um ponto de resposta. Ian Pitt-Watson, escrevendo em *The Art and Craft of Biblical Preaching*, chama esse fluxo emotivo de "sistema cardiovascular" ou "corrente sanguínea" do sermão.

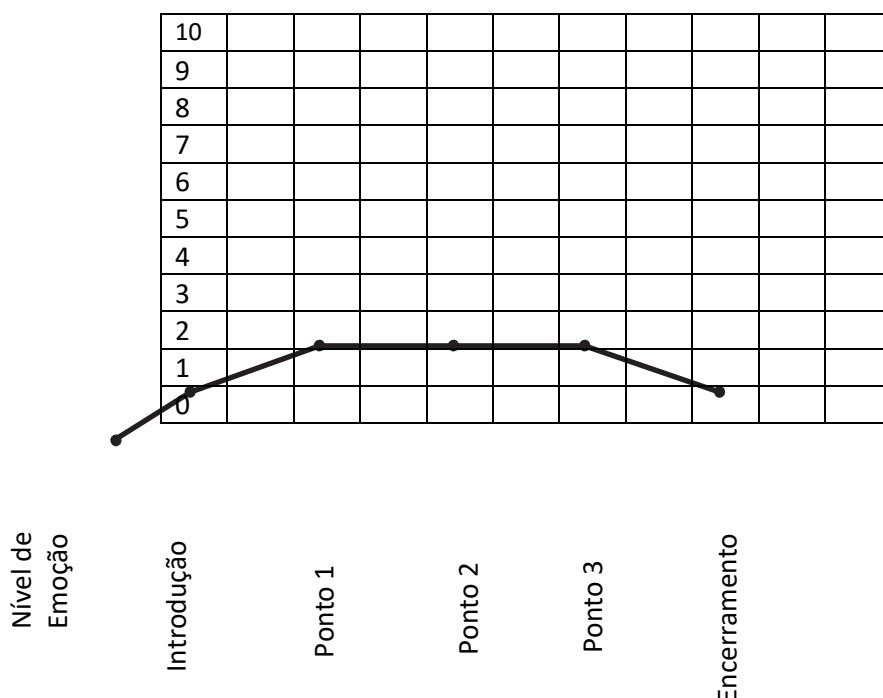
Ele afirma que até que temos *sentido* a verdade do evangelho, não temos *ouvido* o evangelho completo. Ele continua:

A pregação envolve um tipo de pensamento apaixonado. Às vezes, o pregador está expressando conceitualmente o que o ouvinte anteriormente apenas considerava verdadeiro, mas outras vezes o pregador está expressando como verdade sentida algo que o ouvinte pensava anteriormente apenas como verdadeiro. Ambas as tarefas são igualmente importantes e, para ambos, é necessário um sistema cardiovascular saudável que possa expressar as verdades sentidas e levar o efeito (a sensação) dessas verdades a todos os membros e órgãos do sermão. Essa é a força vital da pregação.

Toda Escritura, toda história, toda ilustração tem um efeito emocional, alguns maiores que outros. É essencial que você aprenda a calcular o impacto que cada um tem, e os arranjar dentro de seu sermão para providenciar um fluxo de emoção, gradualmente construindo em direção ao convite e à oportunidade de responder ao Espírito. Quando digo "construindo gradualmente", não quero dizer mover em linha reta do menos impactante para o mais impactante. Isso é difícil de fazer e não é muito efetivo, porque uma congregação não reage bem a isso. Da mesma forma, eles não reagem bem a um sermão que decola como um foguete, atinge um alto nível de emoção imediatamente e tenta sustentar esse alto nível pela duração do sermão. A emoção deve construir, e isso requer fluxos e refluxos, momentos de alta emoção seguidos de menos emoção e, em seguida, emoção ainda maior.

Vamos explorar esse conceito visualmente usando os seguintes gráficos.

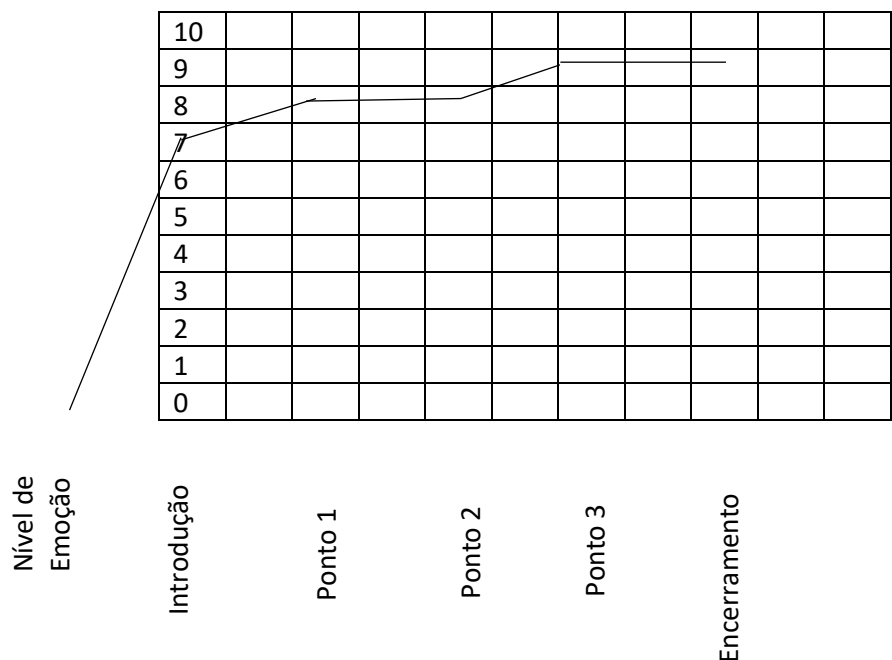
Segue um sermão emocionalmente morto e, portanto, chato:



Ele falha porque, embora possa ser doutrinariamente sólido e intelectualmente estimulante, não envolve o coração. No final, a resposta estará fora de serviço ou de rotina, e o tempo de oração

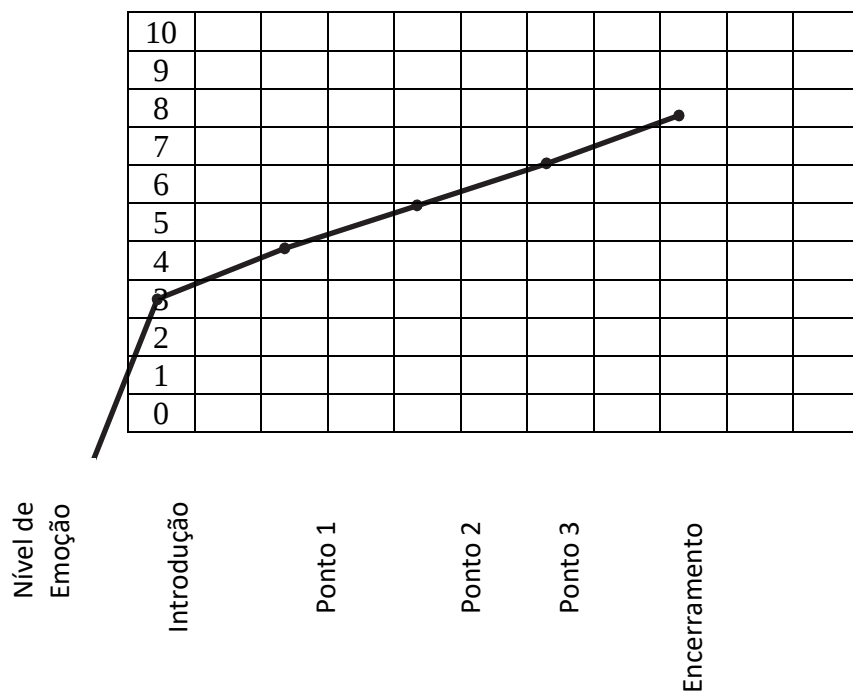
provavelmente será curto. Esta não é uma abordagem eficaz, mesmo para o ensino. Você deve sempre tentar variar o impacto emocional de seus pontos para prender a atenção da sua congregação.

Segue um sermão emocionalmente desgastante:



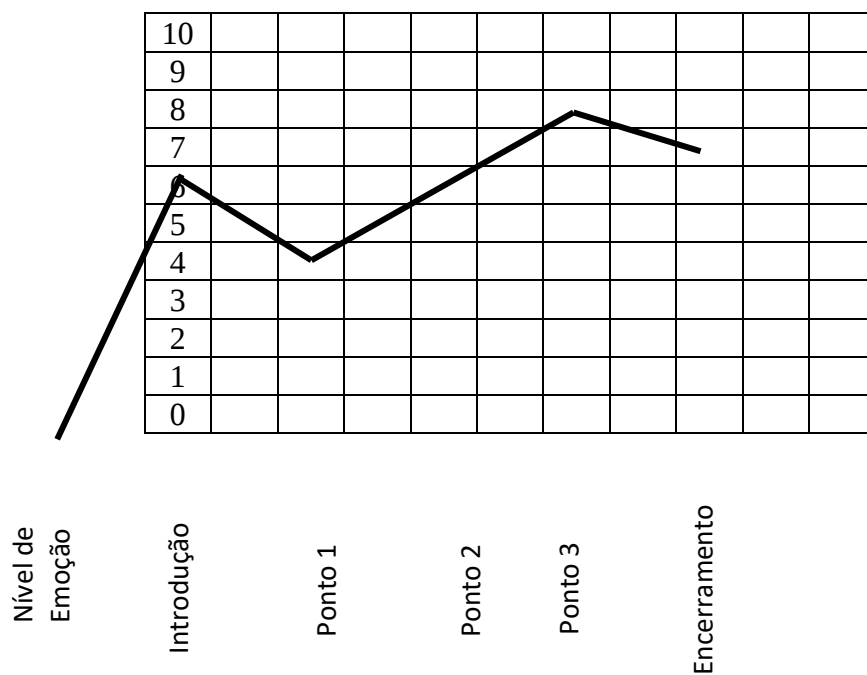
Esse sermão leva as pessoas a atingir quase o topo de sua capacidade emocional e espera mantê-las lá. Enquanto alguns podem ficar com um sermão como esse, muitos não conseguem, pois, é muito cansativo. A menos que você planeje falar quinze minutos ou menos, ou o Espírito Santo tenha assumido o controle e esteja conduzindo isso, evite esta abordagem.

O seguinte é melhor do que os dois primeiros, mas ainda exige muito de uma congregação:



Observe que o nível emocional nunca cai; continua aumentando cada vez mais, sem chance para a congregação recuperar o fôlego, absorver o que está sendo dito e se preparar emocionalmente para o que está por vir.

O seguinte é provavelmente o ideal:



O impacto emocional da introdução chama a atenção e os acorda. O primeiro ponto permite que eles se acalmem, recuperem o fôlego e comecem a ser tocados pela Palavra. O segundo ponto começa a acelerar, e o último é o mais impactante de todos, movendo-os para a emoção do encerramento e para o apelo.

Assim, identificando o efeito emocional de cada componente do sermão, podemos organizar o corpo do sermão da maneira mais efetivo, dentro dos limites da lógica de nosso argumento, para levar nossos ouvintes a um ponto de responder à voz do Espírito.

O Encerramento

Nunca resuma como um final para o seu sermão. Um resumo é uma revisão ponto por ponto do que você acabou de pregar: “Como você pode ver, quando abrimos nosso coração ao evangelho, Deus

- (1) perdoa nossos pecados,
- (2) transfere-os para a cruz de Cristo por sermos batizados em nome de Jesus,
- (3) nos enche de Seu Espírito Santo, e
- (4) por meio de Seu Espírito, nos capacita a viver uma vida santa.” Você também pode terminar com: “Há alguma pergunta?”

A escolha da palavra *encerramento* em vez de *conclusão* ou *resumo* é deliberada.

Você encerra um sermão da mesma maneira que um vendedor fecha uma venda: você quer que eles assinem na linha pontilhada. A diferença é que você está oferecendo o melhor negócio já oferecido na história: um novo início, um novo começo, uma nova vida em troca da antiga. Seu trabalho é convencê-los de que não é bom demais para ser verdade, é apenas verdade e está disponível agora. Haverá mais acerca de como encerrar o sermão e fazer o convite para o altar mais tarde.

As Anotações

Agora é hora de preparar as anotações do sermão. Essas anotações são o que você levará ao púlpito com você. Existem muitos formatos diferentes que podem ser usados para essas anotações. Provavelmente é uma questão de gosto pessoal, tanto quanto qualquer outra coisa. Alguns pregadores usam marcadores, fonte em negrito e itálico, alguns usam regras formais, outros simplesmente escrevem sentença por sentença ou pensamento por pensamento sem delinear nada. A única coisa a ter em mente é que o material deve ser quase instantaneamente visível. Você precisa, enquanto estiver no púlpito, ser capaz de encontrar facilmente seu lugar depois que ele estiver perdido. Aprenda a criar anotações que mantenham o que você precisa saber segmentado nas linhas gerais do sermão, diante de seus olhos, para poder encontrar o que precisa quando precisar.

Comecei a descrever meus sermões há muito tempo e desenvolvi o hábito de usar um formato formal de estrutura de tópicos. Eu uso o estilo tradicional:

- I. Título Principal 1
 - A. Primeiro Ponto
 1. Subponto que explica ou ilumina o primeiro ponto
 - a. Subponto que explica ou ilumina o subponto 1
 - b. Subponto que explica ou ilumina o subponto 1
 2. Subponto que explica ou ilumina o primeiro ponto

B. Segundo Ponto
II Título Principal 2

Para mim, esse tipo de estrutura de tópicos é tão familiar que posso acompanhar rapidamente os principais pontos, afastando-me das notas e retorná-las rapidamente e sem problemas, encontrando exatamente onde preciso estar. Você pode achar que outro esquema ou esboço se encaixa melhor, e tudo bem. O ponto é: encontre o que funciona para você e use-o.

EXEMPLO DE SERMÃO

Antes de continuarmos a organizar o nosso sermão, vamos acertar o título. Não há um tempo no processo melhor do que qualquer outro, então vamos fazê-lo agora. Como uma atualização, segue os destaques de nossa seção acerca de títulos:

O título deve conter a promessa do sermão, simplesmente declarado.

- Evite ser excessivamente gracioso em seus títulos.
- Examine seu título em busca de significado não intencional.
- O título é cativante? É claro? É breve? É apropriado? Finalmente, é relevante?

Para começar, voltemos à nossa declaração de propósito para determinar a “promessa do sermão”. Aqui está: “Meu propósito é mostrar que, mesmo quando não temos certeza do que Deus fará, se agirmos de acordo com qualquer fé que temos, em vez de nos rendermos à nossa dúvida, Deus responderá à nossa necessidade.” A promessa do sermão é incentivar aqueles que lutam com a dúvida, apontando que Deus ainda responderá mesmo quando nossa fé é fraca. Ao pensar nisso, percebo que a palavra cativante em minha declaração de propósito é “dúvida”, não “fé”. Ouvimos muitos sermões acerca de fé, mas poucos acerca de dúvida; além disso, aliviar a ansiedade que quase todos nós temos com a nossa dúvida é a promessa do sermão.

Ao reunir minhas matérias, me deparei com um sermão que preparei quando estava pastoreando na área de St. Louis, que é semelhante ao sermão que estamos construindo agora. Ele se concentra no fato de que, como resposta a uma solicitação, um *talvez* seja sempre melhor que um *não*. Chamei esse sermão de “Tirando Vantagem De Uma Dúvida”. Gosto desse sermão e título e certamente utilizarei partes do sermão, mas acho que podemos fazer melhor no título.

Parece-me que quero lançar este sermão como resposta a uma pergunta; a saber, que efeito a presença de dúvida tem em receber os milagres de Deus? Então, por que não colocar o título como a pergunta que estamos respondendo? Não queremos enfatizar muito o assunto, e o título “Que Efeito Tem A Presença Da Dúvida No Recebimento De Milagres De Deus?” Com treze palavras é muito longo, então vamos simplificá-lo e encurtá-lo. Ao mesmo tempo, se pudermos torná-lo um pouco mais dramático, um pouco mais cativante, faremos isso também. Uma maneira é usar ritmo e cadência. Isso é feito usando palavras repetidas ou sons de palavras. Vamos nos perguntar: o que rima com dúvida? Buda... atrevida... muda... Ah! Lá está. Vamos usar “Muda Da Dúvida?” Ele faz a pergunta que queremos responder, não é excessivamente graciosa, sem significado não intencional, é atraente, clara, breve, adequada e relevante. Tem um pouco de ritmo e usa paraquese (a repetição dos sons das palavras). Eu gosto disso.

Agora que escolhemos um título para o nosso sermão, vamos acertar acerca do texto. Vamos usar a história dos quatro leprosos: esta é a nossa segunda história de maior impacto e pretendo a colocar entre

os nossos pontos no corpo do sermão. Poderíamos usar a história do pai que trouxe seu filho a Jesus, o que normalmente faríamos porque é o mais impactante, mas, como mencionei anteriormente, tenho algo especial em mente para essa história, por isso não quero diminuir seu impacto "enunciando-o" cedo demais, que usando-o como o texto faria. Então, leremos II Reis 7:3-5 como nosso texto:

“Quatro homens leprosos estavam à entrada da porta, os quais disseram uns aos outros: Para que estaremos nós aqui sentados até morrermos?

Se dissermos: entremos na cidade, há fome na cidade, e morreremos lá; se ficarmos sentados aqui, também morreremos. Vamos, pois, agora, e demos conosco no arraial dos siros; se nos deixarem viver, viveremos; se nos matarem, tão-somente morreremos.

Levantaram-se ao anoitecer para se dirigirem ao arraial dos siros; e, tendo chegado à entrada do arraial, eis que não havia lá ninguém.”

Temos o nosso texto e título, agora começaremos a construir a introdução. Como você se lembra, essa é uma parte crucial do sermão. Você deve começar certo, ou você lutará para sempre. Reuni algumas matérias acerca da dúvida: por que somos tão propensos a isso, por que isso faz parte da experiência humana. Meus parágrafos de abertura seriam mais ou menos assim:

Vivemos em uma era de dúvida. Nossos filhos são ensinados na escola, como fomos ensinados, o método científico: o de duvidar e questionar tudo.

Isso tem levado ao enfraquecimento da fé talvez como nenhuma outra coisa em nossa história fez. A chamada Ética da Situação, o ensino de que não há certo ou errado, mas apenas a areia movediça da situação, deixa todos nós em dúvida. Realmente importa como eu vivo? Importa se eu sou honesto, se sou justo, se sou gentil, se sou compassivo? Alguma coisa no comportamento humano realmente importa? Se mentir, roubar, até assassinar pode ser justificado pela situação, onde está o terreno sólido em que eu posso me apoiar?

A elevação da evolução social quase ao status religioso, a rejeição dos padrões morais cristãos tradicionais, a aceitação do aborto, a transmissão constante da promiscuidade e homossexualidade como não apenas aceitável, mas celebrado como estilo de vida, minaram a crença na Bíblia como a Palavra de Deus infalível. Temos relegado a Bíblia a uma coleção de ditos, mitos e regras obsoletas. E, desde que nos libertamos da Bíblia, não sabemos nada acerca de Deus, nem mesmo se Ele existe. E como não O conhecemos, não nos conhecemos mais a nós mesmos.

A dúvida, não apenas está arraigada na cultura moderna, mas é da natureza humana duvidar. Estamos presos em nossos cinco sentidos, prisioneiros de nossa compreensão incompleta. Oramos e às vezes não são curados, o milagre não acontece, os entes queridos não vem a Deus. Ninguém presente aqui não tem lutado com dúvidas. É a nossa natureza.

Hoje não vou tentar tirar você de suas dúvidas. Eu acho que poderia, pelo menos por um tempo.

Eu poderia falar com você acerca da imagem Bíblica de um Deus atencioso:

I Pedro 5:7 *“Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.”*

Efésios 3:20 "Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós"

João 14:14 "Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei."

Eu poderia falar com você acerca dos milagres que testemunhei. (Aqui você deve inserir breves relatos de duas ou três curas, libertações ou outros eventos milagrosos que você testemunhou ou experienciou.) Mas acredito que, mesmo que eu pudesse tirar suas dúvidas, elas voltariam amanhã, ou no dia seguinte, sentar-se-iam no seu ombro e sussurrariam no seu ouvido: "Acredito que Ele fez isso para eles, mas não fará isso para você. Ele fez isso no passado, mas não agora. Ele fez lá, mas não aqui."

Então, aqui está o que eu vou fazer. Eu vou pedir para você agir de acordo com suas dúvidas. Mesmo que você não tenha certeza de que existe um Deus; se em sua mente Ele é apenas um talvez, então aja sobre aquele talvez. Se, em sua mente, as bênçãos de Deus são apenas uma possibilidade, aja de acordo com essa possibilidade. Se, em seu pensamento, você tem apenas uma pequena chance de ser salvo, aja de acordo. Estou pregando com a premissa de que um passo duvidoso em *direção* a Deus é melhor do que o passo mais certo para *longe* Dele.

Eu gosto disso! Mas poderíamos melhorar. Eu acho que me livraria dos dois primeiros parágrafos. Eles são bons, e eu certamente os salvarei para o futuro, mas eles podem ser uma distração aqui. Sua introdução deve ser nítida com o mínimo de pensamentos competitivos possível: você não quer que a mente de seus ouvintes fique vacilante enquanto eles tentam processar várias ideias impressionantes ao mesmo tempo. Além disso, não quero culpar outra pessoa por nossa propensão a duvidar, quero manter o foco onde ele pertence: em nós. Então, pulando o comentário social, passo imediatamente para a nossa própria tendência a duvidar. Como eliminei dois parágrafos, tenho tempo para detalhar o parágrafo três, tornando-o mais claro e melhor. Começo minha introdução como segue:

É da natureza humana duvidar. Estamos presos em nossos cinco sentidos, prisioneiros de nosso entendimento incompleto; e porque sabemos que há muito que não vemos, tanto que não ouvimos, passamos a duvidar do que sabemos e nos tornamos menos seguros. Nossas experiências também roubam nossa confiança: oramos e às vezes não são curados, o milagre não acontece, o ente querido não vem a Deus. Não há ninguém aqui que seja tão espiritual que não tenha lutado com a dúvida. É nossa natureza duvidar...

Há duas outras coisas que quero fazer na minha introdução. Primeiro, quero incluir a pergunta que estamos planejando responder: Que efeito a presença de dúvida tem no recebimento do miraculoso de Deus? Segundo, quero aumentar o impacto da introdução. Já tem muito, mas pode fazer com mais. Quais são seus pontos altos emocionais até agora? A primeira é a afirmação: "Ninguém aqui é tão espiritual que não lutou com a dúvida." Isso tem impacto porque é verdade, mas raramente se fala. Também cria uma sensação de união. Isso fará com que alguns ouvintes pensem: "Eu não estou sozinho". Alguns balançam a cabeça sim e fazem contato visual com outras pessoas na sala. Esta declaração os atrairá para o sermão. A segunda é uma declaração poderosa que sugere a resposta à nossa pergunta: "Estou pregando com a premissa de que um passo duvidoso *em direção* a Deus é melhor do que um passo mais certo para *longe* Dele". Dê um momento para isso entrar na mente dos ouvintes; você gostará do resultado.

Agora, aumentaremos ainda mais o impacto emocional por introduzir a criança possuída por demônios e seu pai desesperado. Quase sempre, você salva o ponto mais impactante de um sermão para usar como ponto final. Por que, então, usar o pai e o filho possuído por demônios na introdução, em vez

de mais tarde? Há algumas razões. Uma é por causa de um texto impressionante dentro dessa história que sublinha e introduz efetivamente o tema do sermão. Esse texto é o grito honesto do pai: “Eu creio, ajuda a minha incredulidade!” Essa admissão da realidade de que a fé é muitas vezes (se não geralmente) misturada com a dúvida não apenas descreve nossa própria realidade quando se trata de fé e dúvida, mas configura perfeitamente nosso sermão.

Segundo, esta história também inclui um versículo das Escrituras que já identificamos como enfatizando o papel da fé no miraculoso. Este versículo é Marcos 9:23: “*Ao que lhe respondeu Jesus: Se podes! Tudo é possível ao que crê.*” Não queremos deixar a impressão de que estamos pregando que a fé não é importante, uma posição obviamente não-bíblica, então é melhor deixar isso claro logo no início da mensagem. Este texto fará isso. Finalmente, a história pode ser facilmente dividida em duas partes, diminuindo seu impacto inicial, mas melhorando seu efeito emocional posterior. Descreveremos rapidamente a história do pai apelando a Jesus depois que os discípulos falharam em ajudá-lo: Jesus diz a ele em termos bem certos que seu milagre depende de sua fé, e ele responde com sua descrição de sua mistura de fé/dúvida, e paramos por aí, apontando que somos como o pai mais frequentemente do que não. Mais tarde, no início de nosso encerramento, mostraremos que Jesus não se ofendeu com a presença da dúvida, nem com a admissão honesta dela: de fato, o menino foi curado apesar da dúvida do pai. Ele fará o mesmo para nós. O poder de dividir a história é que o corpo do sermão acumulará evidências sobre evidências de que Deus responde até aos mais fracos da fé, em face da própria dúvida, até que a verdade seja inevitável. Então, depois de toda aquela evidência, o ouvinte é trazido de volta à primeira história que ouviu, a história com a qual imediatamente se identificou: “Sim, eu *sou* como aquele pai!” E mostra que essa história também é prova de que Deus escolhe responder à nossa fé e ignorar a nossa dúvida.

Então, reunindo isso, criamos nosso título, texto e introdução: II Reis 7:3-5

Muda Da Dúvida!

“Quatro homens leprosos estavam à entrada da porta, os quais disseram uns aos outros: Para que estaremos nós aqui sentados até morrermos?

Se dissermos: entremos na cidade, há fome na cidade, e morreremos lá; se ficarmos sentados aqui, também morreremos. Vamos, pois, agora, e demos conosco no arraial dos siros; se nos deixarem viver, viveremos; se nos matarem, tão-somente morreremos.

Levantaram-se ao anoitecer para se dirigirem ao arraial dos siros; e, tendo chegado à entrada do arraial, eis que não havia lá ninguém.”

I. Introdução

É da natureza humana duvidar. Estamos presos em nossos cinco sentidos, prisioneiros de nossa compreensão incompleta; e porque sabemos que há muito que não vemos, tanto que não ouvimos, passamos a duvidar do que sabemos e nos tornamos menos seguros. Nossas experiências também nos roubam nossa confiança: oramos e às vezes não somos curados, o milagre não acontece, o ente querido não vem a Deus. Não há ninguém aqui que seja tão espiritual que não tenha lutado com dúvida. É nossa natureza duvidar.

De fato, se formos honestos, somos, na maioria das vezes, como o pai que levou seu filho a Jesus para ser curado em Marcos 9. Um demônio possuiu o menino, jogando-o no fogo e na água, tentando destruir a criança. Os discípulos de Jesus não puderam ajudar, e agora, desesperado, o pai vem ao próprio

Jesus, o Mestre é sua última esperança. Ele relata a história do tormento de seu filho, e Jesus lhe diz: *“Ao que lhe respondeu Jesus: Se podes! Tudo é possível ao que crê.”* Não quero que você entenda mal o que estou dizendo neste sermão: fé é a moeda do reino dos céus, é preciso fé para receber de Deus; de fato, sem fé é impossível agradar a Deus. Mas vamos ser honestos, como era esse pai quando Jesus o lembrou da necessidade de fé, a Bíblia diz: E logo o pai da criança gritou e disse com lágrimas: *“Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!”* Isto é nós! Raramente temos aquela fé certa que bane toda dúvida. Na maioria das vezes, como esse pai, acreditamos o suficiente para pedir ajuda a Deus, mas a dúvida espreita em nosso coração, ponderando se Ele nos ajudará.

Precisamos resolver a questão, que tal a dúvida? A dúvida nos desqualifica de receber de Deus?

Neste sermão, não vou tentar convencer você de largar suas dúvidas. Eu acho que poderia, pelo menos por um tempo. Eu poderia falar com você acerca da figura Bíblica de um Deus atencioso:

I Pedro 5:7 *“Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.”*

Efésios 3:20 *“Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós”*

João 14:14 *“Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.”*

Eu poderia falar com você acerca dos milagres que testemunhei. Na minha própria família, há pouco mais de um ano, vimos o miraculoso. Minha esposa foi ao médico para fazer exames de rotina, sem problemas, apenas tempo para fazê-los. Dentro de alguns dias ela recebeu um cartão postal e um telefonema: “Sra. Jones, por favor, marque uma consulta no hospital para mais testes, descobrimos algo com o que estamos preocupados.” Eles lhe contaram que uma massa havia sido detectada, o tamanho dela, e a localização exata dela. Eu confesso, Deus e eu tivemos uma conversa coração a coração. Estávamos com medo, sabendo o que isso poderia significar e isso se refletiu em nossas orações. O meu era: “Deus, eu não aceito isso! O Senhor disse que nunca colocaria mais sobre nós do que poderíamos suportar. Bem, não podemos suportar isso!” Admito, minha fé não era tão forte.

Jamais esquecerei de deixar minha esposa na porta do hospital, de estacionar o carro e de andar sob uma chuva fria para me juntar a ela, ou de ficar sentado com minha esposa na sala de espera pelo que pareciam horas. Então, quando ela foi chamada para os fundos, parecia que um século se passou, antes que ela emergisse, sorrindo. “Vamos para o corredor”, disse ela, e eu a segui. Quando entramos no corredor, ela disse: “Bem, eles fizeram todas as coisas que precisavam fazer e depois me contaram: ‘Sra. Jones, vá para casa e esqueça tudo, o que quer que estivesse lá, simplesmente não está mais lá!’” Nosso Deus é um operador de milagres! Ele curará, salvará, livrará; e Ele fará isso por você!

Mas creio que, mesmo que eu pudesse convencer você de largar suas dúvidas, elas voltariam amanhã, ou no dia seguinte, sentar-se-iam no seu ombro e sussurrariam no seu ouvido: “Acredito que Ele fez isso para outros, mas Ele não o fará para você. Ele fez isso no passado, mas não agora. Ele fez lá, mas não aqui.

Então, o que vou fazer, exorto você a agir de acordo com suas dúvidas. Mesmo que você não tenha certeza de que existe um Deus; se em sua mente Ele é apenas um talvez, então aja sobre isso talvez. Se em sua mente as bênçãos de Deus são apenas uma possibilidade, aja de acordo com essa possibilidade. Se, em seu pensamento, você tem apenas uma pequena chance de ser salvo, aja de acordo. Estou pregando

com a premissa de que um passo duvidoso em direção a Deus é melhor do que o passo mais certo para longe Dele.

A Bíblia está cheia de exemplos dessa verdade; de fato, o desafio não era encontrar ilustrações, era escolher entre muitas. Que tal Ester?

Agora, para o desenvolvimento do corpo. Depois que a introdução chamar sua atenção, você deve inserir os três pontos na ordem do efeito emocional. Sinto que essa ordem seria Ester, Nínive e os quatro leprosos. Vamos esboçar nossos pontos. Certamente, se você quiser escrever o sermão inteiro, palavra por palavra, siga em frente. O corpo ficará assim:

II. Ester

- A. A conspiração de Hamã para destruir Mordecai e todos os Judeus
- B. Mordecai envia uma mensagem para Ester: Você deve ir diante do rei.
- C. Ester envia uma mensagem de volta:
 - 1. Eu não sei; é ilegal entrar na sala do trono sem ser convidado.
 - 2. Se o rei não gostar, eu posso ser morta.
- D. Mordecai responde: se você não fizer nada, duas coisas são certas.
 - 1. Todos os Judeus morrerão.
 - 2. Você é Judia.
 - 3. Se você for ao rei, poderá morrer, se não, morrerá.
- E. Resposta de Ester: *“Depois, irei ter com o rei, ainda que é contra a lei; se perecer, pereci.”*
- F. Ela entrou e o rei não se irou.
 - 1. Ele ergueu o cetro de ouro.
 - 2. *“Que é o que tens, rainha Ester, ou qual é a tua petição? Até metade do reino se te dará.”*
- G. Nosso rei nos espera. Talvez você não tenha certeza, mas vá a Ele de qualquer maneira!

III. Nínive

- A. *“Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida!”*
 - 1. Jonas não se importou. Na verdade, ele queria que eles fossem punidos.
 - 2. Não há nenhum registro que eles tenham ouvido de seu pregador acerca de qualquer esperança.
 - a. Jonas nunca mencionou arrependimento
 - b. Jonas nunca mencionou misericórdia
- B. Eles agiram com sua dúvida: Jonas 3:6-9 *“Chegou esta notícia ao rei de Nínive; ele levantou-se do seu trono, tirou de si as vestes reais, cobriu-se de pano de saco e assentou-se sobre cinza. E fez-se proclamar e divulgar em Nínive: Por mandado do rei e seus grandes, nem homens, nem animais, nem bois, nem ovelhas provem coisa alguma, nem os levem ao pasto, nem bebam água; mas sejam cobertos de pano de saco, tanto os homens como os animais, e clamarão fortemente a Deus; e se converterão, cada um do seu mau caminho e da violência que há nas suas mãos. Quem sabe se voltará Deus, e se arrependerá, e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos?”*
 - 1. Jonas construiu sua igreja com capacidade para uma pessoa e esperou julgamento.
 - 2. Mas Deus ouviu o arrependimento deles, mesmo que eles não tivessem certeza que Ele os perdoaria.

IV. Os Leprosos

- A. Sempre fiquei impressionado com a lógica desses homens.

1. Presos entre a cidade de Samaria, sitiada e moribunda, e os Sírios implacáveis e impiedosos, eles revisaram suas escolhas.
 2. Eles só sabiam duas coisas que eram certas.
 - a. Se formos para a cidade, morreremos.
 - b. Se ficarmos aqui no portão, também morreremos.
 3. Apenas uma coisa que era incerta
 - a. Se formos para os Sírios, eles podem nos matar.
 - b. Ou eles podem não nos matar.
- B. Eles escolheram a única esperança real, apesar de duvidarem do resultado.
1. Eles *“Levantaram-se ao anoitecer para se dirigirem ao arraial dos siros...”*
 2. *“... tendo chegado à entrada do arraial, eis que não havia lá ninguém.”*
- C. Foi assim que quatro leprosos famintos comeram a comida do rei, vestiram suas vestes e libertaram uma cidade moribunda.

Agora queremos acertar nosso encerramento. A emoção será alta no final da história dos leprosos. As pessoas estão começando a entender o ponto, e para muitos será uma revelação. Eles estarão prontos para levar sua fé a Deus, confiando na verdade que você acabou de pregar que a dúvida deles não os desqualifica de receberem de Deus. Por esse motivo, o encerramento não deve ser longo, mas deve manter o impacto do corpo do sermão e levar as pessoas a responder.

Segue o que eu faria:

V. Encerramento

- A. Deus não é insultado quando chegamos a Ele incertos, até duvidosos.
1. Quando aquele pai desesperado exclamou, *“Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé.”*
 - a. Jesus não o mandou embora.
 - b. Jesus não disse: "Não posso ajudá-lo".
 - c. O que Ele fez foi libertar aquele garoto, responder à oração do pai.
 - d. Ele fará o mesmo para você!
 2. Quando aquele leproso veio timidamente a Jesus e o chamou: *“Senhor, se quiseres, podes purificar-me”*.
 - a. O que ele estava dizendo é: "Eu creio que o Senhor possa, mas não sei se o Senhor fará".
 - b. Jesus não foi insultado, desligado ou irado.
 - c. *“E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra.”*
 3. Quando o filho pródigo acordou no chiqueiro ele decidiu ir para casa.
 - a. Ele não sabia a recepção que receberia.
 - b. *“... já não sou digno de ser chamado teu filho...”*
 - c. *“... trata-me como um dos teus trabalhadores.”*
 - d. Mas o Pai correu para encontrá-lo e o recebeu em casa.
- B. Por que você não vem a Ele?
1. Ele está vindo para conhecê-lo.
 2. Não deixe que a dúvida lhe roube o que Deus quer fazer por você. Venha agora!

Um comentário final. Neste encerramento, o detalhe não é seu amigo; não diminua o ritmo para definir nenhuma cena, explicar quem são qualquer um desses personagens, como eles entraram em suas situações desagradáveis ou quais são seus processos de pensamento. Se a congregação suspeitar que você tem mais três pontos, ela pode se desligar do restante. Crie as cenas com apenas algumas palavras, mas

use palavras poderosas, mova-se rapidamente para o prídigo e seu pai na estrada e, em seguida, faça o apelo para o altar.

Fontes Citadas No Capítulo 9

Roger Ailes and Jon Kraushar, *You Are the Message: Secrets of the Master Communicators* (New York: Bantam Doubleday Dell, 1989).

Donald E. Demaray, *An Introduction to Homiletics* (Grand Rapids: Baker, 1974).

Clovis Chappell, “The Woman of the Shattered Romances,” in *Sermons on Biblical Characters* (Garden City, NY: Doubleday Doran, 1928).

John Hersey, *Hiroshima* (New York: Alfred A. Knopf, 1946).

Jerry Jones, “Knowing Where to Run,” in *Amnon Had a Friend and Other Sermons* (Hazelwood, MO: Word Aflame, 2006).

Arthur John Gossip, “What Christ Does for a Soul,” in *From the Edge of the Crowd* (Edinburgh: T.&T. Clark, 1924).

V. A. Guidroz, “The Death March” a description of the sermon and the introduction can be found at <https://www.pentecostalherald.com/articles/article/old-sermons-still-live-preaching-vily-able-guidroz>.

F.W. Boreham, “Breaking the News” and “A Tangled Skein” in *Wisps of Wildfire* (London: Epworth Press, 1924).

Rick Warren, “The Purpose-Driven Title,” in Haddon Robinson and Craig Brian Larson, eds., *The Art and Craft of Biblical Preaching* (Grand Rapids: Zondervan, 2005).

Jonathan Edwards, “Sinners in the Hands of an Angry God” is available from several online sources. I referenced <http://www.jonathan-edwards.org/Sinners.html>.

Charles H. Spurgeon, “The Stone Rolled Away,” in *Twelve Sermons on the Resurrection* (Grand Rapids: Baker, 1968).

Clovis Chappell, “A Good Man’s Hell,” in *Sermons On Biblical Characters* (Garden City, NY: Doubleday Doran, 1928).

Stanley Chambers, “Can the United Pentecostal Church Survive the Onslaught of History?” was preached at the General Conference of the United Pentecostal Church International in 1967.

Ian Pitt-Watson, “Lifeblood of Preaching,” in Haddon Robinson and Craig Brian Larson, eds., *The Art and Craft of Biblical Preaching* (Grand Rapids: Zondervan, 2005).

Parte Quatro

No Púlpito: Apresentação

O orador convence por meio de seus ouvintes, quando eles são despertados para emoção por seu discurso; pois os julgamentos que proferimos não são os mesmos quando somos influenciados por alegria ou tristeza, amor ou ódio.

Aristóteles

Venha para esse mesmo campo de pregação, o de falar em público. Lembre-se da urgência verdadeiramente terrível que recaiu sobre o Sr. Winston Churchill em junho de 1940. Uma invasão iminente, a qual ninguém sabia, mas todos podiam temer, colocou sobre ele a necessidade de desempenhar o papel de um Atlas, de entrar de baixo da nação toda e literalmente elevá-la a um novo nível de fortaleza, fé e vontade de perseverar... Em grande parte, o Sr. Churchill poderia trazer o que a urgência da crise exigia - a excelente técnica de um homem que havia trabalhado a vida toda com palavras. Os Nazistas haviam conversado muito acerca de armas secretas, mas a Inglaterra tinha duas armas secretas que os Nazistas não conheciam. Um deles era Gibbon. O outro era Macaulay. Sr. Churchill tinha aprendido o estilo de artesão com palavras e frases de ambos deles. Quando ele era um jovem oficial do exército na Índia, dedicou longas horas a esses dois autores favoritos. Eles ajudaram a dar um ritmo ao seu discurso, que de maneira real correspondia ao ritmo do pulso nos corpos dos homens... Quando os Britânicos chegaram "à sua melhor hora", eles responderam a uma técnica adequada à urgência. Qualquer um poderia ter gritado: "Sejamos corajosos". Era o artesão que gravou uma imagem inesquecível na mente de milhões, a imagem de um exército defensor cedendo espaço, mas nunca desistindo: "Vamos defender nossa ilha, seja qual for o custo pode ser, lutaremos nos locais de desembarque, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nas colinas; nunca nos renderemos." Foi o artesão que levantou uma nação e a colocou de pé.

Halford E. Luccock

Você dedicou sua vida a Deus, se dedicou a estudar, tem procurado orientação, encontrou um "pensamento", estudou sua passagem das Escrituras, reuniu suas matérias, escolheu suas ilustrações, calculou o impacto de cada ponto, preparou suas anotações. Agora, é hora de pregar.

10

Obtendo E Mantendo Atenção

Eu tenho devotado minha vida a responder a uma pergunta: Por que alguns podem pregar por uma hora e parece que são cinco minutos, enquanto outros pregam por apenas cinco minutos e isso parece uma hora?

Haddon Robinson

De fato, o orador é a personificação das paixões da multidão. Antes que ele possa inspirá-los com qualquer emoção, ele mesmo deve ser influenciado por ela mesma. Quando ele despertou a indignação deles, seu coração se enche de raiva. Antes que ele possa mover as lágrimas, as dele devem fluir. Para convencê-los, ele deve crer.

Winston Churchill

No último capítulo deste livro, discutirei o papel da unção no púlpito. Espero que você leia com atenção e oração. Sem a unção, pregar é apenas falar em público, e mesmo o melhor discurso em público, embora possa inspirar seus ouvintes a agir, carece do poder sobrenatural necessário para transformar a vida das pessoas. Sempre, sempre busque a unção.

Mas também é verdade que a unção pode ser dificultada pela má preparação e má apresentação. Esperançosamente, os três últimos capítulos ajudaram a garantir que você esteja bem preparado quando ficar por traz do púlpito. Mas não importa quão firmemente baseado na Bíblia, quão bem estruturado e ilustrado, se o seu sermão não for apresentado de maneira eficaz, ele falhará em realizar tudo o que deveria. Existem habilidades que podem ser aprendidas que capturam a atenção de sua congregação e as mantêm engajadas em seu sermão, abrindo seus corações ao sobrenatural. A falta dessas habilidades pode dificultar a obra da Palavra e do Espírito, distraindo ou deixando de capturar a atenção da congregação em primeiro lugar. Neste capítulo, discutiremos algumas dessas habilidades.

No mínimo, sua apresentação deve minimizar as distrações que desviarão a atenção do ouvinte do sermão. Palavras mal pronunciadas, expressões exageradas, gestos de palhaço, sintaxe complicada, repetição de frases e vestimentas inadequadas podem impedir que a mensagem atinja o coração de seus ouvintes. Você provavelmente já ouviu as histórias de jovens na congregação contando o número de

vezes que o pregador disse “Amém!” Ou “Aleluia!” Se eles estão fazendo isso, provavelmente não estão ouvindo o que mais você está dizendo.

Mostra e Conta

Primeiro, discutiremos os aspectos não verbais ou silenciosos da sua apresentação. Estes incluem maneirismos, expressões faciais e linguagem corporal. Se planejados e executados deliberadamente, ou vindo sem pensamento ou mesmo ciente do seu subconsciente, eles podem ser tão importantes quanto a palavra falada na pregação eficaz de um sermão e, portanto, merecem atenção.

Maneirismos são as maneiras muitas vezes inconscientes pelas quais você se move, responde ou se comporta habitualmente. São as idiossincrasias que identificam você como você mesmo: a maneira como você anda, uma certa inclinação de sua cabeça quando você está em uma profunda reflexão, a maneira como você move suas mãos quando fala. Todas estas podem ajudar na comunicação de sua mensagem ou em uma distração que afasta dela.

Expressões faciais são emoções, reações e mensagens silenciosas enviadas aos seus ouvintes pelas expressões que se movem pelo seu rosto enquanto prega. Se sua mensagem transmitir a necessidade de uma ação urgente, mas seu rosto permanecer calmo e sem emoção, o efeito será arruinado. Um sorriso fixo ao pregar acerca dos sofrimentos de Jesus na cruz ou o terrível custo do pecado enviará mensagens conflitantes e confusas, e sua congregação será indiferente. A citação de Churchill no início deste capítulo é verdadeira: você deve sentir as emoções que deseja inspirar naqueles que lhe ouvem. Mas apenas senti-los não é suficiente, você deve mostrar que os sente e a expressão em seu rosto é a melhor maneira para fazer isso.

A *linguagem corporal* é tudo, desde sua postura, seus gestos, se você está nervoso ou relaxado, confiante ou inseguro. Sua linguagem corporal pode ser uma ferramenta poderosa para dar vida as histórias e ajudar a capturar a atenção da sua congregação; da mesma forma, a linguagem corporal fora de sincronia, rígida ou nervosa é uma distração mortal.

Esses três comunicadores silenciosos são incrivelmente importantes se você deseja melhorar sua pregação. John Broadus nos lembra que, "Em muitos casos, um gesto é muito mais expressivo do que qualquer número de palavras". Para ilustrar, ele cita Herbert Spencer:

Como verdadeiramente a linguagem deve ser vista como um obstáculo ao pensamento, embora seja o instrumento necessário dela, perceberemos claramente ao lembrar a força comparativa com a qual ideias simples são comunicadas por sinais. Dizer "Saia da sala" é menos expressivo do que apontar para a porta. Colocar um dedo nos lábios é mais forçoso do que sussurrar: "Não fale." Um gesto com a mão é melhor que "Venha aqui". Nenhuma frase pode transmitir a ideia de surpresa tão vividamente como abrir os olhos e levantar as sobrancelhas. Um encolher de ombros perderia muito traduzindo em palavras.

Quando você reconhece o poder dos maneirismos, expressão facial e linguagem corporal para falar quando nenhuma palavra está sendo dita, é claro que reunir esses três métodos de comunicação no púlpito em harmonia multiplica o poder de cada um deles. Sobre isso, Broadus cita Robert Louis Dabney:

Quem é dono dessa linguagem de sinais tem, de fato, um poder quase mágico. Quando o orador pode combiná-lo com a linguagem falada, ele adquire, assim, uma vivacidade excedente de expressão. Não apenas sua boca, mas seus olhos, suas feições, seus dedos falam. Os ouvintes leem o sentimento

vindouro em seu semblante e membros quase antes que sua voz chegue aos seus ouvidos: eles são tanto espectadores e ouvintes; todo sentido é absorvido pela atenção encantada.

Para poder começar a usar os comunicadores silenciosos a seu favor, primeiro você deve eliminar as distrações que eles podem causar. Assista ao vídeo do seu último sermão ou, se não houver um disponível, faça um vídeo de você mesmo pregando. Estude esse vídeo. O que você está procurando não são os destaques, mas os pontos baixos (sempre existem alguns e às vezes muitos). Não se distraia admirando seu grande sermão. O que você diz não é importante para o que estamos fazendo; como você diz que é o que estamos buscando. Se for necessário, abaixe o som. Observe-se atentamente enquanto tenta imaginar que a imagem na tela não é você. Você está procurando primeiro maneirismos: hábitos, peculiaridades, tiques; qualquer coisa que distraia a congregação. Seja honesto consigo mesmo, você poderia passar a maior parte de uma hora assistindo e ouvindo essa pessoa pregar e realmente ouvir o que ela tem a dizer? Ou sua atenção seria atraída para algo que ele ou ela está fazendo que simplesmente não permitirá que você se concentre no sermão?

Em seguida, observe as expressões faciais da pessoa na tela. Pergunte a si mesmo, eles parecem em pânico? Severo? Bravo? Assustado? Decida qual é a única coisa acima de todas as outras veiculadas pelo rosto do pregador na tela. Escreva essa coisa, pense acerca disso e pergunte a si mesmo: é isso que eu quero comunicar à congregação?

Finalmente, analise a linguagem corporal do pregador que você está assistindo. Mais uma vez, decide a impressão que você recebe da maneira como o pregador se move, gesticula, caminha e adora. O pregador está confortável em frente à congregação? Seus movimentos são naturais, ou obviamente praticados e forçados? Ele é rígido, formal, aparentemente com medo de se mover, inseguro de si mesmo? O pregador faz contato visual consistente com a congregação? Os olhos dele se movem de pessoa para pessoa, em toda a congregação, sem ser inconstantes, mas encontrando os olhos deles, convidando-os como indivíduos a ouvir?

Se você for corajoso e autoconfiante o suficiente, peça a alguém em quem confie para assistir ao mesmo vídeo e seguir o mesmo processo: procure primeiro por maneirismos distrativos, depois, expressões faciais e, finalmente, linguagem corporal. Peça-lhe para registrar suas impressões e compartilhá-las com você. Se você fizer isso, não poderá ser facilmente ofendido ou defensivo. Não explica, discute ou justifica qualquer coisa, apenas escuta com atenção e incentiva seu crítico a ser brutalmente honesto. A ideia deste exercício é comparar o que alguém viu com o que você viu, a fim de ajudar a identificar problemas em potencial e, finalmente, ajudá-lo a ser um pregador melhor. Nada que ele vê é permanente, nada que ele menciona significa que você não é um pregador, nada será exclusivamente de você. Todos serão problemas comuns a quase todos os pregadores. Não se esqueça de agradecer sinceramente a quem quer que seja que fez a análise, você deve muito a ele.

Comece a trabalhar nos principais problemas que você identificou estudando o vídeo. Quando você superar o único problema principal em cada área estudada, faça o processo novamente e comece a trabalhar na próxima questão que você identificar. Lembre-se de que apenas as questões mais notórias exigem esforço frenético e emergencial. Pregar é um trabalho vitalício; você nunca será perfeito, apenas se compromete com a melhoria constante.

Pregação Poderosa

Nunca perca de vista o fato de que, embora este capítulo seja intitulado "Obtendo e Mantendo Atenção", a atenção da congregação não é, por si só, o objetivo final. A atenção é um meio para o fim real, e esse fim é criar um ambiente, através da Palavra pregada, para que o poder de Deus se mova, que as pessoas respondem e que recebem o que precisam de Deus. Phillips Brooks lista cinco características ou elementos que são a fonte de poder na pregação. Todos eles, exceto o primeiro, têm a ver com a forma como os pregadores se comportam enquanto estão no púlpito. Eles são os seguintes:

1. Caráter
2. Livre do constrangimento
3. Prazer do trabalho
4. Gravidade (solene)
5. Coragem

Já consideramos o caráter do pregador em detalhes nos capítulos anteriores, portanto deve ser suficiente aqui dizer que você deve ser real para que possa projetar sinceridade genuína ao entrar no púlpito e durante o sermão. É devastador para o sermão se houver falta de sinceridade, porque você não é quem você finge ser. Você não precisa ser perfeito, mas deve ser real. Vamos olhar para os outros quatro.

O número dois é *livre de constrangimento*. Isso não é fácil. Quando você pisa no púlpito, não deve estar pensando em si mesmo e no que as pessoas podem pensar da sua pregação. Preocupação consigo mesmo leva ao nervosismo, timidez e até medo do palco. Nunca pregue pensando em como impressionar seus ouvintes; esse não é o seu propósito. Não pregue para criar um nome para si mesmo, promover sua carreira ou obter mais convites para pregar. É claro que, para o bem ou para o mal, todas essas coisas são afetadas por quão bem você atua no púlpito, mas são subprodutos, não são o seu propósito. Mantenha seu foco. Se não o fizer, está destinado ao fracasso.

Como você bane o constrangimento de sua pregação? Uma maneira é focar nas necessidades daqueles que o ouvirão. Ao participar do culto, observa a congregação, não como um grupo de pessoas, mas como indivíduos. Olha para os rostos deles. Vê-os como seres humanos carentes e feridos que vieram ouvir de Deus. Seu sucesso não é medido por quão bem você faz, mas por quanto você os ajuda. Lembre-se de que é para isso que a Palavra foi projetada e, se for pregada com sinceridade, alcançará seu propósito. Transfere sua atenção de si mesmo para seus ouvintes, e isso fará maravilhas.

Uma segunda maneira de se livrar do constrangimento é se ver como você é: um representante do próprio Deus. No capítulo 2, discutimos que um pregador é um arauto e a pregação é a proclamação de uma mensagem do Rei. Vê a si mesmo como um anunciador de boas novas, um proclamador de uma mensagem que não é sua, mas do trono do próprio Deus. Estas não são suas palavras, são Dele. Vê-O falando através de você. Isso não é auto engrandecimento; quem entrega a mensagem não é importante, a mensagem é o que é importante. Por manter sua mente Naquele que lhe enviou e naqueles a quem foi enviado, você pode se esquecer de si mesmo por tempo suficiente para permitir que Deus se mova poderosamente através de você enquanto prega.

O terceiro ponto de Brooks é *o prazer do trabalho*. As pessoas que gostam do que fazem são melhores nisso do que as que não gostam. Este é um axioma simples que não é mais verdadeiro do que na pregação. Fico surpreso quando às vezes ouço pregadores dizerem que pregar é a parte menos favorita

de seus ministérios. “Adoro ensinar!” Ou “Sou um conselheiro de coração!” Talvez sim, mas acho que todos os pregadores devem aprender a amar a pregar. Deve ser o ponto alto da semana deles. Tudo mais que eles fazem, e há muitas coisas que preenchem os dias de um pastor, devem ficar em segundo plano após a pregação. Aprenda a amá-la, a esperá-la ansiosamente, a deleitar-se nela, e você será mais eficaz no púlpito.

Por que um pregador não adoraria pregar? Não tenho certeza se posso responder a isso. Eu tenho que confessar; eu não queria ser pregador. Eu não era contra, apenas tinha outros planos: queria ser cientista. Eu amei ao Senhor e O servi com todo o meu coração, mas também amava a química e a física. Entre meus maiores heróis estavam Faraday, Edison, Newton e Galileo. Mas quando o chamado de Deus veio a mim, respondi com prazer e, durante quarenta e cinco anos, não me arrependi. Existem aspectos do ministério de que não gosto. Quando eu pastoreei, havia coisas que me pediam para fazer que não eram divertidas. Mas eu sempre amei pregar.

Acho que os diletantes egocêntricos, os pregadores do entretenimento, os agradadores e os artistas deram um nome tão ruim à pregação que alguns não querem se identificar com esse tipo de pregação. Essa falta de vontade leva-os a minimizar o papel que a pregação desempenha em seus ministérios. Eles parecem estar dizendo: “Pregar é meu dever, parte do que é requerido, mas eu não o amo; é muito superficial, muito juvenil para mim. Prefiro o verdadeiro alimento do ministério.” Entendo aquilo. Eu entendo por que você diria isso, mas tenho que lhe dizer que você está errado. Outros podem fazer errado e pelas razões erradas; eles podem explorá-la ou fazer um ego sair dela, mas a pregação ainda é o mais alto chamado de Deus dado à humanidade.

Se você não valoriza a pregação, ou mesmo se simplesmente não deleita-se nela, esses sentimentos serão comunicados de muitas maneiras sutis à congregação. As pessoas seguirão uma liderança forte, vão gostar do que você gosta e aproveitar o que você gosta. Se a pregação é o ponto alto da obra para você, será para eles também. Isso pagará dividendos ricos, não apenas para você, mas para aqueles que aprendem a amar a pregação através de você.

Além disso, se você não gosta de pregar, você teria ficado infeliz na equipe pastoral da Primeira Igreja Pentecostal de Jerusalém em 40 d. C. Eles determinaram “*e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra.*” (Atos 6:4)

Em seguida é *gravidade (solene)*. Em seu livro *A Complete Guide to Sermon Delivery*, Al Fasol declara:

Toda congregação ou audiência precisa saber que o pregador ou orador é (1) uma pessoa competente, uma pessoa “que sabe do que está falando”; (2) uma pessoa íntegra, uma pessoa confiável, não uma manipulador ou exploradora; e (3) uma pessoa de vitalidade, um pregador que comunica um profundo senso de crença em tudo o que é dito. A credibilidade do mensageiro com a congregação é fundamental na pregação.

Como uma congregação sabe essas coisas? Pela maneira como nos comportamos. Bobice, tolíce, superficialidade, tudo isso destrói sua capacidade de pregar efetivamente a Palavra. Não pretendo igualar gravidade (solenidade) com severidade ou indiferença. Você deve ser aberto, amigável e até divertido de ser. O humor no púlpito não é um não-não. Mas você pode ir longe demais e parecer frívolo, tolo ou superficial.

Enquanto vivemos em uma era cada vez mais informal, não esqueça que a dignidade e a decência nunca devem ser sacrificadas por um desejo inadequado de se relacionar. Roupas extravagantes, piadas exageradas e gestos tolos roubam um pregador da gravidade que cria um nível de conforto e confiança na congregação, que é essencial para uma pregação eficaz. Você é um embaixador do Rei dos reis com uma mensagem de Seus lábios, pareça e aja como ela.

Finalmente, Brooks lista a *coragem* como uma fonte de poder na pregação. A coragem de pregar é encontrada na pregação da Palavra de Deus, independentemente de ser popular ou não. Não é encontrado em dureza, arrogância ou ira enquanto você a faz. É encontrado no amor. Amar as pessoas o suficiente para pregar o que elas não querem ouvir exige muita coragem. Você não deve fazê-lo para mostrar sua superioridade imaginada ou simplesmente cumprir seu dever, mas com compaixão tente persuadi-los a escolher um caminho melhor, a se esforçar para agradar a Deus ou a se arrepender e obedecer ao evangelho. Este é o seu chamado mais alto. É preciso coragem para mostrar esse tipo de amor, mesmo correndo o risco de eles deixarem nossas congregações, falarem mal de nós ou rejeitarem a verdade.

Às vezes, não é que as pessoas não querem ouvir as verdades mais exigentes da Bíblia, é porque os valores da sociedade em que vivemos se infiltraram em suas vidas. Eles simplesmente não entendem o que você está falando; e o que é pior, eles parecem nem se importar se conseguem. Em “Turning an Audience into the Church”, Will Willimon descreve as “tentações gêmeas” que essa atitude moderna em relação à pregação oferece aos pregadores: você pode “ceder à mentalidade de seus consumidores” ou cinicamente “pregar sem esperar nenhuma mudança significativa”. No primeiro caso você “evite o controverso, mesmo que seja Bíblico”, e “se esforce para fazer as pessoas se sentirem bem”. No segundo, você apenas cumpre seu dever e acaba pregando sermões impotentes, porque espera que nenhum poder possa mudar quem os ouve.

A verdadeira coragem não permitirá que você caia por nenhuma das duas tentações. A verdadeira coragem demandará que você veja que, mesmo em uma cultura de consumo e de lazer como a nossa, no fundo, as pessoas ainda estão com fome e sofrendo, ainda são carentes e desejam algo real e satisfatório. O evangelho ainda trata desses anseios humanos imutáveis. Willimon descreve um período em que lecionava em período integral na Duke. Durante esse período, ele não estava pastoreando e frequentava uma igreja local:

Um domingo, entrei no santuário da igreja e me sentei ao lado de uma mulher de meia idade. Eu perguntei como ela estava.

"Não tão bem", ela respondeu. "Meu marido foi morto na semana passada."

"O que?", exclamei.

"Um motorista bêbado o matou", continuou ela. "O que torna sua morte tão difícil é que estávamos separados na época."

"Sinto muito."

Chocado, virei-me para cumprimentar um homem mais velho que tinha acabado de se sentar do outro lado de mim. "George, como tem passado?", perguntei.

"Não tenho estado aqui há um mês", respondeu ele.

"Algo está errado?" indaguei.

"Bem, minha mãe morreu", disse ele. "É simplesmente o pior que já aconteceu comigo. Tenho tantas saudades dela."

"Sinto muito por ouvir isso", respondi.

Só então o culto começou, pelo qual fiquei extremamente agradecido.

Desde então, nunca presumi que meus ouvintes não precisam e desejam a comunidade criada pelo evangelho.

Paulo esclareceu em sua despedida à igreja de Efésios que ele havia feito o que Deus havia lhe enviado para fazer na cidade deles. “*Porque nunca deixei (esquivei) de vos anunciar todo o conselho de Deus.*” (Atos 20:27, RC) *Esquivar* carrega o significado de "agachar ou recolher". *Declarar* nesse contexto, provavelmente significa "pregar". Paulo estava dizendo: "Eu tive a coragem de pregar para vocês tudo o que Deus me deu para vocês". Que todos nós tenhamos o mesmo testemunho.

Pregações Interessantes

Pregar sermões chatos é indesculpável. Quando Deus nos deu a Bíblia, Ele escolheu não nos dar um livro teológico seco e chato (bem, exceto por algumas dessas genealogias e detalhes rituais). Em vez disso, Ele nos deu um relato envolvente, bem-humorado, emocionante, trágico, sangrento, bonito, romântico, aventureiro, intrigante, embaraçoso, relatos fascinantes de Seus esforços para fazer aliança com a humanidade por mais de quatro milênios. Você pode dizer essas coisas e muito mais acerca da Bíblia, mas não pode dizer que é chata. Pelo amor do bom senso, então, por que você se contentaria em fazer sua congregação adormecer quando você tem esse recurso do qual pregar?

Até agora, neste capítulo, avisei-o da mortalidade das distrações e mostrei-lhe os comportamentos no púlpito que funcionam; liberdade do constrangimento, desfrutando do que você está fazendo, gravidade e coragem. Agora olharemos para o bloco de construção básico dos sermões: palavras. A palavra certa no lugar certo exige atenção do seu público como nada mais. Mark Twain disse: "A diferença entre a palavra certa e a palavra quase certa é a diferença entre o raio e um vagalume". E ele estava certo. Palavras podem nos informar; elas também podem nos inspirar. Palavras podem nos levar a saber mais; elas também podem nos levar a *ser* mais. A escolha cuidadosa das palavras é vital para uma boa pregação. Os verbos de ação são melhores que os passivos. Modificadores emocionantes transformam substantivos comuns em detentores de atenção, e ritmo e cadência movem sua congregação para o momento de decisão. Utilizado com moderação, mesmo a aliteração ridicularizada pode tornar uma frase um evento memorável.

Pregação não é escrever porque ouvir não é ler. Não há oportunidade para o ouvinte voltar uma ou duas páginas para revisar o que perdeu enquanto sua mente vagava. A repetição é a única ferramenta que um pregador tem para oferecer ao ouvinte a chance de alcançá-lo. E embora que a repetição seja uma ferramenta eficaz, é melhor manter a atenção deles em primeiro lugar. A atenção não pode ser demandada; deve ser obtida, mantida com cuidado e nutrida, ou está perdida. Realizamos essas coisas usando imagens dramáticas e linguagem memorável. Este é o poder das palavras bem escolhidas.

Assim como martelo e pregos são as ferramentas do carpinteiro, as palavras são as ferramentas do pregador. Ao comunicar nossos pensamentos, usar a ferramenta certa para o trabalho faz toda a diferença.

Considere este parágrafo:

Do riacho no meio do campo, cinco pedras foram escolhidas por Davi e colocadas em seu alforje. Quando viu Davi no campo de batalha, Golias ficou furioso por um jovem ter sido enviado para lutar com ele. Davi disse ao filisteu que ele veio, não confiando em armas ou habilidades, mas em nome do Senhor. Quando Golias correu em sua direção, o pastor pegou uma das pedras, colocou-a na funda e a

atirou no gigante. Ela atingiu Golias na testa e ele caiu no chão. Davi cortou a cabeça com sua própria espada e conquistou a vitória para seu país e seu Deus.

Não é ruim. Os fatos estão aí e o dramático contraste entre o inexperiente Davi e o assassino treinado Golias é pelo menos sutilmente comunicado. Agora vamos aumentar um ou dois pontos:

Davi se mudou para o campo de batalha sem espada, lança ou armadura; tudo o que ele carregava era uma funda que usava desde que era apenas um garotinho. Golias ainda não o notara quando ele se agachou na margem do riacho raso que cortava o campo e lá escolheu cuidadosamente cinco pedras, lisas e redondas. Ele as colocou em seu alforje e continuou seu avanço em direção ao seu destino. Quando Golias viu o pastor, ele ficou furioso. *"Sou eu algum cão para vires a mim com paus?"*, ele rugiu em direção às trincheiras israelitas. *"E, pelos seus deuses, amaldiçoou o filisteu a Davi."*

Davi sentiu seu próprio sangue subir. *"Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado."*

"Venha então", Golias rosnou. *"Vem a mim, e darei a tua carne às aves do céu e às bestas-feras do campo."* Enquanto Golias corria em direção a Davi, sua enorme espada chicoteava arcos no ar, o pastor calmamente alcançou seu alforje, tirou uma das pedras dele, colocou-a na sua funda e começou a girá-la em cima da cabeça.

Quando o gigante se aproximou, quase ao alcance daquela enorme espada, Davi soltou a pedra. Ela voou reta e certa, penetrando na testa de Golias, e o Filisteu caiu no chão. Davi correu para ele, pegou a espada dele e decepou sua cabeça. Quando Davi levantou a terrível lembrança, o exército Filisteu fugiu para salvar suas vidas.

Isso é melhor! Mas o que a torna melhor? Por um lado, exige sua atenção escolhendo palavras mais coloridas e poderosas:

Em vez de: Do córrego no meio do campo, cinco pedras foram escolhidas por Davi e colocadas em seu alforje.

Temos: Golias ainda não o havia notado quando ele se agachou na margem do riacho raso que cortava o campo e lá escolheu cuidadosamente cinco pedras, lisas e redondas.

Na primeira frase, começamos com três frases preposicionais: "do fluxo", "no meio" e "do campo", todos modificadores, todos sem graça. Em seguida, há um verbo de voz passiva e o sujeito em ação: "pedras foram escolhidas", também sem graça. A única ação na sentença é Davi "colocou" as pedras em seu alforje.

Em contraste, a segunda frase está cheia de ação: Golias (não) notara. Ele (Davi) se agachou, o riacho cortou, Davi escolheu. Não há verbos passivos, e mesmo os modificadores foram incrementados: "raso" modifica "ribeiro", começando com "r", e as cinco pedras são modificadas por adjetivos que vêm depois para adicionar drama a eles: *"cinco pedras lisas do ribeiro."*

Observe que adicionamos uma frase no começo para capturar melhor a atenção da congregação: Davi foi para o campo de batalha sem espada, sem lança, sem armadura; tudo o que ele carregava era

uma funda que usava desde que era apenas um garotinho. Examine e compare o restante das duas peças e você encontrará opções de palavras semelhantes que, juntas, tornam a segunda peça mais dramática, colorida e interessante. Cada palavra é escolhida para transmitir uma parte da história de maneira a conquistar e manter o interesse de seus ouvintes.

G. C. Brown e os outros escritores de *Steps to the Sermon*, ao discutir o estilo no púlpito, dizem o seguinte: “O estilo eficaz é, antes de tudo, uma questão de clareza.” Isso certamente é verdade. Mantenha suas palavras curtas e facilmente compreensíveis. As crianças da congregação devem entender o que você está dizendo. Mas a clareza não precisa ser monótona. Adicione um pouco de molho picante e você fará sua congregação ouvir o que você tem a dizer.

Fontes Citadas No Capítulo 10

John A. Broadus, *On the Preparation and Delivery of Sermons*, 4th ed. (New York: Harper Collins, 1979).

Phillips Brooks, *Lectures On Preaching Delivered Before the Divinity School of Yale College in January and February, 1877* (New York: E. P. Dutton, 1878).

Al Fasol, *A Complete Guide to Sermon Delivery* (Nashville: Broadman & Holman, 1996).

Will Willimon, “Turning an Audience into the Church,” in Haddon Robinson and Craig Brian Larson, eds., *The Art and Craft of Biblical Preaching* (Grand Rapids: Zondervan, 2005).

H. C. Brown, Jr., H. Gordon Clinard, Jesse J. Northcutt, *Steps to the Sermon* (Nashville: Broadman Press, 1963).

11

A Unção

O escritor procura transformar sangue em tinta; o pregador procura transformar tinta em sangue.
Charles L. Bartow

“E vós possuíis unção que vem do Santo...”
João, filho de Zebedeu

Preparar uma declaração de propósito, usando o impacto emocional de nossas declarações, preservando a lógica de nossos pensamentos, escolhendo a palavra certa, bem como todas as outras ferramentas de falar em público que discutimos até agora neste livro, são essencialmente técnicas carnavais. Além do fato de estarmos comunicando a Palavra de Deus, as coisas que estudamos nos últimos quatro capítulos funcionam para qualquer tipo de falar em público. Isso ocorre porque, por tentativa e erro, os palestrantes nos últimos dois milênios e meio descobriram que essas ferramentas funcionam simplesmente porque tocam os seres humanos em um nível profundo, quase subconsciente. E porque eles usam a natureza humana básica para produzir resultados, eles funcionam para qualquer pessoa, com qualquer agenda. Quando perguntado como fazer um discurso, Winston Churchill respondeu de maneira fiel à sua forma. Ele disse ao seu interlocutor: “Se você tem uma declaração importante a fazer, não tente ser sutil ou engenhoso. Use uma bate-estaca. Bata o ponto uma vez. Então volte e bata nisso novamente. Depois, bate uma terceira vez - um tremendo golpe.” Isso, permitindo a linguagem colorida de Churchill e o toque hábil de sarcasmo, é uma descrição perfeita do que estudamos neste livro. Essas técnicas têm sido usadas por grandes oradores há séculos. Churchill e Roosevelt os usaram. Mas Hitler, Mussolini e Stalin também o fizeram.

O que isso significa para nós é que devemos ter algo mais do que um domínio da técnica. Não devemos ser vítimas, por causa de talento inato ou habilidade adquirida, para nos tornarmos manipuladores cínicos da igreja e dos perdidos. Não devemos usar apelos baratos à emoção: histórias, ilustrações e aplicações questionáveis de doutrinas e textos Bíblicos, que podem ser dramáticos, mas são vazios e totalmente desconectados das Escrituras. Não devemos labutar apenas para tocar corações sem nos importar se os transformamos. Esse tipo de pregação roubou a igreja, desacreditou o chamado e até criou um senso tanto para os santos quanto para os pregadores de que a pregação é superficial, desinformada e manipuladora. Ouvimos isso em comentários como: “Temos reuniões suficientes que apenas oferecem inspiração (leia-se: pregação); precisamos de ferramentas práticas e de ensino mais do que inspiração!” Não quero desprezar o ensino e o treinamento; de fato, sou a favor de mais de ambos.

(Foi por isso que escrevi este livro.) Mas não devemos deslocar a pregação do lugar principal que é dado pelas Escrituras, julgando-a indigno de permanecer ali.

Não devemos ser manipuladores, mas verdadeiros homens e mulheres de Deus, comprometidos com a Palavra de Deus e com aqueles que nos ouvem pregar. Devemos trazer a eles não carnalidade, mas verdadeira espiritualidade. Neste capítulo, exorto-lhes, acima de tudo, a buscar a unção do Espírito para sua pregação.

Nunca seja satisfeito com nada menos que o sobrenatural. Use as técnicas que estudamos para o que elas são: ferramentas para tornar nossa pregação o mais eficaz possível. Mas nunca esqueça que elas não estão onde reside nosso poder. Mergulhe essas ferramentas em oração e dedique-as ao uso do Espírito Santo. Não confie nas ferramentas, confie apenas Nele: somente então aqueles que nos ouvirem não serão apenas movidos, mas transformados.

É difícil descrever a unção; é verdadeiramente sobrenatural. Às vezes, o milagre acontece e tudo funciona. Toda a preparação, tanto do sermão quanto do seu próprio coração, a adoração que edificou o ambiente propícia do culto, tudo se reúne em um momento de unção inacreditável. A maior parte da prosa é sua, mas você sabe que nunca poderia ter escrito a música. Os ritmos são de outro lugar, de outro ser.

Quando você olha suas anotações, elas estão vivas. Nuances, revelações inteiras que você não viu em seu estudo, agora são aparentes e chegam aos seus lábios com uma eloquência que você não poderia ter criado nos tempos calmos. Você se transformou em labaredas de fogo. As profundezas se romperam e sua própria alma é exposta. As pessoas que lhe ouvem estão envolvidas, porque você está envolvido; eles estão simplesmente seguindo você.

Você está na corda bamba, mas não se importa. Alguma voz lhe adverte que poderia dizer algo tolo, mas você a ignora. Outra voz mais profunda do seu lado humano, talvez até um lado mais sombrio, onde haja frustração, decepção ou até orgulho, tenta se intrometer com palavras carnis, mesmo insultantes ou mesquinhas, mas você as ignora também. Isso é puro, isso é verdade, e está vindo de você e Dele, e isso é a verdadeira pregação.

Chegar a este lugar, permitindo que isso aconteça, é o objetivo mais alto de nosso chamado. Assim a pregação é muito mais do que falar, mais do que simplesmente dizer palavras, mesmo palavras da verdade eterna; nisso vidas são mudadas, milagres acontecem, tanto em corpos como em corações. Essa pregação era o que fez Félix tremer, Festo gritou "Paulo, você é louco!" Agripa estava quase convencido, e a multidão no Pentecostes implorava a Pedro que lhes dizer: "*O que devemos fazer?*" Chegando a este ponto de unção é a totalidade de sua vida, é nisto que o trabalho de sua vida é realizado.

Ela estava falando acerca de escrever, mas também vale a pena na pregação: Sophy Burnham diz: "Quando tudo está indo bem, as palavras fluem da ponta de seus dedos; você está imerso na música. Você não poderia contar a ninguém que música está ouvindo, que êxtase você sente. 'Eu escuto as vozes,' diz Faulkner."

Nem sempre é assim, é claro; às vezes você não voa nem canta, apenas se conduz com dificuldade. Mas quando a unção acontece, não há nada que iguale. Como podemos fazer isso acontecer mais? Como podemos entrar neste lugar alto com mais frequência? Não podemos fabricar essa sinergia com o Espírito Santo, apenas podemos fazer as coisas que convidam a Sua vinda, tornar-se disponível e ser capaz de

reconhecer e aproveitar a oportunidade quando ela vier. Algumas dessas coisas são simples, como descansar o suficiente, para que nos envolvamos física e emocionalmente no púlpito; outros são mais difíceis, como abandonar as distrações, não pregar de nossa própria dor e, pelo momento, nos esquecer verdadeiramente.

É claro que você não deve se deixar levar pelo estudo por essa inspiração. Lembro-me de um pregador bem conhecido e muito bom, que na inspiração do momento perdeu totalmente sua congregação e o culto quando ele exuberantemente expressou uma "verdade" que ocorreu a ele naquele local, mas era patentemente falsa em termos das Escrituras, e todos da congregação sabia disso. Ele passou meses, até anos, tentando explicar e fazer esse desliz desaparecer. Deixe a inspiração da congregação e a unção do Espírito abrir seu pensamento, inspirar sua linguagem, envolver sua imaginação, mas sempre mantenha-se fundamentado naquilo que você sabe ser a verdade.

Não estou falando do ímpeto que vem de uma conexão com uma congregação. Embora notável, isso é apenas uma coisa carnal e terrena. Quando um palestrante transcende seus argumentos e realmente inspira a si mesmo e a sua congregação (por exemplo, *Eu tenho um sonho! Ich bin ein Berliner! Essa foi a sua melhor hora! Sr. Gorbachev, derrube esse muro!*), essa sinergia ocorre.

O "discurso perdido" de Abraham Lincoln foi proferido em 29 de maio de 1856, na Convenção Republicana do Estado de Illinois, em Bloomington, e foi descrito como o maior discurso que ele já fez. Não sabemos se foi ou não, porque, como escreve Paul Angle: "Tão poderosa foi sua eloquência que os repórteres se esqueceram de tomar notas do que ele estava dizendo. Vários começaram, mas em poucos minutos foram totalmente capturados pelo poder do orador, e seus lápis estavam inertes." Segundo Robert Norton, cerca de quarenta repórteres estavam presentes, mas, como a plateia de mais de mil pessoas, estavam "simplesmente hipnotizados".

"A platéia ficou encantada", diz Benjamin Thomas. "Os homens ouviram como se estivessem paralisados. Os repórteres se esqueceram de usar os lápis nas mãos, de modo que nenhum registro completo e autêntico do que pode ter sido seu maior discurso jamais foi encontrado. No final, o salão estava cheio de aplausos."

Foi isso que Aristóteles quis dizer quando falou em envolver emocionalmente seus ouvintes se você deseja convencê-los de que seus argumentos são verdadeiros. É oratório no melhor e mais eficaz. Mas não é sobrenatural, não é a unção.

Pregar a Palavra de Deus é uma ocorrência espiritual. Deus usa a sinergia entre orador e ouvinte para implantar a verdade no coração humano, levar os necessitados a fazer o que podem que atende às suas necessidades e salvar os que creem. Ele faz isso através do Seu Espírito. Isto é o que chamamos de unção. Uma apresentação morta e seca ainda da verdade divina pode deixar o ouvinte frio e indiferente, mas o poder de uma verdadeira conexão no Espírito entre o pregador e sua congregação é o canal pelo qual o Espírito de Deus faz a Palavra viver. Não tema essa unção; está no coração de toda grande pregação. Aprenda a dirigi-lo, aproveitá-lo. Não se perca na emoção que ela gera, mas deixe que essa emoção dê asas às suas palavras e você pregará além do seu talento, habilidade e destreza.

Se essa unção é a fonte do verdadeiro poder da pregação, precisamos nos preocupar com extensas anotações, contornos e até partes completamente escritas de nossos sermões? Absolutamente. As notas escritas das quais pregamos não são projetadas para sufocar essa inspiração do momento, mas para complementá-la. De fato, em minha própria experiência, quanto mais familiarizado estou com os fatos,

os eventos Bíblicos, a base das Escrituras do sermão, maior a probabilidade de vir a unção. O conforto que eu sinto quando tenho uma boa compreensão da minha mensagem e boas anotações as quais possa retornar apesar de onde a unção possa me levar, me libera para responder ao poder da unção. Quando estou me concentrando muito em simplesmente me lembrar exatamente do que estou tentando dizer, tais como os pontos do sermão, as ilustrações, o fluxo dos argumentos e os fatos que apoiam tudo isso, menos me sinto extasiado pela unção. Observa, grandes pregadores como Anthony Mangun e Mike Williams, que frequentemente leem grandes segmentos dos seus sermões, contudo à medida que o sermão progride e o poder da apresentação afeta a congregação, se movem para a unção. Você verá que, quando a unção chega, ela eleva o pregador, o sermão e a congregação a um estado superior. O mesmo é a verdade acerca de outros pregadores de destaque como Wayne Huntley, Jack Cunningham e Scott Graham. Testemunhei isso em grandes pregadores do passado, como C. M. Becton e J. T. Pugh. Todos esses pregadores e muitos, muitos outros trabalham, e trabalham duro para preparar seus sermões, mas sempre permitiram que o sobrenatural entrasse em sua pregação.

O sermão mais brilhantemente preparado e incrivelmente bem conhecido é uma perda de tempo, a menos que seja acompanhado pela unção. Busque a unção, abra seu coração para ela, permita que ela entre no culto. Você não precisa terminar o sermão, mas deve ter um mover de Deus.

Paulo Era A Favor Ou Contra?

Às vezes, tenho sido mal interpretado quando falo sobre a passagem das Escrituras que inspirou o título deste livro. Vamos ver novamente.

“Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos. Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.” (1 Coríntios 1:19-24)

Duane Litfin, em seu livro *Paul's Theology of Preaching*, destaca que os quatro primeiros capítulos de 1 Coríntios formam um relato sem par e esclarecedor do conceito da pregação de Paulo: o que é, como funciona e o que faz. Paulo estabelece para todo o tempo a primazia da pregação na vida cristã e o que a torna tão importante. Nesses capítulos, ele esclarece como a pregação deve ser feita.

Nesta passagem do capítulo 1, Paulo contrastou interesses conflitantes na vida e no papel da igreja: os Judeus queriam sinais, os Gregos queriam sabedoria, mas, Paulo afirmou, nós pregamos. É inevitável notar que Paulo elevou a pregação acima da busca por sinais e da busca por sabedoria. De fato, uma leitura pouco cuidadosa pode levar à conclusão de que Paulo posicionou a pregação no lugar das outras duas e, assim, excluiu a busca de sinais e sabedoria da vida do cristão.

Por causa disso, alguns têm insistido que isso significa que Paulo era contra - em maior ou menor grau - a demonstração sobrenatural do Espírito e o desejo de estudar e buscar educação. Quando essa passagem é pregada, por causa da paixão que esse assunto suscita, infelizmente, é isso que alguns ouvem. Dependendo dos interesses do indivíduo, isso cria alguma confusão e não pouco desacordo.

Portanto, é importante interpretar corretamente a posição de Paulo acerca desse importante assunto. Paulo era contra e a favor de que? Como em todas as Escrituras, essa passagem deve ser vista no contexto, não apenas com seus próprios versículos circundantes, mas com toda a coleção dos escritos de Paulo. Acreditar que Paulo era contra o aprendizado é para ignorar seu conselho a seu jovem protegido, Timóteo: *“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.”* (II Timóteo 2:15) Da mesma forma, afirmar que Paulo em 1 Coríntios 1 pôs a pregação em oposição ao sobrenatural é esquecer sua declaração à mesma igreja na mesma carta, de fato, apenas um capítulo depois: *“A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder”*. (I Coríntios 2:4) Esse versículo aumenta a confusão e o debate, porque levou alguns a acreditar que Paulo era contra sermões planejados e estruturados, especialmente aqueles que usam técnicas retóricas de persuasão, e que ele endossava apenas a demonstração do sobrenatural!

Como reconciliamos tudo isso? Parece-me que devemos lembrar por que Paulo escreveu essas coisas. O apóstolo estava tentando ajudar uma igreja cheia de demonstração e poder (*“De maneira que nenhum dom vos falta”*, ele lhes disse em 1:7), mas lutava com carnalidade e competição. O povo tinha passado a considerar a pregação como uma espécie de competição, chegando a escolher para qual pregador eles torceriam: *“Eu sou de Paulo!” “Eu sou de Apolo!” “Eu sou de Cefas!” “Eu sou de Cristo!”*

Paulo estava combatendo esse espírito divisivo e carnal insistindo que a pregação é o cerne do que a igreja é, e tudo o mais encontra seu lugar em relação à pregação. Ele não insiste que a pregação é tudo o que existe, ele não cria uma competição entre usar a técnica retórica por um lado, e a demonstração sobrenatural, por outro, com a pregação no meio. Em vez disso, ele reconhece o papel de todas essas coisas e as conecta. Pregar é mais importante que sinais e buscar sabedoria, mas a pregação contém ambas essas coisas e é incompleta sem elas. Para Paulo, é uma questão de ênfase. Quando ele diz: *“Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo”*, ele está dizendo que valorizamos os aspectos essenciais do sobrenatural e da sabedoria, mas, para nós, eles encontram seu lugar na pregação do evangelho. É a pregação do evangelho que enfatizamos. Então, de acordo com Paulo, nossos sermões devem ser bem pensados, o resultado de um estudo cuidadoso da Palavra de Deus, e reunidos usando as ferramentas mais eficazes possíveis. Mas, quando entregues, esses sermões devem ser vivificados pela presença do sobrenatural; sem a unção eles não podem realizar o que deveriam. A pregação ungida deve ser acompanhada pela demonstração do poder de Deus. Cultos de altar, imposição de mãos, filas de oração para cura, um mover impetuoso de Deus que prostram os seres humanos, traz lágrimas e risadas, gritos e louvores, não devem ser raros ou mesmo ocasionais, eles devem ser uma parte consistente de nossa pregação.

Então, Paulo era a favor e contra o que? Deixe-me o colocar dessa forma: Paulo insistiu que, em contraste aqueles que buscam sinais, que esperam conhecer a Deus seguindo manifestações sobrenaturais presumidas e depositam sua confiança nelas, e em contraste aqueles que buscam conhecimento, que esperam encontrar Deus na profunda acumulação de conhecimento seco e depositam sua confiança na sabedoria, nós pregamos. Pregamos com conhecimento: fiéis à Palavra de Deus, manejando-a corretamente; mas também pregamos com unção: a presença poderosa e sobrenatural de Deus. Ao fazer isso, nossa confiança repousa, não na técnica retórica, nem na superstição, mas apenas em Deus.

Para Onde a Unção Conduz

A unção tem um propósito além de inspirar o pregador e a congregação. Quando o Espírito se move em um sermão, ele se move em direção à meta de atender às necessidades daqueles que estão lá. Às

vezes, a unção comove tanto a congregação que eles simplesmente não esperam que você termine. Seja sensível às pessoas e ao Espírito Santo e para! Vários anos atrás, eu estava pregando na Conferência Geral das Filipinas. As multidões eram enormes. (Lembro-me de que eles disseram que cerca de dez mil estavam presentes.) Pregador foi um prazer, embora que eu pregasse por meio de intérprete. As pessoas eram receptivas, atenciosas e a unção era rica e poderosa. Uma noite, eu provavelmente não estava pregando mais de dez minutos; Lembro que nem sequer terminei a introdução, quando houve um movimento varredor do Espírito Santo. Quase como uma só pessoa, aquela grande multidão se levantou e adorou com todo o coração. Tanto quanto pude ver, nas fileiras de trás da galeria as pessoas gritavam, dançavam e oravam. As pessoas estavam recebendo o Espírito Santo em toda parte. Eu incentivei um pouco, depois entreguei o culto ao líder do culto e me juntei aos demais na adoração. Mais tarde, um dos líderes nacionais me agradeceu por não pregar mais, mas por deixar o Espírito seguir seu caminho. Eu agradei a ele. Mas o que eu queria dizer era: “Que escolha eu tinha? Deus assumiu o controle!” Eu também queria dizer que tinha aprendido o que sei de ser a maneira mais difícil, por pregar e sufocar o mover de Deus porque pensei que o que eu tinha a dizer era mais importante do que o que o Espírito estava fazendo. Eu aprendi que isso jamais é o caso.

Supondo que o Espírito não interrompa sua mensagem, ao iniciar a seção de encerramento que você criou com tanto cuidado, verifique se você é sensível ao que está acontecendo na congregação. Observe os rostos e a linguagem corporal. Eles estão prontos para responder à presença de Deus? Às vezes, um ou dois chegam ao altar enquanto você ainda está pregando; eles são a exceção, talvez especialmente tocados por causa de uma situação em suas vidas que os deixou desesperados por Deus? Ou, o que eles estão sentindo é compartilhado por muitos ou mesmo pela maioria da congregação? Se você vê sinais de emoção, fome e vontade de responder a Deus em toda a congregação, é hora de parar de pregar.

Ao mesmo tempo, seja sensível ao Espírito. O que Deus está dizendo? Como Ele deseja que você conduza esse momento climático do culto? Ele conhece todas as necessidades de todas as pessoas presentes. Permite que Ele o direcione para ajudar as pessoas a superar a dúvida, afastar o medo e receber o que precisam. Às vezes, os pregadores me perguntam: “Você chama para o altar depois de cada sermão?” A resposta simples é sim. Mas deixe-me qualificá-la citando Jonathan McClintock em seu excelente livro, *Life Preaching*: “Nem todo sermão exigirá um chamado para o altar - no sentido tradicional, mas todo sermão deve levar à oração. Se você está querendo que o povo decida se arrepender ou se alegrar, se render ou expressar fé, você deseja que eles invoquem o nome do Senhor.” É neste momento onde você deve ser sensível ao Espírito. O que Deus quer fazer?

Às vezes, eu sinto um desejo para enfatizar o recebimento do dom do Espírito Santo. Vou levar alguns momentos e descrever brevemente o que é, e como é para todos, e como recebê-Lo. Se eu me sentir motivado, liderarei uma oração corporativa de arrependimento, muitas vezes não. Às vezes, simplesmente convidarei todos os que desejam o dom do Espírito Santo que se apresentam primeiro na frente. Geralmente direi algo como: “Se você vier, alguém virá com você, você não estará sozinho.” Isso sinaliza aos santos que incentivem as pessoas a seu redor a virem. Às vezes, depois de falar acerca do Espírito Santo, pedirei a qualquer pessoa que queira receber o Espírito Santo que diga à pessoa ao seu lado: “Eu quero o Espírito Santo”. Isso faz duas coisas: leva-os a uma decisão pedindo-lhes que faça algo mais simples do que chegar à frente e comprometa a pessoa com quem eles falam para fazer parte do processo. Peço então que ambos venham para a frente.

Às vezes, eu sinto impelido para enfatizar a cura ou outras áreas de necessidade humana. Se houver a possibilidade de constrangimento: problemas conjugais, depressão, problemas financeiros, eu os

reunirei com outras coisas, como querer um novo toque de Deus, precisar de orientação para sua vida, e assim por diante. É importante mencionar essas categorias de necessidade. Um chamado genérico aberto para orar não é tão eficaz quanto um chamado focalizado, pois as pessoas verão a si mesmas e suas necessidades mais claramente quando elas são nomeadas.

Às vezes, talvez na maioria das vezes, não sinta ênfase em uma necessidade específica, mas quero que todos se reúnam. Ainda menciono necessidades, atando-as, se possível, ao que acabei de pregar. “O pródigo encontrou o pai esperando de braços abertos, Deus está esperando para recebê-lo!” “A mulher disse que se eu puder apenas tocar na bainha de suas vestes, estarei curada! Venha, você também pode ser curado!” “Esses quatro leprosos não esperaram um tempo melhor, eles sabiam que não havia tempo melhor, eles se levantaram e foram imediatamente! Venha agora, agora é a melhor hora. A ajuda está aqui agora!

Você ainda pode segmentar o apelo, isto é, mencionar uma necessidade e instá-los a vir, depois passar para outra necessidade.

Em algum momento convida todos. Deixe claro que o único requisito é necessidade. “Você pode se juntar a nós por alguns momentos de oração para encerrar nosso culto. Você não precisa ser Pentecostal, nem precisa ser cristão ou mesmo religioso; qualquer um pode vir. Venha agora, vamos passar um tempo conversando com o Senhor.”

Então junte-se aos que estão orando. Você estará cansado e exausto, mas ore com as pessoas de qualquer maneira. É para isso que serve todo o estudo, pensamento e preparação. É por isso que você é um pregador, porque Jesus veio, porque há uma Bíblia. É isso que significa ser pregador; proclamar o evangelho para que homens, mulheres e crianças sejam salvos.

Fontes Citadas no Capítulo 11

Winston Churchill on speechmaking:

<http://www.brainyquote.com/quotes/quotes/w/winstonchu111314.html>

Sophy Burnham, *For Writers Only* (New York: Ballantine, 1994).

Paul M. Angle, ed., *The Lincoln Reader* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1947).

Robert Norton, Abraham Lincoln Research Site, <http://rogerjnorton.com/Lincoln2.html>

Benjamin P. Thomas, *Abraham Lincoln, A Biography* (New York: Alfred A. Knopf, 1952).

Duane Litfin, *Paul's Theology of Preaching: The Apostle's Challenge to the Art of Persuasion in Ancient Corinth* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2015).

Jonathan McClintock, *Life Preaching* (Hazelwood, MO: Word Aflame Press, 2015).

Epílogo

Jó está sentado nas cinzas, “consolidado” por seus amigos/acusadores. Há um vulcão de palavras, rugindo, tombando uma sobre a outra. Não se pode escapar da impressão de pavões se esforçando para impressionar, tentando superar um ao outro. Até Jó, em sua própria defesa, busca frases finas e realiza proezas verbais impressionantes.

Agora, a convite insistente de Jó, o Senhor chegou.

Agora, finalmente, os que falam ficam em silêncio enquanto Ele fala:

“Ou poderás tu atar as cadeias do Sete-estrela ou soltar os laços do Órion? Ou fazer aparecer os signos do Zodíaco ou guiar a Ursa com seus filhos? Sabes tu as ordenanças dos céus, podes estabelecer a sua influência sobre a terra? Podes levantar a tua voz até às nuvens, para que a abundância das águas te cubra? Ou ordenarás aos relâmpagos que saiam e te digam: Eis-nos aqui?” (Jó 38:31–35)

Deus está mostrando a Jó e seus amigos a loucura de seu debate: eles usam muitas palavras, mas estão apenas desperdiçando seu tempo porque estão se tornando especialistas em coisas que não entendem. E, na medida em que fazem a diferença, as palavras deles não importam nada. Não há poder em suas palavras para mudar suas circunstâncias, ou qualquer outra coisa. Para ilustrar, Ele cita três áreas óbvias onde as palavras falham:

em comandar corpos celestes em trazer chuva
ao chamar um raio do céu

Nenhuma palavra, por mais forte que seja, poderia realizar essas três coisas. Mas anos após o tempo de Jó, as palavras dos homens realizariam todas essas três coisas.

Josué falou palavras, e o sol permaneceu no auge do céu e a lua estava no vale de Aijalom.

Elias parou a chuva com meras palavras e três anos e meio depois ele falou, e as chuvas voltaram.

Elias ficou parado diante do altar de pedra encharcada e chamou o relâmpago, que pulou de pé e disse: “Eis-me aqui.”

O que está acontecendo nessa história? Deus estava errado quando repreendeu Jó e seus amigos por sua loucura? De modo nenhum. Não apenas a lei, mas de fato todos os tratos de Deus com o homem eram um aio, nos ensinando. Ensinar não é um processo instantâneo. Nem o aluno permanece em um nível até o processo terminar; ele ou ela aprende e *põe em uso o que é aprendido*.

Deus estava, passo a passo, revelando o poder das palavras, até que os limites foram derrubados. Aquelas coisas que eram impossíveis no tempo de Jó se tornaram possíveis nos de Josué e Elias. Palavras estavam ganhando poder.

Mas não parou.

Lembra-se de Ezequiel e o vale dos ossos secos? Foram palavras, meras palavras, pregadas por um pregador aos remanescentes sem ouvir de um exército morto há muito tempo que trouxeram ressurreição e vida.

Mas não parou.

A Palavra foi feita carne e habitou entre nós. Todos os tipos de doenças foram curados, milagres foram feitos. Ele declarou que se você disser à montanha "Seja removida!", Ela será removida. Ele disse que tudo o que pedíamos em Seu nome era possível.

Mas não parou.

Lembra-se da descrição preocupante de Deus das limitações das palavras dos homens para Jó e seus acusadores? Eu disse que havia três, mas na verdade havia quatro. O quarto poderia ter muito pouco significado para Seus ouvintes: *"Sabes tu as ordenanças dos céus, podes estabelecer a sua influência sobre a terra?"* Agora entendemos mais, porque essa limitação não tem significado físico, mas espiritual. Não estava no poder das palavras fazer essas coisas até que a morte fosse destruída e a salvação chegasse: *"Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus."* (Mateus 16:19)

É por isso que a pregação é o culminar da lenta educação de Deus para a humanidade. Milhares de anos de cuidadoso planejamento de Deus, treinamento meticuloso e instrução do paciente alcançaram seu auge na pregação do evangelho. Limitações se foram. As respostas para as grandes questões de tempo e eternidade são encontradas nas vozes de homens e mulheres.

Agora, as palavras de um ser humano podem afetar a eternidade. Agora vemos o poder supremo das palavras: Ele agradou a Deus pela tolice de pregar para salvar. Nós não salvamos, mas o evangelho pregado salva. Agora, devido ao poder das palavras, homens e mulheres podem ter vida eterna.

Não admira que Paulo tenha dito que somos o sabor da vida e da morte. Em nossas vozes está o próprio poder da vida e da morte sobre aqueles que nos ouvem. E quem é suficiente para essas coisas?

Agradecimentos

Tantas pessoas ofereceram incentivo e ajuda durante a conclusão deste livro, seria impossível listá-las todas aqui. Existem alguns, no entanto, a quem sou profundamente grato. Ao Dr. Robin Johnston, editor-chefe da Igreja Pentecostal Unida Internacional e meu amigo, um incentivo constante que nunca perdeu a oportunidade de me lembrar de perseverar. Para a equipe do Word Aflame: editores, artistas gráficos e equipe de produção. Para David Johnson, que fez um livro melhor. Ao Dr. David Norris, que me incentivou a escrever e ajudou a melhorar o artigo que serviu de base para os capítulos dois e três. Ao Dr. Jeffrey Brickle, que me ensinou a amar os livros ainda mais do que nunca, e a não ter medo do Grego. A Tim Dugas e o corpo docente do Gateway College of Evangelism, que me pediram para ensinar acerca da pregação anos atrás. E minha esposa, Phyllis, sempre minha primeira leitora e primeira editora, e o amor da minha vida. E, finalmente, meu neto, Gavin, de sete anos, que, embora sentisse que, eu por vezes, passava tempo demais escrevendo, tirava muito tempo do brincar com ele, no final anunciou que estava orgulhoso de papai por escrever este livro. Obrigado a todos.

Bibliografia

- Achtemeier, Paul J. *Romans*. Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching. Louisville: John Knox Press, 1985.
- Ailes, Roger and Jon Kraushar. *You Are the Message: Secrets of the Master Communicators*. New York: Bantam Doubleday Dell, 1989.
- Angle, Paul M., ed. *The Lincoln Reader*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1947.
- Barclay, William. *The Letter to the Romans*. Revised edition. Edinburgh: The Saint Andrews Press, 1975.
- Bernard, David K. *The Apostolic Church in the Twenty-First Century*. Hazelwood, MO: Word Aflame Press, 2014.
- . *The Apostolic Life: Perspectives on Christian Living, Doctrine, and Ministry*. Hazelwood, MO: Word Aflame Press, 2006.
- . *Spiritual Leadership in the Twenty-First Century*. Hazelwood, MO: Word Aflame Press, 2015.
- Blackwood, Andrew Watterson. *The Preparation of Sermons*. Nashville: Abingdon-Cokesbury, 1948.
- Boreham, F. W. “Breaking the News” and “A Tangled Skein” in *Wisps of Wildfire*. London: Epworth Press, 1924.
- Broadus, John A. *Lectures on the History of Preaching*. New York: Sheldon, 1886.
- . *On the Preparation and Delivery of Sermons*. Fourth edition. New York: Harper Collins, 1979.
- Brooks, Phillips. *Lectures On Preaching Delivered Before the Divinity School of Yale College in January and February, 1877*. New York: E. P. Dutton, 1878.

Brown, H. C., Jr., H. Gordon Clinard, Jesse J. Northcutt.
Steps to the Sermon. Nashville: Broadman Press, 1963.

Burnham, Sophy. *For Writers Only*. New York: Ballantine, 1994.

Carson, D. A., R. T. France, J. A. Motyer, and G. J. Wenham, eds. *New Bible Commentary: 21st Century Edition*. 4th ed. Leicester, England; Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994.

Chambers, Stanley. "Can the United Pentecostal Church Survive the Onslaught of History?" Preached at the General Conference of the United Pentecostal Church International in 1967.

Chappell, Clovis. "A Good Man's Hell." In *Sermons on Biblical Characters*. Garden City, NY: Doubleday Doran, 1928.

———. "The Woman of the Shattered Romances." In *Sermons on Biblical Characters*.

Dargan, E. C. *A History of Preaching*. New York: George H. Doran Co., 1905.

Demaray, Donald E. *An Introduction to Homiletics*. Grand Rapids: Baker, 1974.

Dewey, Joanna. "Textuality in an Oral Culture: A Survey of the Pauline Traditions." In *Orality and Textuality in Early Christian Literature*, edited by Joanna Dewey and Elizabeth Struthers Malbon. Atlanta: Scholars Press, 1994.

Edwards, Johnathan. "Sinners In the Hands of an Angry God." Available from several online sources. <http://www.jonathan-edwards.org/Sinners.html>. Accessed July 30, 2016.

Fasol, Al. *A Complete Guide to Sermon Delivery*. Nashville: Broadman & Holman, 1996.

Friedrich, Wolfgang. "Preaching." In *Theological Dictionary of the New Testament*, edited by Gerhard Kittel and Gerhard Friedrich; translated by Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1964–76.

Gossip, Arthur John. "What Christ Does for a Soul." In *From the Edge Of the Crowd*. Edinburgh: T & T Clark, 1924.

Guidroz, V. A. "The Death March." <https://www.pentecostalherald.com/articles/article/old-sermons-still-live-preaching-vily-able-guidroz>. Accessed July 30, 2016.

Hall, J. L. and David K. Bernard, eds. *The Pentecostal Minister*. Hazelwood, MO: Word Aflame Press, 1991.

Hersey, John. *Hiroshima*. New York: Alfred A. Knopf, 1946.

Jones, Jerry. "Knowing Where to Run." In *Amnon Had a Friend and Other Sermons*. Hazelwood, MO: Word Aflame, 2006.

- Jordan, J. Mark. *Living and Leading in Ministry*. Hazelwood, MO: Word Aflame Press, 2006.
- Kesler, Jay. "Overfed, Underchallenged." In *The Art and Craft of Biblical Preaching*, edited by Haddon Robinson and Craig Brian Larson. Grand Rapids: Zondervan, 2005.
- Lange, John Peter, Philip Schaff, F. R. Fay, and M. B. Riddle;
J. F. Hurst, tr. *A Commentary on the Holy Scriptures: Romans*. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2008.
- Larsen, David L. *The Company of the Preachers: A History of Biblical Preaching from the Old Testament to the Modern Era*. Grand Rapids: Kregel Academic & Professional, 1998.
- Litfin, Duane. *Paul's Theology of Preaching: The Apostle's Challenge to the Art of Persuasion in Ancient Corinth*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2015.
- Masefield, John. "Truth." In *The Story of a Round House and Other Poems*. New York: MacMillan, 1912.
- McClintock, Jonathan. *Life Preaching*. Hazelwood, MO: Word Aflame Press, 2015.
- Norton, Robert. Abraham Lincoln Research Site, [http:// rogerjnorton.com/Lincoln2.html](http://rogerjnorton.com/Lincoln2.html). Accessed July 30, 2016.
- Pitt-Watson, Ian. "Lifeblood of Preaching." In *The Art and Craft of Biblical Preaching*.
- Pollan, Michael. *A Place of My Own: The Education of an Amateur Builder*. New York: Bantam Doubleday Dell, 1997.
- Robinson, Haddon and Craig Brian Larson, eds. *The Art and Craft of Biblical Preaching*. Grand Rapids: Zondervan, 2005.
- Runia, Klaas. "What is Preaching According to the New Testament?" The Tyndale Biblical Theology Lecture for 1976, delivered at the School of Oriental and African Studies, London, on January 4th, 1977.
- Sangster, William E. *The Craft of Sermon Construction*. Philadelphia: Westminster Press, 1950, 1951.
- Sangster, William. *The Approach to Preaching*. London: Epworth Press, 1951. Reprinted. Grand Rapids: Baker, 1974.
- Sproul, R. C. *The Gospel of God: An Exposition of Romans*. Great Britain: Christian Focus Publications, 1994.
- Spurgeon, Charles H. "The Stone Rolled Away." In *Twelve Sermons on the Resurrection*. Grand Rapids: Baker, 1968.

- Stitzinger, James F. "The History of Expository Preaching." In *Rediscovering Expository Preaching*, edited by John McArthur, Jr., Richard L. Mayhue, and Robert L. Thomas. Dallas: Word Publishing, 1992.
- Stott, John R. W. "A Definition of Biblical Preaching." In *The Art and Craft of Biblical Preaching*.
- Stott, John R.W. *Between Two Worlds*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982.
- Thomas, Benjamin P. *Abraham Lincoln, A Biography*. New York: Alfred A. Knopf, 1952.
- Warren, Rick. "The Purpose-Driven Title." In *The Art and Craft of Biblical Preaching*.
- Wiersbe, Warren W. *The Bible Exposition Commentary*. Wheaton, IL: Victor Books, 1996.
- Willimon, Will. "Turning an Audience into the Church." In *The Art and Craft of Biblical Preaching*.
- Yaghjian, Lucretia. "Ancient Reading." In *The Social Sciences and New Testament Interpretation*, edited by Richard Rohrbaugh. Peabody, MA: Hendrickson, 1996.